EDIÇÃO HISTÓRICA

PLACAR

Nº 1079 JANEIRO DE 1993 Cr$ 50 000,00

CAMPEÕES 92

SPORT-PE

PAYSANDU-PA

SÃO PAULO-SP
A MÁQUINA QUE GANHA TUDO

VITÓRIA-BA

GOIATUBA-GO

FLAMENGO-RJ
BRASIL CINCO VEZES MENGÃO

BRUSQUE-SC

LONDRINA-PR

CRUZEIRO-MG
O SUPERBRILHO DA SUPERCOPA

AUTO ESPORTE-PB

SORRISO-MT

VASCO-RJ
O MAIS NOVO INVICTO DO RIO

DESPORTIVA-ES

TAGUATINGA-DF

INTERNACIONAL-RS
O BI GAÚCHO E A COPA DO BRASIL

RIO BRANCO-AC

4 DE JULHO-PI

ATLÉTICO-MG
A PRIMEIRA CONMEBOL

AMÉRICA-RN

SUL AMÉRICA-AM

SERGIPE-SE

CRB-AL

JI-PARANÁ-RO

NOVA ANDRADINA-MS

SAMPAIO CORRÊA-MA

POSTERS GIGANTES DO SÃO PAULO, VASCO, CRUZEIRO E INTER

SUPERPOSTERS DO ATLÉTICO E FLAMENGO

POSTERS DE TODOS OS CAMPEÕES

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci, Edvard Ghirelli Filho, Ricardo A. Setti, Vanderlei Bueno

PLACAR

REDAÇÃO
Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti
Redator-Chefe: Sérgio F. Martins
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórteres: Paulo Coelho e Manoel Coelho (colaborador)
Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e José Jonas de Lima (colaboradores)
Assistentes de Produção: Sebastião Silva, Wander Roberto de Oliveira e Sidnei Augusto da Silva (colaborador)

APOIO EDITORIAL
Abril Press --Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

MARKETING
Diretor: Carlos Herculano Ávila
Gerente de Produto: Mônica Panelli
Assistente: Tereza Itália Di Giorgio

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Gerentes: Dario Castilho Azevedo, Moacyr Guimarães, Olavo Ferreira, Roberto Nascimento (SP)
Gerente de Promoção: Jacira Fernandes de Barros
Coordenação de Publicidade: Sadako Sigematu (supervisora), Alberto Vieira Martins (coordenador)
Representantes: Adriana Sandoval, Ana Marta Manfio Gozzi, Arnaldo Dratwa, Eliane Pinto S. da Silva, João Marcos Ali, Luiz Marcos Perazza, Luiza Helena Pantalea, Renato Bertoni, Selma Ferraz Souto (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)
Diretora de Marketing Publicitário: Maria Angela de Souza Infanti

Escritórios Regionais: Lilica Mazer (Gerente Nacional); Sílvio Provazzi (Gerente Nordeste e Sudeste)

Ana Lúcia Figueira (Porto Alegre), José Laranjeira (Salvador), Mauro Marchi (Blumenau), Plínio M. Rabello Júnior (Curitiba), Reginaldo G. Andrade (Fortaleza), Rogério Ponce de Leon (Brasília), Silvana Grisi (Campinas), Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte)

Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Paper Comunicações (AM); Sucesso Representações e Marketing (PA); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

ASSINATURAS
Diretor de Operações: Nelson Romanini Filho

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga
Diretor Responsável: Juca Kfouri

Grupo Abril

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

UM PRAZER QUE NÃO TEM PREÇO

Bandeiras ao vento, desfile em carro aberto e o grito de "campeão" saindo forte, do fundo do peito. Poucas torcidas, como a do São Paulo, tiveram até hoje o raro privilégio de comemorar a conquista do mundo com este espetáculo. Mas a cena se repetiu também pelo país afora, em cada canto onde uma bola rola. Nesta edição, PLACAR junta-se à festa de todos os torcedores campeões de Norte a Sul em 1992

PLACAR

OS COELHOS TRAPALHÕES

São Paulo, campeão da Libertadores e do mundo. Cruzeiro, bicampeão da Supercopa. Atlético, campeão da primeira Taça Conmebol. Não há dúvida: 1992 foi um ano de ótima colheita para o futebol brasileiro. Mas esses títulos não vieram de graça. Eles custaram organização fora do campo, determinação e técnica dentro das quatro linhas. É uma fórmula simples, já utilizada pelo Brasil em suas campanhas vitoriosas. O difícil é convencer nossos dirigentes de que não há mágica. Eles gostam de tirar coelhos trapalhões de suas cartolas. O caso do Campeonato Cearense é exemplar: o Fortaleza, campeão de fato, acabou entrando na Justiça comum para não deixar que seu título fosse de novo colocado em jogo. Tudo por causa de uma partida ainda do primeiro turno. Pela primeira vez na história de PLACAR, essa edição não traz o campeão cearense. É um dos tais coelhos trapalhões dos nossos cartolas.

Sérgio f. Martins

4 **Mundial Interclubes** — *A vitória do São Paulo em Tóquio*

8 **Supercopa** — *O show do Cruzeiro na conquista do bi*

11 **Copa do Brasil** — *Internacional chega a seu primeiro título*

14 **Campeão Brasileiro** — *Flamengo de Júnior é pentacampeão*

18 **Libertadores** — *Raí, Palhinha & Cia. fazem a América*

21 **Taça Conmebol** — *Atlético ganha um caneco internacional*

24 **São Paulo** — *É tricolor de novo: bicampeão estadual*

28 **Rio de Janeiro** — *Vasco põe mais uma estrela de invicto*

32 **Minas Gerais** — *O Cruzeiro não perde de ninguém*

34 **Rio Grande do Sul** — *Colorado foi o rei dos pampas em 1992*

36 **Pernambuco** — *Sport mantém seu domínio: é bi!*

44 **Bahia** — *Vitória volta a ser o dono da festa*

45 **Pará** — *Paysandu não deixa dúvidas: é o melhor*

46 **Goiás** — *Goiatuba desbanca papões da capital*

48 **Santa Catarina** — *Brusque, uma zebra sem surpresas*

50 **Paraná** — *Interior mostra sua força com Londrina*

52 **Paraíba** — *Auto Esporte sofre para ser mais feliz*

54 **Espírito Santo** — *Desportiva acaba com alegria caipira*

56 **Mato Grosso do Sul** — *Nova Andradina estréia como grande*

58 **Mato Grosso** — *O Sorriso que dobrou um Estado*

60 **Distrito Federal** — *Deu Taguatinga pela segunda vez*

62 **Rio Grande do Norte** — *América repete a fórmula. E é bi*

64 **Alagoas** — *CRB: fim do jejum de quatro anos*

66 **Sergipe** — *Foi fácil no final para o Sergipe*

68 **Rondônia** — *Ji-Paraná: o bi em menos de dois anos*

70 **Piauí** — *Um feito inédito do 4 de Julho*

72 **Acre** — *Rio Branco: título com velhos heróis*

74 **Amazonas** — *Sul América tira Manaus da rotina*

76 **Maranhão** — *Sampaio Corrêa: o único tri no Brasil*

78 **O mundo** — *Campeões na Ásia, África e Europa*

POSTERS GIGANTES do São Paulo, Vasco, Cruzeiro e Inter
SUPERPOSTERS do Atlético e Flamengo
POSTERS de todos os campeões

SÃO PAULO

NO TOPO DO MUNDO

A vitória em Tóquio põe o tricolor no ponto mais alto do futebol mundial e consagra uma geração

O relógio do Estádio Nacional de Tóquio marcava 12h02 quando o Barcelona deu a saída para a decisão do título mundial interclubes contra o São Paulo. A torcida japonesa já havia deixado claro durante toda a manhã que torcia pelo time brasileiro. A caminho do Estádio Nacional de Tóquio, o ônibus são-paulino ia recebendo gritos de incentivo em cada esquina. ''Kudassai, kudassai (Boa sorte, boa sorte)'', gritavam grupos de estudantes com seus sisudos uniformes azul-marinho e bandeiras tricolores nas mãos. Na chegada dos times ao estádio, enquanto o São Paulo era ovacionado com entusiasmo, o Barcelona só ganhou aplausos do comitê de recepção organizado pela Toyota.

Essa inequívoca escolha dos torcedores continuou ao longo de toda a parti-

Ronaldo e Zetti: novos donos da taça

Depois de receber a chave do carro por ter sido o melhor em campo, Raí dividiu a alegria e o prêmio com os companheiros

FOTOS RICARDO CORRÊA

da. Bastava o time espanhol pegar na bola para buzinas infernais soarem pelo estádio. Os brasileiros, ao contrário, eram aplaudidos. Mas foi o Barcelona quem marcou primeiro, com um belíssimo gol de Stoichkov, logo aos 12 minutos de jogo. Até esse momento, os dois times apenas se estudavam. Em desvantagem no marcador, os são-paulinos passaram a praticar um futebol mais agressivo. Dois minutos depois, Cafu disparava de fora da área, obrigando o goleiro Zubizarreta a espalmar para escanteio. Aos 17, Raí enfiou a bola entre as pernas de Bakero e cruzou forte e rasteiro para a área. Palhinha, livre na marca do pênalti, não conseguiu dominar e perdeu a chance. Zubizarreta continuou a trabalhar, como num chute traiçoeiro de Ronaldo Luís. Com muito esforço o goleiro espanhol botou a bola para escanteio.

Müller foi um terror pelo lado direito da defesa do Barcelona. Na foto acima, passa fácil pelo holandês Witschge

O empate era uma questão de tempo e calma. Finalmente, aos 27, Müller escapou pela esquerda, deu um drible espetacular em Ferrer e cruzou à meia-altura. Raí, de barriga, completou para as redes. Explosão de alegria em Tóquio, explosão de alegria no Brasil. O Barcelona não alterou sua maneira de jogar. Tocava a bola diabolicamente, tentando atrair o São Paulo. O time brasileiro, porém, não caiu na armadilha. Plantado em seu campo, contragolpeava sempre com perigo, principalmente com Müller pela esquerda. Aos 34, o atacante entrou por trás da defesa espanhola e encobriu Zubizarreta, mas Ferrer salvou em cima da linha. A resposta do Barça veio aos 45. Beguiristain driblou Vítor, Adílson e Zetti e tocou para o gol aberto. O lateral Ronaldo Luís surgiu do nada e salvou também em cima da linha.

Apesar de toda sua experiência, Toninho Cerezo não resistiu à emoção. Quando o juiz apitou o final do jogo, vibrou e chorou como um garoto

Era um jogo de gigantes. De dois times conscientes, técnicos, procurando pacientemente o momento certo de dar o bote e decidir o título. "A qualidade do

Com seu fôlego impressionante, Cafu esteve em todos os setores do campo, atacando e defendendo sempre com competência

São Paulo está em seu conjunto, mas há jogadores, como Raí, que podem decidir uma partida'', dizia o líbero Ronald Koeman ao desembarcar em Tóquio dias antes. Foi uma frase profética. Aos 34 do segundo tempo, cobrando com perfeição uma falta a dois metros da grande área, Raí colocava o São Paulo em vantagem. Não tinha mais jeito. Por tudo que havia feito até então em campo, o Barcelona não teria forças para reagir. Continuava a tocar bola de modo inócuo, enquanto o time brasileiro era sempre mais perigoso. Assim, aos 42, a torcida já fazia a festa nas arquibancadas, cantando o tradicional ''tá chegando a hora''. E bastou o juiz argentino Juan Carlos Loustau apanhar a bola junto aos pés de Cafu, decretando o final da partida, para dezenas de torcedores e japoneses de rostos pintados de preto, vermelho e branco invadirem o gramado do Estádio Nacional. Pela primeira vez na história da Copa Toyota, o rígido esquema de segurança do campo ia para o espaço e os organizadores, atônitos, assistiam a um legítimo carnaval à brasileira no gramado.

A festa continuou no vestiário, percorreu as ruas de Tóquio junto com o alegre ônibus do São Paulo e chegou à sua temperatura máxima na manhã da terça-feira, 15, quando os novos donos do mundo desembarcaram no Aeroporto Internacional de Cumbica, em São Paulo. A partir das 3 horas da manhã chegaram os primeiros torcedores da Falange Tricolor e, quando o avião aterrissou, às 7, o saguão de desembarque já estava superlotado por cerca de 5 mil são-paulinos. Bastou surgir a taça, nas mãos do conselheiro Constantino Curi, para a festa ganhar ares de alegre loucura. Já no ônibus, cercado pela torcida aos gritos de ''É campeão'', os craques não resistiram e foram à janela. Primeiro Palhinha, acompanhando ainda mais alto o coro da galera. Aos poucos, todos os atletas fizeram o mesmo. Raí chegou a pegar uma bandeira imensa das mãos dos torcedores para promover sua festa particular. O elenco passou, então, a cantar o hino do clube entusiasticamente por onde passava. A euforia dos craques criou um carnaval até na Prefeitura, onde Raí recebeu a chave simbólica da cidade, e no Palácio dos Bandeirantes, onde o time foi homenageado pelo governador Luís Antônio Fleury Filho. Embriagados de emoção e repetindo entusiasticamente todos os gritos de guerra da torcida, os jogadores provocaram um comentário emocionado até do massagista Hélio Santos. ''Em 16 anos de Morumbi jamais vi uma festa dessas.'' Prova de que o São Paulo é um clube diferenciado. E o melhor time do planeta.

Telê e as taças: justiça ao melhor

O ARTILHEIRO

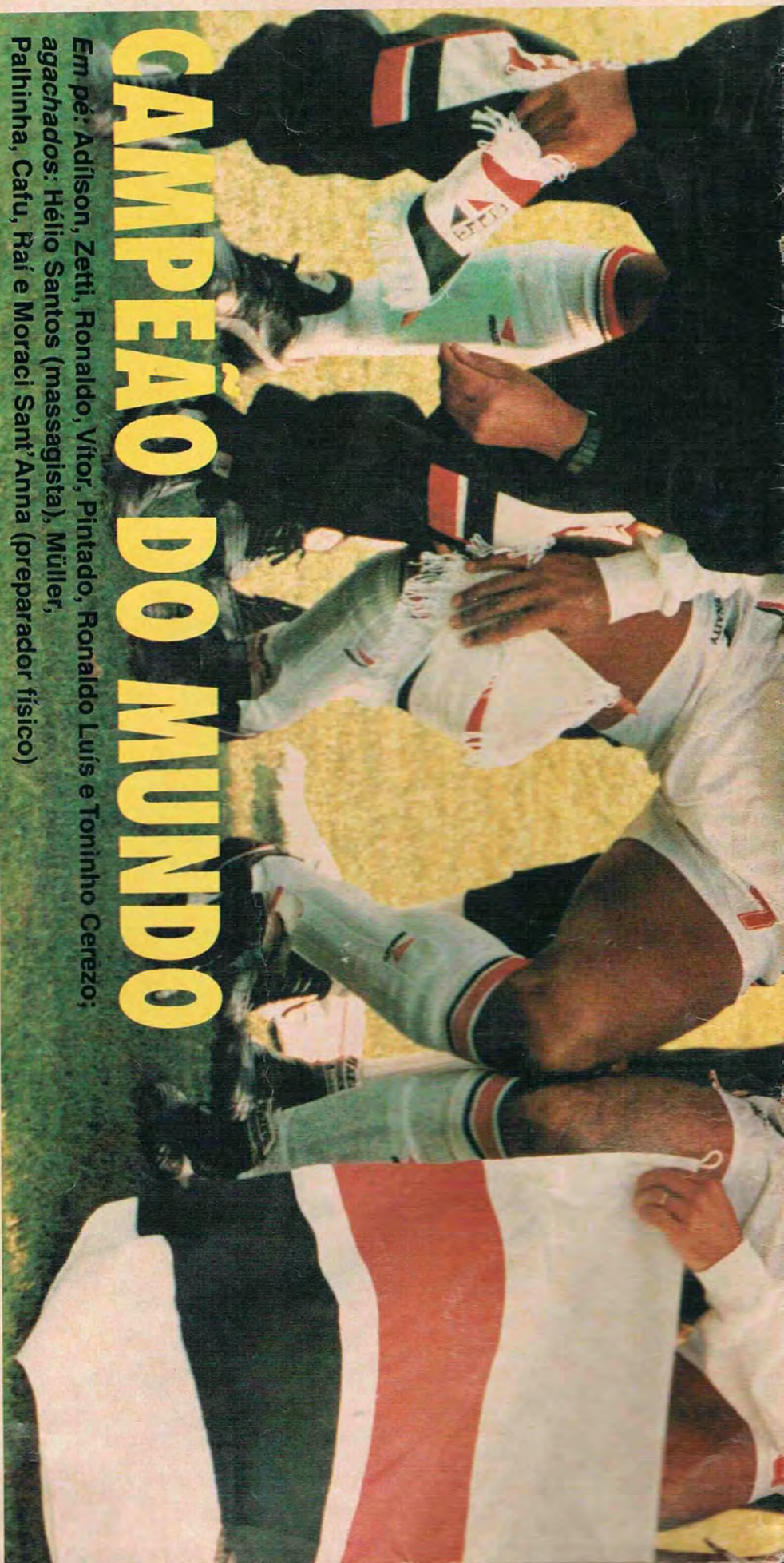
PRESENTE EM CADA DECISÃO

Decisão é com ele. Os torcedores são-paulinos já se acostumaram a contar com os gols de **Raí** *de Souza Vieira de Oliveira nos jogos que valem título. Se no Campeonato Brasileiro de 1991 não marcou nas finais, o meia foi o artilheiro do time, com sete gols. No Paulistão do mesmo ano, ele arrasou com o Corinthians na primeira partida da decisão, mandando a bola três vezes às redes do goleiro Ronaldo. Assim, ele tornou-se o principal goleador do Campeonato Paulista de 1991, com um total de 20 gols ao longo da campanha que deu o título ao tricolor. Na Libertadores da América deste ano, foi seu (de pênalti) o gol que levou a partida contra o Newell's Old Boys para a decisão por pênaltis, onde novamente deixou sua marca. E, em Tóquio, deu de novo Raí, com os dois gols da vitória. O primeiro, de barriga; o segundo, uma obra-prima de precisão na cobrança de falta. Artilheiro é assim. Uma semana antes já fizera três dos quatro gols com que o São Paulo goleara o Palmeiras por 4 x 2, no primeiro jogo decisivo do Campeonato Paulista de 1992, como fizera com o Corinthians em 1991. Com Raí em campo, os tricolores nunca tiveram dúvidas: o caminho da vitória sempre foi bem conhecido.*

A CAMPANHA

O DIA DA GLÓRIA MAIOR

FINAL
13/dezembro/92
SÃO PAULO (BRA) 2 X BARCELONA (ESP) 1
Local: Estádio Nacional Olímpico (Tóquio); **Juiz:** Juan Carlos Loustau (Argentina); **Gols:** Stoichkov 12 e Raí 27 do 1.º; Raí 34 do 2.º; **Cartão amarelo:** Ronaldo, Toninho Cerezo, Beguiristain e Goicoechea
SÃO PAULO: Zetti, Vítor, Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho) e Raí; Cafu, Müller e Palhinha. **Técnico:** Telê Santana
BARCELONA: Zubizarreta, Köeman, Ferrer e Eusébio; Amor, Bakero (Goicoechea), Guardiola e Witschge; Michael Laudrup, Stoichkov e Beguiristain (Nadal). **Técnico:** Johan Cruyjff

Um gigante durante os noventa minutos, quando lutou sem tréguas pela posse da bola e colocou todo o seu talento na armação das jogadas, Raí explodiu de vibração após marcar o segundo gol, que deu o título mundial ao São Paulo

CAMPEÃO DO MUNDO

Em pé: Adílson, Zetti, Ronaldo, Vítor, Pintado, Ronaldo Luís e Toninho Cerezo; *agachados:* Hélio Santos (massagista), Müller, Palhinha, Cafu, Raí e Moraci Sant'Anna (preparador físico)

SPFC

SÃO PAULO 9

CAMPEÃO DE TU

NÉLSON COELHO

BICAMPEÃO PAULISTA

Em pé: **Adílson, Zetti, Ronaldo, Vítor, Pintado, Ronaldo Luís e Toninho Cerezo; *agachados:* Hélio Santos (massagista), Müller, Palhinha, Cafu e Raí**

NÉLSON COELHO

CAMPEÃO DA LIBERTADORES

Em pé: **Ivan, Adílson, Zetti, Cafu, Ronaldo e Antônio Carlos; *agachados:* Hélio Santos (massagista), Müller, Palhinha, Pintado, Raí, Elivélton e Altair Ramos (preparador físico)**

CRUZEIRO ESPORTE CLUBE

CRUZEIRO

UM SHOW DE EMOÇÃO

Com um futebol de alta classe, o Cruzeiro aniquilou os rivais e encheu o Mineirão de alegria

Pelo lado esquerdo, o ponta Roberto Gaúcho disparou em velocidade, driblando um a um a quem surgisse a sua frente. Passou pelo lateral Reinoso, pelo volante Matosas e abriu o jogo para a meia-direita, deixando Luís Fernando na cara do goleiro Roa. Em vez da bomba, o chute saiu leve, suave e entrou mansamente no canto direito, provocando uma explosão azul em toda a América. Mais que a vitória — àquela altura os 3 x 0 praticamente garantiam o bicampeonato da Supercopa na primeira partida decisiva contra o Racing —, a beleza do gol transmitia a exata noção do que foi a campanha do Cruzeiro: um show.

E poucas vezes a América se rendeu tão evidentemente a uma equipe de tanta técnica, como aconteceu na Supercopa Libertadores de 1992. Tudo graças a uma legião de craques provenientes de outros Estados — receita, aliás, já utilizada na conquista do título de 1991. Em vez do baiano Charles e do carioca Mário Tilico, porém, os ídolos agora eram Renato Gaúcho e os paulistas Marco Antônio Boiadeiro e Betinho. Em todo o time titular, apenas o volante Douglas e os zagueiros Luizinho e Célio Lúcio eram mineiros.

Com isso, o Cruzeiro tornou sua superioridade incontestável desde a primeira fase da competição. O empate em 1 x 1 contra o Nacional, em Medelín, na Colômbia, ainda passou a falsa imagem de que haveria dificuldades para arrebatar o bicampeonato. Bastou o jogo de volta no Mineirão, contudo, para se perceber o engano. Com Renato Gaúcho em noite de gala, o Cruzeiro aniquilou os colombianos no Mineirão. Aplicou 8 x 0 (cinco de Renato), fez um arrastão na defesa rival e mostrou aos outros adversários que a taça já tinha dono.

Na fase seguinte, o River Plate prometeu uma autêntica guerra para vingar a derrota na final de 1991 frente ao mesmo Cruzeiro. Depois de perderem o primeiro jogo das quartas-de-final no Mineirão por 2 x 0, então, as juras de vingança

NÉLIO RODRIGUES

RICARDO ALFIERI

Roberto Gaúcho, Boiadeiro e Luís Fernando comemoram a goleada do primeiro jogo contra o Racing *(acima)*. Depois, em Avellaneda, ainda houve espaço para um show de raça e técnica de Renato *(à esquerda)*, que culminou com a taça erguida pelo capitão Paulo Roberto *(à direita)*

ganharam um tom ainda mais ameaçador. Os dirigentes do River Plate até se negaram a liberar a transmissão de tevê do jogo para fora da Argentina e conquistaram uma vitória impossível, por 2 x 0, com gols originários de pênaltis discutíveis aos 44 e 48 minutos do segundo tempo. De quebra, o Cruzeiro ainda teve Marco Antônio Boiadeiro e Luizinho expulsos, mas nem assim saiu de Buenos Aires eliminado. A derrota pelo mesmo marcador do Mineirão levou a decisão para os pênaltis e coube ao veterano herói argentino Ramón Diaz desperdiçar uma cobrança, carimbando a classificação brasileira.

E a cada partida os ídolos se solidificavam. O primeiro foi Renato Gaúcho, com a avalanche de gols contra o Nacional. Depois, Marco Antônio Boiadeiro, o comandante do meio-campo e líder da equipe. Contra o Olimpia, nas semifinais, foi a vez de um jogador aparentemente modesto, proveniente do Guarani, fazer a torcida delirar: Roberto Gaúcho. A equipe precisava apenas empatar com os paraguaios no Mineirão, pois havia vencido por 1 x 0 em Assunção. Aí Roberto Gaúcho deu um espetáculo à parte: marcou o segundo gol do empate em 2 x 2, garantindo um lugar na decisão e tornando-se mais um herói da nação azul.

Nas finais contra o Racing, a promessa era de outra guerra, como acontecera contra o River Plate. Dessa vez, no entanto, quem queria vingança era o Cruzeiro, que perdera a decisão da primeira

RICARDO ALFIERI

CRUZEIRO

Bicampeão da Supe
Campeão Mineiro 1

rcopa Libertadores e
992

PLACAR

Em pé: Paulo Roberto, Paulo César, Célio Lúcio, Douglas, Luizinho, Nonato e Jair Pereira (técnico); **agachados:** Betinho, Marco Antônio Boiadeiro, Renato Gaúcho, Luís Fernando e Roberto Gaúch

INTERNACIONAL

A VOLTA DA MÁQUINA VERMELHA

Com uma campanha impecável, o colorado ganha a Copa do Brasil e revive os tempos de suas maiores vitórias

O choro de emoção já aos 42 minutos do segundo tempo. Caído, depois de sofrer o pênalti que resultaria no gol do título, o zagueiro Pinga permaneceu no solo por algum tempo. Depois ajoelhou-se aos prantos, agradecendo aos céus pelo momento que decidiu a quarta edição da Copa do Brasil, enquanto um coro de 30 mil vozes coloradas fazia estremecer o Beira-Rio. Em seguida, já de pé, Pinga viu o companheiro de zaga Célio Silva converter em gol a penalidade e um mar de bandeiras vermelhas agitar-se pela arquibancada, comemorando o quarto título nacional do clube colorado (o Inter foi campeão brasileiro em 1975, 76 e 79).

FOTOS ADOLFO GERCHMANN

A vitória premiou um trabalho de formação da equipe iniciado em 1991. Naquele ano o time recuperou a hegemonia do futebol gaúcho, após ver o Grêmio prevalecer nos pampas por mais de meia década. O passo seguinte era atingir a Taça Libertadores da América, através da Copa do Brasil. Mas não foi fácil consegui-la. Nas finais contra o Fluminense, o Inter perdeu o primeiro jogo nas Laranjeiras, por 2 x 1, passando a necessitar de uma vitória por 1 x 0 em Porto Alegre para assegurar o troféu. Pressionou durante a partida inteira, chutando bolas na trave e obrigando o goleiro Jéfferson a se desdobrar para evitar um massacre. O gol decisivo, porém, somente aconteceu quase ao término do jogo.

Caíco criou as melhores chances de gol na final contra o Flu. Depois viu Maurício erguer a taça e começar a festa *(ao alto)*

INTERNACIONAL

Merecimento, no entanto, o Inter teve desde a primeira rodada, quando ganhou do Muniz Freire por 3 x 1 em pleno Espírito Santo. No jogo do Beira-Rio, massacrou o rival por 5 x 0. A prova definitiva de que o colorado seria um páreo duro na Copa do Brasil veio longe dos olhos da torcida. Atuando no Pacaembu contra o Corinthians, o Internacional aplicou uma sonora goleada de 4 x 0 e abriu caminho para o embate com seu mais difícil adversário, pelas quartas-de-final: o arquiinimigo Grêmio.

E foi a única fase em que o Inter passou sem vitórias. Empatou em 1 x 1 os dois jogos, só assegurando a classificação às semifinais porque o goleiro Fernandez impediu três gols do Grêmio na decisão por pênaltis vencida pelo colorado por 3 x 0. O atacante Gérson teve também uma participação decisiva nessa etapa. Fez os dois gols do Inter com bola rolando e foi um dos que asseguraram a passagem para as semifinais.

Aí, quando todos esperavam uma pedreira, os gaúchos não tiveram problemas. Bateram o Palmeiras por 2 x 0 no Parque Antártica, com gols de Élson e Gérson, e novamente no Beira-Rio por 2 x 1. A essa altura, mesmo antes da decisão, já estavam consagrados jogadores como o zagueiro Célio Silva, o eficiente lateral-esquerdo Daniel e o volante Ricardo, que substituiu o titular Márcio, contundido a partir da metade da competição. Foram heróis que comprovaram sua importância provocando tranqüilidade na torcida.

SERGIO MORAES

Célio Silva afasta o perigo contra Ézio: o zagueiro consagrou-se na Copa do Brasil

Assim como foi imprescindível a dupla de atacantes Maurício e Gérson, responsável por 11 dos 20 gols do Inter (55%) em toda a competição.

Além disso, a torcida viu surgir no Beira-Rio uma jovem revelação, de 18 anos, que tirou o selecionável Silas do time e infernizou todas as defesas: Caíco. Na final contra o Fluminense, ele criou chances incríveis de gol, como no primeiro tempo, quando invadiu a área, esperou a saída do goleiro Jéfferson e tocou por baixo de seu corpo. A bola só não entrou porque o zagueiro tricolor Vica salvou em cima da linha fatal.

FOTOS ADOLFO GERCHMANN

O lateral Célio Lino ataca o Fluminense na final: o Inter levou perigo pela direita

E houve ainda uma alegria extra para os colorados no domingo da decisão contra o Fluminense: ver a torcida do rival Grêmio, espremida ao lado dos tricolores cariocas, ter que enrolar suas bandeiras e abandonar o Beira-Rio assistindo à festa do Inter. Perceberam definitivamente que terão sérias dificuldades para voltar a superar o inimigo nacionalmente, como acontecia no início dos anos 80. Afinal, o rival montou um time capaz de lembrar, em alguns momentos, o esquadrão de Falcão, Batista, Valdomiro e Figueroa, que encantou o Brasil inteiro na década de 70. Uma equipe que conhece todos os atalhos da vitória e que promete conquistas ainda mais expressivas a partir da Taça Libertadores da América, em que estréia dia 10 de fevereiro contra o Flamengo. Por isso, os colorados têm certeza: terão muitos outros motivos para comemorações.

Gérson fez 45% dos gols colorados e marcou em momentos decisivos. De quebra, foi o principal goleador da competição

O ARTILHEIRO

UM NOME QUE DECIDIA

*O goleador **Gérson** superou todas as adversidades que o acompanharam durante o ano e consagrou-se definitivamente como um grande goleador. Com os nove gols marcados na campanha do título da Copa do Brasil, tornou-se artilheiro da competição e principal ídolo da torcida colorada. E ele jogou até machucado, como na final contra o Fluminense, quando ainda sentia a contusão que o tirou no meio da primeira partida decisiva, disputada nas Laranjeiras.*

Gérson foi o homem dos gols decisivos. Como os dois nos 4 x 0 que praticamente despacharam o Corinthians, no Pacaembu, ou o que selou a vitória por 2 x 0 contra o Palmeiras, em pleno Parque Antártica. Foram dele também os dois gols nos empates contra o Grêmio, nas quartas-de-final, que impediram qualquer esperança da torcida adversária.

Assim, Gérson calou todos os críticos, que chegaram a levantar a possibilidade de ele ser portador do vírus da AIDS, no início de 1992. Responsável por 45% dos vinte gols do Internacional no torneio, lembrou os tempos dourados em que o Internacional não apenas vencia certames nacionais como possuía o principal goleador da competição. Foi assim em 1975 e 1976, anos do bicampeonato brasileiro nos quais Flávio e Dario sagraram-se artilheiros do campeonato, ambos com dezesseis gols.

Um fato que serve como esperança para os colorados de ainda ter muitas outras alegrias com Gérson comandando seu ataque. A começar pela Taça Libertadores, a primeira a ser disputada pelo goleador, que pretende, agora, estender sua consagração para fora do país. E se tornar um nome internacional.

A CAMPANHA

A TRAJETÓRIA COLORADA

1ª FASE
Muniz Freire 1 x Internacional 3
Internacional 5 x Muniz Freire 0
2ª FASE
Corinthians 0 x Internacional 4
Internacional 0 x Corinthians 0
3ª FASE
Grêmio 1 x Internacional 1
Internacional 1 x Grêmio 1
SEMIFINAIS
Palmeiras 0 x Internacional 2
Internacional 2 x Palmeiras 1
FINAIS
Fluminense 2 x Internacional 1

13/dezembro/92
INTERNACIONAL 1 X FLUMINENSE 0
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); **Juiz:** José Aparecido de Oliveira; **Renda:** Cr$ 1 261 690 000; **Público:** 32 722; **Gol:** Célio Silva (pênalti) 42 do 2º; **Cartão amarelo:** Sérgio Manuel, Souza, Ézio e Marquinhos; **Expulsão:** Zé Teodoro
INTERNACIONAL: Fernandez, Célio Lino, Célio Silva, Pinga e Daniel; Ricardo, Élson (Luciano) e Marquinhos; Maurício, Gérson (Nando) e Caíco. **Técnico:** Antônio Lopes
FLUMINENSE: Jéfferson, Zé Teodoro, Vica, Sandro (Carlinhos Itaberá), Souza e Lira; Pires, Bobô e Sérgio Manuel; Vágner e Ézio. **Técnico:** Sérgio Cosme
RESUMO DA CAMPANHA
10 J, 6 V, 3 E, 1 D, 20 GP, 6 GC

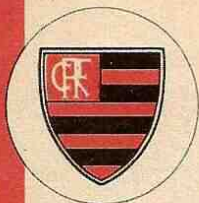
INTERNACIONAL

Bicam
Camp

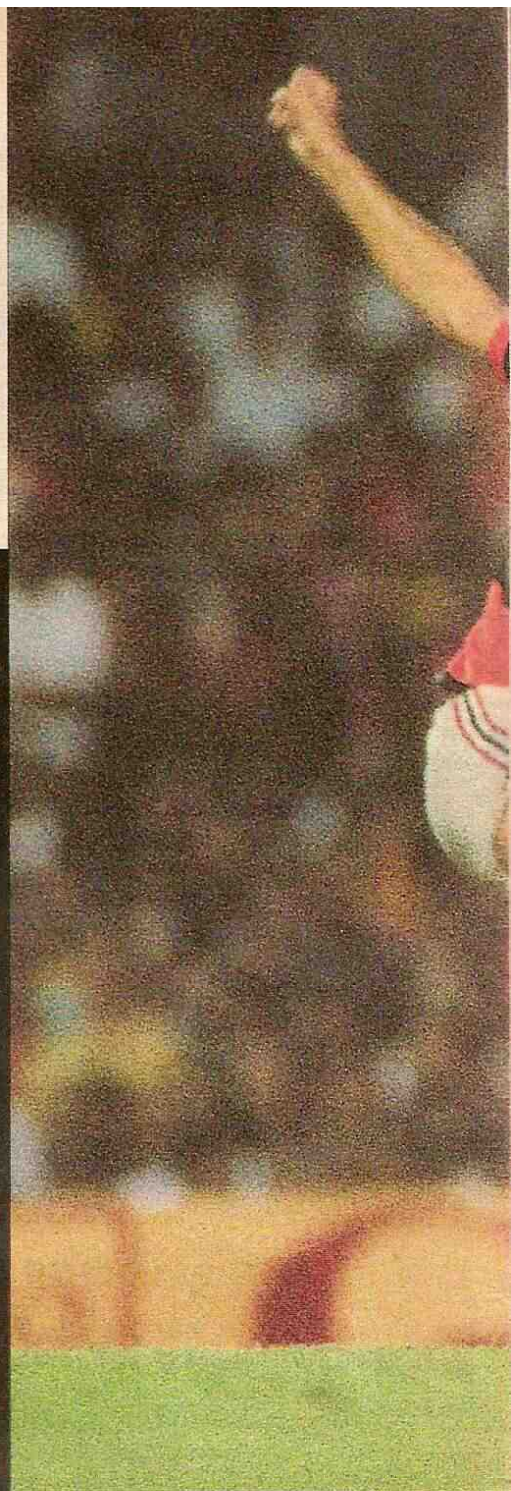
PLACAR

...peão Gaúcho e
...eão da Copa do Brasil 1992

Em pé: Fernandez, Célio Silva, Célio Lino, Pinga, Ricardo e Daniel; **agachados:** Élson, Gérson, Maurício, Marquinhos e Caíco

CAMPEÃO BRASILEIRO

FLAMENGO

OUVINDO A VOZ DO POVO

"Seremos campeões", profetizava a galera. Em campo, o Mengo não negou fogo

Poucos admitiam que o Flamengo de Fabinho, Gaúcho e Charles *(à esq.)* teria forças para levantar a taça de seu quinto Campeonato Brasileiro. Uma façanha que só foi possível depois de uma vitória e um empate contra o Botafogo *(acima)*, com muita classe

NÉLSON COELHO

RICARDO CORRÊA

Houve momentos em que só mesmo a fanática torcida rubro-negra parecia acreditar que o título nacional de 1992, a exemplo do que já acontecera em 1980, 1982, 1983 e 1987, tomaria o rumo da Gávea. Seria a consagração do Flamengo como o maior campeão da história dos Brasileiros, com cinco conquistas. Mobilizada desde o jogo de estréia (um insosso empate de 1 x 1 com o Bahia, em Salvador), a galera negava-se a enxergar as possíveis limitações de sua equipe. E insistia em profetizar em seus corinhos: "Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe Mengo/ Seremos campeões..."

Os motivos para tanta euforia, ao contrário do que costumava acontecer nos tempos em que Zico vestia a camisa 10, demoraram a aparecer. Quando terminou a Fase Classificatória, com os vinte clubes do campeonato se enfrentando, todos contra todos, em dezenove rodadas, o saldo não era muito animador. As oito vitórias e seis empates, contra cinco derrotas, posicionavam a equipe em um modesto quarto lugar, atrás de Vasco, Botafogo e Bragantino. Um período em que aconteceu de tudo, principalmente entre a 6ª e a 11ª rodadas — tempos de derrotas seguidas para Cruzeiro (1 x 2), Santos (0 x 2), Bragantino (0 x 1) e Vasco (2 x 4), entremeadas por dois empates, contra Atlético Mineiro (1 x 1) e Náutico (0 x 0). Um verdadeiro inferno astral, do qual só os predestinados a ser campeões conseguem sair ilesos.

Foi a partir das Semifinais que tudo começou a mudar. Peças fundamentais para que o correto esquema tático implantado pelo técnico

FLAMENGO

Carlinhos desse certo começaram a se destacar. Quem estava em baixa — como o centroavante Gaúcho e os até então coadjuvantes Nélio e Zinho — subiu de produção. E quem já vinha se destacando, casos dos veteranos Júnior e Gilmar, tornou-se o ponto de equilíbrio para que o Mengão, afinal, se reencontrasse com as vitórias.

Já não havia motivo para duvidar da força rubro-negra na briga palmo a palmo com Vasco (até então líder absoluto durante todo o campeonato), São Paulo (tido como o melhor time do país durante todo o ano de 1992) e Santos (um time que, apesar das limitações, foi o único adversário a derrotar o rubro-negro duas vezes no Brasileiro). Fazendo-se valer de uma quase mítica capacidade de reação, o Mengo derrotou pelo menos uma vez todos eles. Na última rodada, conquistou o direito de chegar a mais uma decisão de Brasileiro com um categórico 3 x 1 sobre o Santos. Enquanto isso, o rival Vasco, vítima humilhada com um empate e uma vitória rubro-negra em apenas quatro dias, dava uma mãozinha, eliminando o São Paulo com um 3 x 0.

Mesmo quando só faltava o Botafogo, e sabendo que a camisa rubro-negra jamais saíra de campo derrotada em uma decisão nacional, a maioria ainda preferia apostar que o Flamengo não chegaria lá. Só a torcida, na certeza do canto que dizia "seremos campeões", permanecia confiante. E se ainda restava alguma dúvida entre os próprios rubro-negros, ela acabou logo no primeiro jogo decisivo. O Botafogo, que se considerou melhor durante toda a competição, sucumbiu por 3 x 0, um show de Piá, Nélio e do onipresente Júnior. No jogo seguinte, quando o adversário precisava ganhar por três gols de diferença, o empate em 2 x 2 bastou. Foi uma festa que, para a profética e vencedora massa rubro-negra, estava longe de ser uma surpresa.

NÉLSON COELHO

Na hora da decisão, craques como Zinho mostraram tudo o que a torcida esperava

OS JOGOS DO PENTA

FASE CLASSIFICATÓRIA
Bahia 1x Flamengo 1
Guarani 1 x Flamengo 3
Botafogo 2 x Flamengo 2
Palmeiras 1 x Flamengo 2
Flamengo 3 x São Paulo 2
Flamengo 1 x Cruzeiro 2
Santos 2 x Flamengo 0
Atlético-MG 1 x Flamengo 1
Flamengo 0 x Bragantino 1
Náutico 0 x Flamengo 0
Vasco 4 x Flamengo 2
Flamengo 2 x Atlético-PR 0
Corinthians 1 x Flamengo 3
Fluminense 1 x Flamengo 1
Flamengo 1 x Sport 2
Flamengo 4 x Paysandu 1
Portuguesa 1 x Flamengo 1
Flamengo 3 x Goiás 1
Flamengo 2 x Internacional 0
SEMIFINAIS
Primeiro Turno
Flamengo 1 x São Paulo 0
Santos 1 x Flamengo 0
Flamengo 1 x Vasco 1
Segundo Turno
Vasco 0 x Flamengo 2
São Paulo 2 x Flamengo 0
Flamengo 3 x Santos 1
FINAIS
Flamengo 3 x Botafogo 0
19/julho/92
BOTAFOGO 2 X FLAMENGO 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** José Roberto Wright (SP); **Renda:** Cr$ 1 854 863 000; **Público:** 122 001; **Gols:** Júnior 42 do 1º; Júlio César 10, Pichetti 38 e Valdeir (pênalti) 43 do 2º; **Cartão amarelo:** Odemílson, Válber, Pingo, Valdeir e Gaúcho; **Expulsão:** Renê e Wílson Gottardo
BOTAFOGO: Ricardo Cruz, Odemílson, Renê, Márcio Santos e Válber; Carlos Alberto Santos, Pingo e Carlos Alberto Dias; Vivinho (Jéferson Gaúcho), Chicão (Pichetti) e Valdeir. Técnico: Gil
FLAMENGO: Gilmar, Charles, Gélson, Wílson Gottardo e Fabinho (Mauro); Uidemar, Júnior e Zinho; Júlio César, Gaúcho (Djalma Dias) e Piá. Técnico: Carlinhos
RESUMO DA CAMPANHA
27 J, 12 V, 8 E, 7 D, 44 GP, 31 GC

RICARDO CORRÊA

Nélio correu, ajudou na marcação, fez gols: um símbolo da volta por cima do Mengo

Júnior, o comandante da grande virada: ensinando o caminho das redes adversárias

O ARTILHEIRO

COMO SE NÃO BASTASSE, TAMBÉM GOLEADOR

*Fundamental. Assim pode ser definida a presença de **Júnior** no time do Flamengo que conquistou para o clube seu quinto título brasileiro — o quarto na carreira do velho capitão de 38 anos com a camisa rubronegra (antes, ele esteve presente nas conquistas de 1980, 1982 e 1983, e apenas ausente na decisão da Copa União, em 1987). Mais que a maestria com que comandou o meio-campo do Mengo ou a confiança que transmitiu aos mais jovens com sua experiência, Júnior acabou se destacando por um motivo inédito em sua carreira: como se não bastasse tudo isso, ainda terminou como o artilheiro do time campeão, com nove gols.*

Se a marca o deixou muito longe da artilharia do campeonato (fez exatamente a metade dos dezoito gols que consagraram o então vascaíno Bebeto como o máximo goleador da competição), contribuiu decisivamente para o título flamenguista. Afinal, em muitas das vezes que balançou as redes adversárias, o velho craque o fez em momentos decisivos para a afirmação da equipe no campeonato.

Logo que empatou em 1 x 1 um jogo que terminaria 2 x 2 contra o Botafogo, na terceira rodada do campeonato, a torcida mal poderia imaginar que o alvinegro seria também a última vítima de Júnior. E por duas vezes mais: na primeira (um dos gols do 3 x 0 que praticamente garantiu o título) e segunda partidas da decisão (uma falta milimetricamente cobrada que abriu a contagem). Quando saiu de campo, com a faixa de campeão, já não faltava mais nada: Júnior extrapolou na sua obrigação de fazer o flamenguista feliz.

FLAMENGO Campeão Bra

Em pé: Gélson, Gilmar, Wílson Gottardo, Charles, Piá e Júnior; **agachados:** Júlio César, Gaúcho, Zinho, Fabinho e Uidemar

sileiro 1992

PLACAR

NELSON COELHO

CAMPEÃO DA LIBERTADORES

SPFC

SÃO PAULO

A AMÉRICA AGORA É TRICOLOR

O time contagiou sua fleumática torcida com garra, força e técnica. E o São Paulo conquistou o continente

NÉLSON COELHO

Macedo foi o amuleto da decisão: um minuto após entrar em campo, sofreu o pênalti que garantiu a vitória contra o Newell's

A cada disputa de bola, lá estava o pé de um jogador tricolor, entrando duro como se a mais simples jogada fosse decidir o jogo, o troféu, a vida. Por se tratar do São Paulo, um time tradicionalmente frio e de pura técnica, este comportamento impressionava ainda mais. A vibração durou toda a campanha da Taça Libertadores da América e culminou com o título conquistado na vitória por 3 x 2 nos pênaltis contra o Newell's Old Boys (1 x 0 no tempo normal). Com isso, contagiou toda a torcida, que esqueceu sua costumeira fleuma e fez , ali mesmo no gramado do Morumbi, a maior festa já vivida em São Paulo desde a quebra do jejum corintiano, em 1977.

Motivos para comemoração havia de sobra. Afinal, foram três meses de uma longa e desgastante campanha, que contou com o mais detalhado trabalho já realizado por um clube brasileiro para a disputa da Taça Libertadores. Da aclimatação à altitude da Bolívia, onde o São Paulo enfrentou San José e Bolívar na primeira fase da competição, até a espionagem dos adversários, feita pelo preparador de goleiros Valdir de Moraes, tudo foi previsto pela comissão técnica. Assim, nem a conhecida catimba

dos adversários surtiu efeito. No Equador, onde o tricolor disputou a semifinal contra o Barcelona de Guaiaquil, por exemplo, a delegação trocou o Hotel Ramada pelo Continental em todas as refeições. Tudo porque sabia que o rival costumava contaminar a comida dos adversários em competições internacionais.

"O time teve também mais vontade do que em outros campeonatos", reconhece o lateral Cafu, autor do último gol da decisão por pênaltis contra o Newell's Old Boys, que assegurou o título. Essa vontade ficou patente nas partidas contra o Nacional do Uruguai. Primeiro, em pleno Estádio Centenário, em Montevidéu: 1 x 0, gol de Elivélton. Depois, 2 x 0 no Morumbi, despachando a equipe platina. "Até o Nacional, conhecido por sua raça, assustou-se com nossa gana", conta o capitão Raí.

Percebendo que o São Paulo não tinha apenas a técnica brasileira como arma, a equipe do Newell's Old Boys procurou de todas as formas diminuir seu ímpeto. À porta do Hotel Presidente, onde o tricolor ficou hospedado em Rosário, os torcedores argentinos tentaram despistar fazendo uma calorosa recepção, que contava até com uma faixa de confraternização com os dizeres: *"Bienvenido, Club de Fútbol São Paulo"*. Dentro de campo, porém, o Newell's esqueceu a amizade e, apesar de contar com o auxílio do juiz chileno Hernán Silva, só venceu o primeiro jogo decisivo graças a um gol de pênalti inexistente, convertido por Berizzo. Ali mesmo, no entanto, tiveram mais uma prova de

DANIEL AUGUSTO JÚNIOR

DANIEL AUGUSTO JÚNIOR

Raí ergue a taça ao lado de Antônio Carlos *(acima)*, mexendo com os corações dos são-paulinos, que carregaram o técnico Telê Santana como um herói *(ao lado)*

SÃO PAULO

que o São Paulo não tinha a passividade mostrada anteriormente pelos clubes brasileiros. Aos brados, o técnico Telê Santana jurava vingança. "Em São Paulo vocês vão ver", dizia, revoltado, à saída do campo.

Foi o que aconteceu no Morumbi. A cada disputa mais ríspida, os tricolores mostravam uma determinação impressionante, devolvendo na mesma moeda a violência dos argentinos. O zagueiro Antônio Carlos, por exemplo, agrediu o atacante Lunari, depois de ser atormentado durante todo o jogo. E não mostrou arrependimento. "Dei porrada mesmo, pois sabia que o juiz não iria me expulsar nunca", dizia após a conquista. Mesmo assim, o gol que aliviou os são-paulinos e levou a decisão para os pênaltis só veio aos 22 do segundo tempo, um minuto após a entrada em campo do amuleto Macedo. Ele próprio sofreu a penalidade que, convertida por Raí, assegurou a vitória por 1 x 0 .

Depois foi só fazer valer a mística de não ser derrotado na disputa por pênaltis — já havia conquistado assim os Brasileiros de 1977 e 1986 e o Paulistão de 1975 — para conquistar seu primeiro título fora do âmbito estadual dentro do Morumbi. Uma vitória que mudou a história do mais vencedor clube brasileiro nos últimos dez anos. E, agora, o São Paulo não se contenta apenas com conquistas domésticas. É, mais do que nunca, um time internacional.

NELSON COELHO

Palhinha: sete gols que garantiram seu lugar entre as feras

A CAMPANHA

ROTA DA VITÓRIA

PRIMEIRA FASE
Criciúma 3 x São Paulo 0
San José (BOL) 0 x São Paulo 3
Bolívar (BOL) 1 x São Paulo 1
São Paulo 1 x San José (BOL) 1
São Paulo 2 x Bolívar (BOL) 0
São Paulo 4 x Criciúma (BRA) 0
OITAVAS-DE-FINAL
Nacional (URU) 0 x São Paulo 1
São Paulo 2 x Nacional (URU) 0
QUARTAS -DE-FINAL
São Paulo 1 x Criciúma (BRA) 0
Criciúma (BRA) 1 x São Paulo 1
SEMIFINAIS
São Paulo 3 x Barcelona (EQU) 0
Barcelona (EQU) 2 x São Paulo 0
FINAIS
Newell's Old Boys (ARG) 1 x São Paulo 0
17/junho/92
SÃO PAULO 1 X NEWELL'S OLD BOYS (ARG) 0
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** José Torres Cadena (COL); **Renda:** Cr$ 1 072 490 000; **Público:** 105 185; **Gol:** Raí (pênalti) 22 do 2º; **Cartão amarelo:** Antônio Carlos, Pintado, Elivélton, Gamboa e Zamora.
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adilson, Pintado e Raí; Palhinha, Müller (Macedo) e Elivélton. Técnico: Telê Santana
NEWELL'S OLD BOYS: Scoponi, Saldaña, Gamboa, Pocchetino e Berizzo; Llop, Berti e Martino (Domizi); Zamora, Lunari e Mendoza. Técnico: Marcelo Bielsa
(Nos pênaltis, São Paulo 3 x Newell's Old Boys 2)
RESUMO DA CAMPANHA
14 J, 8 V, 3 E, 3 D, 20 GP, 9 GC

O ARTILHEIRO

UM FIGURANTE PARA A HISTÓRIA

Quando começou a disputa da Taça Libertadores da América, em março, o atacante ***Palhinha*** *era apenas um figurante no meio de um elenco recheado de cobras criadas. Bastaram as primeiras partidas, na Bolívia, contra San José e Bolívar, no entanto, para o técnico Telê Santana perceber a importância que o jogador teria na campanha. Em 14 jogos, o atacante assinalou sete gols, barrou o antigo titular Macedo da equipe e sagrou-se artilheiro da Taça Libertadores da América.*

Se não bastasse, marcou em momentos importantes, como o do empate em 1 x 1 contra o Criciúma, pelas quartas-de-final, que levou a equipe à fase seguinte. Ou o segundo da vitória por 3 x 0 contra o Barcelona de Guaiaquil, que garantiu a passagem do time para a decisão da competição, contra o Newell's Old Boys.

Assim, honrou o apelido herdado do antigo craque cruzeirense Palhinha, também artilheiro da Taça Libertadores, em 1976, com treze gols. E, se não bastasse, em apenas seis meses de Morumbi (chegou em janeiro emprestado pelo América-MG), tornou-se, aos 25 anos, um dos maiores ídolos da torcida e colocou seu nome definitivamente na história são-paulina. Como um artilheiro de pura técnica e muito faro de gol.

ATLÉTICO-MG

O ALEGRE CARNAVAL DO GALO

Motivado pelas conquistas internacionais do seu maior rival, o alvinegro vence um título inédito e faz de Minas uma festa

FOTOS ABC COLOR

Como por encanto, Minas Gerais pintou-se de preto e branco em pleno mês de setembro. A decisão do Campeonato Mineiro ainda estava distante, mas, mesmo assim, os estádios lotavam a cada partida do Atlético. Tudo para assistir aos jogos da recém-criada Taça Conmebol, incapaz de empolgar os torcedores de outros clubes. Com o alvinegro, no entanto, era diferente. Cansados de ver o Cruzeiro conquistando torneios internacionais, como a Supercopa da Libertadores, os atleticanos entraram com força total na competição e levantaram o seu primeiro troféu internacional reconhecido oficialmente.

Mesmo assim, no início da campanha, os alvinegros tiveram motivos de sobra para duvidar da sorte da equipe. Na estréia, contra o Fluminense, em Juiz de Fora, o Galo perdeu por 2 x 1, assustando sua torcida. A derrota, no entanto, veio na hora exata. Na partida seguinte, contra o mesmo tricolor

O Galo resistiu até às bombas paraguaias *(acima)*; e o capitão Paulo Roberto pôde erguer a taça de campeão

ATLÉTICO - MG

Paulo Roberto encarna a raça atleticana na decisão contra o Olimpia: o Galo resolveu a questão no primeiro jogo

carioca, o Atlético teve uma exibição de gala, aplicou sonoros 5 x 1 e passou para a fase seguinte.

Foi aí que apareceu o maior obstáculo. Diante de equipes desconhecidas, como o Atlético Júnior de Barranquilla (seu adversário direto nas quartas-de-final), tudo passava a ser uma incógnita. Para piorar, a equipe trocara o técnico Vantuir por Procópio Cardoso em plena competição. Mesmo assim o Atlético alcançou um empate em 2 x 2 na Colômbia. No jogo de volta, a equipe deu um show, venceu por 3 x 0 em Belo Horizonte e garantiu a passagem para as semifinais, contra o Nacional do Equador.

O problema, porém, continuava o mesmo. Sem conhecer o adversário, o Galo mais uma vez foi derrotado na primeira partida, dessa vez por 1 x 0,

FOTOS NÉLIO RODRIGUES

Negrini marca o gol que valeria o título: um herói eleito pela galera

em Quito. Outra vez, no entanto, reagiu e ganhou por 2 x 0 a partida decisiva. Daí em diante, não havia mais motivos para desconhecer os rivais. Afinal, o Galo enfrentaria na decisão o tradicional Olimpia do Paraguai, duas vezes campeão da Taça Libertadores e uma vez mundial interclubes. Assim, com um futebol extremamente envolvente, o Atlético venceu por 2 x 0 o primeiro jogo decisivo, no Mineirão, e elegeu o herói da conquista: o meia Negrini, contratado no início do segundo semestre ao Atlético-PR, que marcou os dois gols da vitória.

Com a tranqüilidade dos dois pontos, o alvinegro rumou para Assunção disposto à guerra pelo troféu. Segurou o empate em 0 x 0 durante 89 minutos, mas aos 44 do segundo tempo sofreu um gol espírita do atacante Caballero. Resistiu a tudo. Até às bombas atiradas pelos paraguaios, que provocaram a interdição do Estádio Manuel Ferreira, em Assunção. O resultado de 1 x 0 assegurou a conquista no saldo de gols. Por isso, ao apito do juiz uruguaio Ernesto Filippi, uma festa incrível tomou conta de Belo Horizonte. Afinal, a partir de agora, os cruzeirenses não têm mais, em Minas Gerais, a honra solitária de possuir em sua galeria troféus internacionais. Motivo mais do que justificável para fazer, em Belo Horizonte, o mais animado carnaval dos últimos tempos. E em pleno mês de setembro.

Aílton firmou-se com a seqüência de jogos e virou artilheiro

A CAMPANHA

OITO BATALHAS PELO TROFÉU

OITAVAS-DE-FINAL
Fluminense 2 x Atlético-MG 1
Atlético-MG 5 x Fluminense 1
QUARTAS-DE-FINAL
Atlético Jrs. (COL) 2 x Atlético-MG 2
Atlético-MG 3 x Atlético Jrs. (COL) 0
SEMIFINAIS
Nacional (EQU) 1 x Atlético-MG 0
Atlético-MG 2 x Nacional (EQU) 0
FINAIS
Atlético-MG 2 x Olimpia (PAR) 0
23/setembro/92
OLIMPIA (PAR) 1 x ATLÉTICO-MG 0
Local: Estádio Manuel Ferreira (Assunção); **Juiz:** Ernesto Filippi (Uruguai); **Gol:** Caballero 44 do 2º
OLIMPIA: Goicochea, Cáceres, Núñes, Mário Ramírez e Soares; Adolfo Yara, Vidal Sanabria e Jorge Campos (Caballero); Miguel Sanabria, Samaniego e Gabriel (Gonzalez). **Técnico:** Perfumo
ATLÉTICO: João Leite, Alfinete, Luís Eduardo, Ryuler e Paulo Roberto; Éder Lopes, Moacir e Negrini (André); Sérgio Araújo, Aílton (Toninho Pereira) e Claudinho. **Técnico:** Procópio Cardoso
RESUMO DA CAMPANHA
8 J, 4 V, 1 E, 3 D, 15 GP, 7 GC

O ARTILHEIRO

A AFIRMAÇÃO DE AÍLTON

Foram quatro anos tentando se firmar. A cada vez que entrava na equipe, os gols apareciam, mas, ainda assim, ***Aílton*** *retornava ao banco de reservas. Bastou dar seqüência de jogos ao jovem artilheiro atleticano, porém, para que mostrasse todo o seu valor. Nas oito partidas da Taça Conmebol, Aílton marcou seis gols e tornou-se o artilheiro da equipe e da competição.*

E era nos momentos mais difíceis que aparecia a estrela do atacante de 24 anos. Primeiro fez dois gols na goleada por 5 x 1 contra o Fluminense, na Primeira Fase. Nas quartas-de-final, contra o Atlético Júnior de Barranquilla, fez os dois gols do empate em 2 x 2 na Colômbia e o segundo na vitória por 3 x 0 em Belo Horizonte. E foi ele quem abriu o caminho da classificação para a final, marcando o primeiro gol da vitória contra o Nacional de Quito, pelas semifinais — o outro foi contra, do zagueiro Quiñónez, o mesmo que atuou no Vasco em 1989.

O amadurecimento do jovem artilheiro serve como alento até para futuras vitórias do Atlético, que assegurou a presença na segunda edição da Taça Conmebol, apesar de não ter chegado entre os quatro primeiros do último Brasileiro, nem chegado à final da Copa do Brasil. Por isso, para 1993, Aílton promete ainda mais alegrias para os torcedores atleticanos.

ATLÉTICO Campeão da Co

Em pé: João Leite, Éder Lopes, Alfinete, Luís Eduardo, Ryuler e Paulo Roberto; **agachados:** Sérgio Araújo, Aílton, Moacir, Negrini e Claudinho

nmebol 1992

PLACAR

BICAMPEÃO PAULISTA

SPFC

SÃO PAULO

O ANO DA ETERNIDADE

Com um futebol bonito e eficiente, os são-paulinos ganham a terceira taça do ano e entram para a posteridade

Sentado à margem do campo, com o olhar fixo em direção a seus jogadores, o técnico Telê Santana era a exata imagem da felicidade. Um sorriso largo dominava seu rosto, habitualmente carrancudo, e um brilho raro iluminava seus olhos. Dessa vez, Telê não estava encantado apenas pelo futebol-arte praticado pelo São Paulo desde a estréia no Paulistão, em julho, contra o Juventus. No gramado, minutos antes do término da decisão com o Palmeiras, o treinador via muito mais. Via uma equipe unida e determinada, que confirmava o bicampeonato paulista (o terceiro título da temporada, depois da Taça Libertadores e do Mundial) e eternizava cada um dos nomes tricolores na história do futebol brasileiro.

"Ele só nos agradecia, o tempo inteiro", dizia surpreso o lateral Ronaldo Luís, sobre o comportamento do técnico após os 2 x 1 contra o alviverde. Telê, como toda a torcida tricolor, tinha motivos de sobra para isso. Afinal, os jogadores superaram uma incrível maratona de 24 horas de vôo entre Tóquio e São Paulo, enfrentando na chegada quatro horas de desfile sobre um carro de bombeiros pelas ruas paulistanas e, se não bastasse, uma semana de comemorações que atrapalharam os treinamentos. Quando entraram em campo para decidir o Paulistão, no entanto, os atletas disputavam cada lance como se estivessem atrás do primeiro título de suas vidas.

"Fizemos um pacto durante a viagem para não nos desmotivarmos", contava Raí. O acordo dos craques tricolores mereceu até um comentário do preparador físico Moraci Sant'Anna. "Isso prova que não temos um time de Rambos, mas de homens conscientes", afirmava. Mas quem acompanhou o trabalho durante a temporada teve nessa

FOTOS NÉLSON COELHO

Pintado e Ronaldo erguem a taça ao lado de Raí *(à dir.)*, consagrados depois de garantirem a retaguarda na decisão contra o Palmeiras *(abaixo)*

atitude apenas mais uma prova de que o São Paulo é um time diferenciado. Razões para se pensar assim existiram também dentro de campo. No primeiro tempo da final contra o Palmeiras, cada uma das equipes atacou nove vezes e errou 29 passes. Tudo rigorosamente igual, não fosse uma bola roubada por Palhinha, aproveitando uma falha de Mazinho, e a genialidade de Müller, que tocou com precisão diabólica a bola no canto esquerdo do goleiro César. A diferença apareceu no marcador: São Paulo 1 x 0.

Pequenos mas decisivos detalhes desse tipo voltaram a se repetir no segundo tempo, quando, por exemplo, Cuca chutou de dentro da pequena área e Ronaldo Luís salvou em cima da linha do gol, como já fizera na final do Mundial contra o Barcelona, oito dias antes. "Sempre que Zetti sai, vou para baixo dos três paus. Não é apenas sorte", garantia o herói tricolor. Só mesmo depois do apito final do juiz José Aparecido de Oliveira foi que a emoção tricolor, contida por uma semana em São Paulo, pôde explodir definitivamente. Nos vestiários, ninguém escapava à festa. A euforia aparecia na expressão inocente de Cafu, no sorriso radiante de Raí ou na alegria infantil de Toninho Cerezo. Este, autor do segundo gol e um dos melhores da partida decisiva, era o mais feliz. Cantava o hino do São Paulo incessantemente, agradecia os companheiros por lhe tratarem de "Mestre" e fazia até uma declaração de amor à bola. "Ela é minha companheira. Quando não consigo alcançá-la, ela me procura", assegurava.

Foi ali mesmo que veio a explicação dos títulos seguidos do São Paulo. "É só olhar a festa e perceber como é o ambiente", diagnosticava o polivalente Cafu. "Nós amamos isto aqui", completava Pintado, apontando para o escudo tricolor

SÃO PAULO

estampado em sua camisa. "Quero trabalhar no São Paulo até o fim", garantia. Esse amor levou o volante a calar até os críticos mais ferozes. Durante a campanha, desarmou como poucos, ganhou a posição de Dinho no primeiro turno e, na reta final, fez até lançamentos. Em um deles, deixou Raí na cara do goleiro César no primeiro tempo da final contra o Palmeiras.

Foi Pintado também quem comandou a defesa, ao lado de Ronaldo, e a tornou a segunda menos vazada do campeonato, com 29 gols e média de 0,85 (a Portuguesa tomou um gol a menos, mas sua média foi de 0,87). Aliás, o tricolor foi superior em tudo. Teve o ataque mais positivo, com 63 gols, aplicou a maior goleada (6 x 0 no Noroeste) e praticou o futebol mais prático e objetivo. Cada nova vitória deixava mais e mais claro que o São Paulo faria o Campeonato Paulista de 1992 ser eternamente lembrado pelos amantes do bom futebol como o título conquistado por um time histórico.

Era isso também o que percebia Telê Santana quando, pouco antes do apito final de José Aparecido de Oliveira, levantou-se e caminhou sem tirar os olhos do espetáculo que seus jogadores promoviam: "Jogamos futebol como deve ser jogado. E mostramos como vencer um campeonato". Assim, provou ser o mais vitorioso técnico do Brasil (é o único na história a conquistar os títulos paulista, carioca, mineiro, gaúcho, brasileiro, sul-americano e mundial). E mais uma vez não deixou dúvidas: o São Paulo hoje está muito à frente dos adversários.

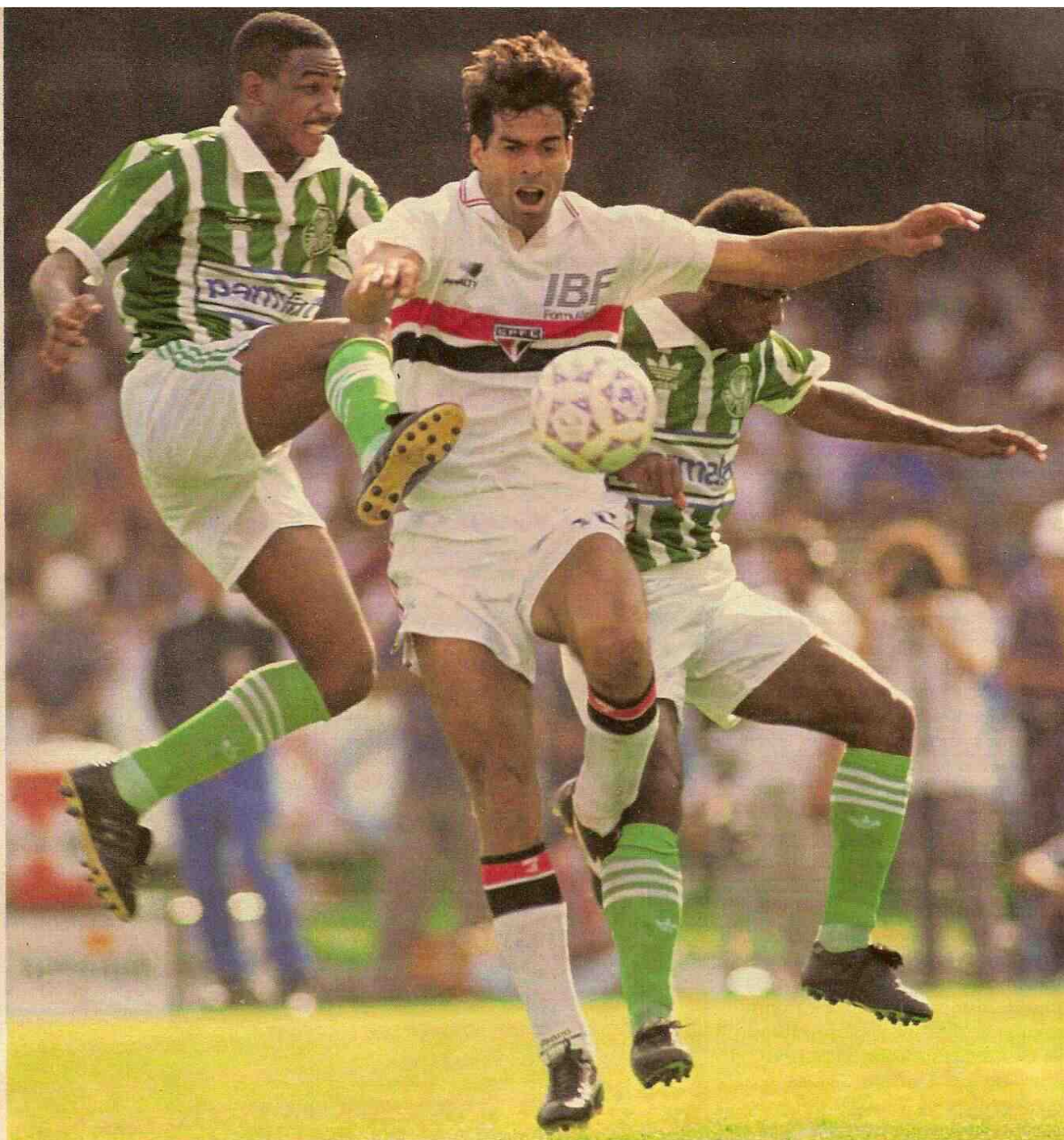
SILVIO PORTO

Zetti espalma a cabeçada de Evair na final: o tricolor tomou menos de um gol por jogo

A CAMPANHA

CINCO MESES DE PURA FESTA

1º TURNO
Juventus 1 x São Paulo 1
São Paulo 3 x Ituano 3
Noroeste 0 x São Paulo 1
Botafogo 1 x São Paulo 1
São Paulo 1 x Bragantino 1
Internacional 0 x São Paulo 1
São Paulo 1 x Palmeiras 0
Guarani 0 x São Paulo 0
São Paulo 2 x Portuguesa 1
Santos 3 x São Paulo 2
São Paulo 5 x Santo André 2
São Paulo 1 x Sãocarlense 0
Corinthians 0 x São Paulo 1
2º TURNO
São Paulo 0 x Santos 0
São Paulo 1 x Botafogo 0
Santo André 1 x São Paulo 1
São Paulo 3 x Internacional 0
São Paulo 3 x Corinthians 0
Sãocarlense 0 x São Paulo 2
Portuguesa 2 x São Paulo 2
São Paulo 6 x Noroeste 0
Bragantino 1 x São Paulo 0
São Paulo 2 x Juventus 0
São Paulo 2 x Guarani 1
Ituano 2 x São Paulo 1
Palmeiras 3 x São Paulo 0
FASE SEMIFINAL
JOGOS DE IDA
Portuguesa 0 x São Paulo 2
Santos 0 x São Paulo 3
São Paulo 4 x Ponte Preta 2
JOGOS DE VOLTA
São Paulo 2 x Santos 1
Ponte Preta 0 x São Paulo 0
São Paulo 3 x Portuguesa 1
FINAIS
Palmeiras 2 x São Paulo 4

20/dezembro/92
SÃO PAULO 2 X PALMEIRAS 1
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** José Aparecido de Oliveira; **Renda:** Cr$ 5 218 880 000; **Público:** 110 887; **Gols:** Müller 24 do 1º; Toninho Cerezo 14 e Zinho 45 do 2º; **Cartão amarelo:** Toninho, Cuca, Jean Carlo, Evair, Müller e Dida
SÃO PAULO: Zetti, Vítor (Válber), Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Cafu e Raí; Palhinha e Müller.
Técnico: Telê Santana
PALMEIRAS: César, Mazinho, Toninho, Edinho Baiano e Dida; César Sampaio, Daniel (Maurílio), Cuca (Carlinhos) e Jean Carlo; Evair e Zinho. **Técnico:** Otacílio Gonçalves
RESUMO DA CAMPANHA
34 J, 21 V, 9 E, 4 D, 63 GP, 29 GC

RICARDO CORRÊA

Raí vence César Sampaio e, com três gols sobre o Verdão, consagra-se como artilheiro tricolor, reafirmando sua vocação para decidir

O ARTILHEIRO

O PRIMEIRO ENTRE OS GÊNIOS DO MORUMBI

*O meia **Raí** não foi apenas o condutor do tricolor na campanha do bicampeonato. Com os quinze gols marcados durante o Paulistão, o craque consagrou-se definitivamente como o grande artilheiro da equipe. A história vinha se repetindo desde o Brasileiro de 1991, quando marcou sete vezes e foi o goleador do São Paulo no certame. No Paulistão do mesmo ano, seus vinte gols o tornaram o goleador do campeonato.*

Em 1992, porém, Raí exagerou e, em apenas três partidas, aniquilou seus adversários. Contra Ponte Preta e Palmeiras fez três gols, e na goleada por 6 x 0 contra o Noroeste fez o goleiro buscar a bola nas redes incontáveis cinco vezes. Numa delas, assinou uma obra-prima. Viu o goleiro Sílvio Roberto adiantado e, quase do meio-campo, tocou por cobertura, fazendo um dos mais belos gols do campeonato. Além disso, Raí reafirmou sua vocação para decidir, aniquilando o Palmeiras no primeiro jogo das finais, como fizera com o Corinthians, em 1991, e com o Barcelona, no Mundial Interclubes.

Só faltou ser o goleador de todo o Paulistão, glória que ficou com Válber, do Mogi-Mirim, com dezessete gols. A torcida não se importou e passou o ano inteiro cantando em coro: "Raí, Raí, o Terror do Morumbi", ao qual o craque respondia com um futebol empolgante. Ao final do jogo com o Palmeiras, o coro mudou: "Fica, Raí", pedia o estádio emocionadamente, esperando que seu ídolo o atendesse e continuasse mais uma temporada no Brasil. Defendendo o São Paulo, é claro.

CAMPEÃO CARIOCA

VASCO DA GAMA

ARRASTÃO DO INVICTO

Ignorando adversários e confusões, o time levou tudo de roldão e conquistou o título sem perder

Em 1993, a camisa do Vasco da Gama sofrerá uma pequena mas importante alteração. Em lugar de três estrelas douradas sobre o escudo, representando os títulos cariocas invictos de 1945, 47 e 49, o uniforme cruzmaltino trará uma quarta estrela — a do título estadual invicto de 1992 (o Vasco foi também campeão invicto em 1924, quando o futebol era ainda amador). Se não ter perdido para ninguém já é prova suficiente da superioridade vascaína, os números que o time acumulou ao longo dos dois turnos da competição são impressionantes. Foram 24 jogos e apenas seis empates; marcou 44 gols e sofreu somente 10; e acumulou 42 pontos ganhos, oito a mais do que o vice-campeão, o Flamengo. Como se pode ver, um verdadeiro massacre, uma campanha daquelas de humilhar os adversários.

"Nossa torcida sofreu muito com a perda do título brasileiro depois de o time ter feito um campeonato excelente, e a única forma de compensar aquela decepção só podia ser com uma conquista assim, indiscutível", alegrava-se o técnico Joel Santana, que dirigira a equipe do Vasco até o final do segundo turno do certame de 1987 (Sebastião Lazaroni o substitutiu nas finais e acabou saindo na foto do time campeão). "Desta vez, fiz questão da minha faixa", brincava. Para chegar à sua quarta estrela dourada, o Almirante usou a fórmula já consagrada de unir experiência e juventude. No item experiência, o grande trunfo cruzmaltino sem nenhuma dúvida chama-se Roberto Dinamite.

Até o início do campeonato, o maior ídolo da história do clube estava encostado e sem horizontes. Joel entregou-lhe de novo a velha camisa 10 e a braçadeira de capitão. Roberto fez um campeonato perfeito dentro de campo e, fora dele, mostrou-se como sempre um exemplo de profissionalismo. "Ele foi superimportante para todos nós, principalmente os mais jovens, como eu", elogiava o atacante

MARCO A. CAVALCANTE

Roberto parecia sem horizontes no clube até receber a camisa 10 e a tarja de capitão do técnico Joel Santana *(foto à direita)*. Aí, disputando jogadas com entusiasmo de iniciante, o grande ídolo liderou o time e, como nos velhos tempos, ergueu o troféu de campeão *(foto à esquerda)*

SÉRGIO MORAES

Edmundo, que chegou a levar um puxão de orelhas do veterano artilheiro depois de mais um de seus rompantes, quando brigou com o botafoguense Nélson no clássico entre os dois times pelo segundo turno. Vice-artilheiro da equipe, com oito gols, Roberto talvez tenha disputado seu último campeonato, agora que conquistou uma cadeira de vereador nas últimas eleições.

Ainda no item experiência, outro nome se destacou ao longo da campanha de 1992: o lateral Luiz Carlos Winck, no clube desde 1989, ano em que se sagrou campeão brasileiro. Determinado, raçudo, não só ajudou a defesa a ser a menos vazada do campeonato como ainda teve força e competência para se tornar peça fundamental no apoio ao ataque. Mas foi com a utilização de jovens talentos que o Vasco iluminou o caminho para o título invicto. O atacante Edmundo, que ganhara evidência no Campeonato Brasileiro, confirmou durante o Estadual a sua vocação para craque. De seus pés, começaram as jogadas de pelo menos 70% dos gols do time.

SÉRGIO MORAES

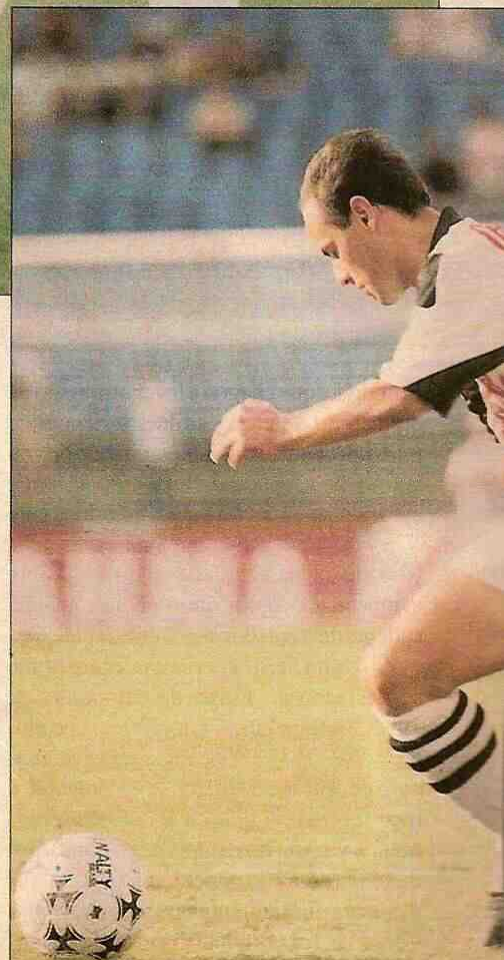
Outra revelação notável foi o meio-campista Leandro, promovido dos juniores por Joel Santana. Excelente marcador, provou que também sabe jogar, ligando, com passes precisos, a defesa aos jogadores de frente. Já o zagueiro Tinho, também guindado dos juniores, deixou claro que tão cedo o Vasco não terá problemas em seu miolo de área, pois joga com a mesma segurança tanto pelo lado direito quanto pelo lado esquerdo. Por último, o goleiro Carlos Germano mostrou por que sempre participou de todas as Seleções Brasileiras das divisões inferio-

FOTOS: SÉRGIO MORAES

Edmundo: participação em 70% dos gols vascaínos e vocação de craque confirmada

res. Seguro, tranqüilo, ótima colocação, foi o menos vazado do campeonato e uma segurança para os companheiros.

À experiência de Roberto Dinamite e Winck e ao talento de todos esses jovens juntaram-se a categoria e a habilidade de Carlos Alberto Dias. Único jogador contratado pelo clube como reforço, Dias demonstrou ser um verdadeiro pé-quente. Autor do gol que derrotou o Vasco na final de 1990, o ex-botafoguense ironicamente acabou dando o título do primeiro turno (Taça Guanabara) ao clube de São Januário, ao marcar, de canela, o gol do empate contra o Flamengo.

Fica fácil, assim, entender como e por que a equipe cruzmaltina em nenhum momento foi de fato seriamente ameaçada pelos adversários. Com um belo time, um banco à altura dos titulares e o elenco unido, o Vasco em momento algum deixou-se abater pelas trapalhadas dos cartolas cariocas, que fizeram da tabela da competição algo tão difícil de entender como um documento escrito em sumério. Para complicar, o Maracanã fechou para reformas e até os clássicos acabaram disputados em campos de dar dó. Os vascaínos foram em frente, no entanto. "Houve uma grande identificação entre time, comissão técnica, diretoria e torcedores", explicava o técnico Joel. "E, unido desse jeito, o Vasco só poderia mesmo ser imbatível." Os fatos dão razão ao treinador cruzmaltino. O time venceu os dois turnos, coisa que não acontecia desde que o Flamengo conseguiu essa proeza em 1979; conquistou o título com duas rodadas de antecedência; e, o melhor de tudo, o fez sem perder uma única partida, como nos bons tempos do Expresso da Vitória.

Leandro: promovido dos juniores, foi uma...

Artilheiro do time com 14 gols, Bismarck reencontrou seu futebol ao passar a jogar mais na frente, sua verdadeira posição

...das belas revelações da equipe cruzmaltina

CRAQUE NO LUGAR CERTO

O técnico Joel Santana foi o responsável por uma transformação na carreira do meia **Bismarck.** *Por ser profundo conhecedor das características do ídolo vascaíno, a quem lançou no time de cima, o treinador encontrou lugar exato para o meia e provocou o reaparecimento de seus gols. Em vez de um armador clássico ou um centroavante enfiado entre os zagueiros, como chegou a ser escalado, Bismarck passou a atuar como ponta-de-lança, partindo do meio-campo até chegar à área para as conclusões. Em conseqüência, transformou-se no artilheiro do time no campeonato com 14 gols, apenas um a menos do que Ézio, do Fluminense, o goleador da competição. "Vindo de trás e aparecendo na área para concluir, o meu futebol sobe", reconhece. Assim, ganhou elogios até de Roberto Dinamite, que o elegeu como seu mais provável sucessor nos corações vascaínos.*

A CAMPANHA

ALEGRIA DO INÍCIO AO FIM

1º TURNO
Madureira 0 x Vasco 0
Vasco 1 x América-TR 0
Vasco 1 x Botafogo 0
Volta Redonda 0 x Vasco 1
Vasco 3 x Itaperuna 0
Americano 0 x Vasco 3
América 0 x Vasco 4
Vasco 2 x Campo Grande 0
Vasco 1 x Fluminense 1
Vasco 0 x Bangu 0
Flamengo 1 x Vasco 1
2º TURNO
Campo Grande 2 x Vasco 3
Vasco 3 x Madureira 0
Itaperuna 0 x Vasco 3
Vasco 1 x Goytacaz 0
Vasco 3 x Volta Redonda 1
Vasco 0 x Americano 0
Vasco 4 x América 2
Olaria 0 x Vasco 1
Botafogo 1 x Vasco 3
América-TR 1 x Vasco 3
Bangu 0 x Vasco 1
(Campeão por antecipação)
Fluminense 0 x Vasco 1

6/dezembro/92
VASCO 1 X FLAMENGO 1
Local: São Januário (Rio de Janeiro); **Juiz:** Jorge Travassos; **Renda:** Cr$ 521 890 000; **Público:** 22 805; **Gols:** Edmundo 14 e Marcelinho 38 do 2º; **Cartão amarelo:** Wilson Gottardo, Júnior Baiano, Fabinho, Luiz Carlos Winck, Luisinho, Leandro e Dias; **Expulsão:** Júnior e Edmundo
VASCO: Carlos Germano, Luiz Carlos Winck, Tinho, Jorge Luís e Eduardo; Luisinho, Leandro, Bismarck (Geovani) e Dias; Edmundo e Roberto Dinamite. **Técnico:** Joel Santana
FLAMENGO: Gilmar, Cláudio (Aélson), Wilson Gottardo, Júnior Baiano, Rogério e Piá; Uidemar, Fabinho e Júnior; Marcelinho e Nélio. **Técnico:** Carlinhos
RESUMO DA CAMPANHA
24 J, 18 V, 6 E, 0 D, 44 GP, 10 GC

VASCO Campeão Cario
Coca-Cola
FINTA
COMISSÃO TÉCNICA

oca 1992

PLACAR

Em pé: Carlos Germano, Tinho, Jorge Luís, Luisinho e Eduardo; **agachados:** Luiz Carlos Winck, Leandro, Carlos Alberto Dias, Edmundo, Roberto Dinamite e Bismarck

ICTO

SÉRGIO MORAES

CRUZEIRO ESPORTE CLUBE

CRUZEIRO

DESFILE DE BOM FUTEBOL

O time estrelado reconquista Minas com a mesma fórmula da Supercopa: o talento de seus astros

O Campeonato Mineiro de 1992 vai entrar para a história como uma disputa cheia de surpresas. Pela primeira vez, por exemplo, o torcedor não pôde assistir ao maior clássico do Estado, entre Atlético e Cruzeiro, abortado pelas manobras do regulamento. Depois de 21 anos, o América chegou à final. Teve até jogo que não terminou, e deve ser disputado apenas no ano que vem. Só mesmo o campeão não surpreendeu a ninguém: o *Dream Team* do Cruzeiro, que, como se não bastasse a festejada conquista do bi da Supercopa, fechou o ano como o legítimo dono de Minas.

Foi uma campanha digna dos melhores tempos do clube. Dos 24 jogos disputados, a Raposa ganhou 21. Jamais foi vencida, e, mesmo entre os três empates computados, está um "meio"0 x 0 com o Araxá, partida interrompida aos 30 minutos do primeiro tempo por causa da chuva. Novo jogo está marcado para 1993, quando o time terá chance de ampliar ainda mais o saldo de 51 gols com que encerrou a temporada.

"Este ano foi tudo azul. Vim para o time certo, no momento certo", festejava o meia Betinho. Ele era apenas um dos legionários recrutados pelo Cruzeiro em todo o Brasil e até no exterior para, juntos, fazerem da Máquina Azul um impiedoso triturador de adversários. "Nunca pensei que iria levantar novamente o troféu de campeão mineiro", confessava emocionado o zagueiro Luizinho. Aos 33 anos, herói de outras conquistas pelo arquiinimigo Atlético, ele voltou do Sporting de Portugal para comandar a defesa menos vazada do campeonato (apenas dez gols sofridos) até os 2 x 0 da batalha final, contra o América.

Terceiro colocado em 1991, o que lhe custou até a perda da vaga de vice, na Copa do Brasil, para o modesto Democrata de Governador Valadares, o Cruzeiro entrou mordido na briga pelo título de 1992. Ao contrário do que acontecera na temporada anterior, não deixou que os esforços dispendidos na conquista da Supercopa desgastassem a campanha no estadual. E, quando Renato Gaúcho chegou, o que era bom ficou melhor ainda. Trinta e dois dos 61 gols marcados pelo infernal ataque azul no torneio (também o melhor do campeonato) saíram dos pés de Renato, Cleison e Toto, um incrível artilheiro que ficou a maior parte do tempo na reserva.

Na hora da decisão, se o América resolveu endurecer, despachando o Atlético antes do tempo, azar dele. O Cruzeiro, que já arrasara o Rio Branco com um 8 x 1 nas semifinais, não tomou conhecimento do Coelho, conquistando seu 14º título na era do Mineirão (um a mais que o Galo). Renato, autor de quatro dos cinco gols marcados pelo time nas finais (3 x 2 e 2 x 0), era o que mais festejava. "Eu quero mais é comemorar", gritava, correndo como um garoto pelo gramado. Símbolo maior de um ano que foi todo azul em Minas Gerais.

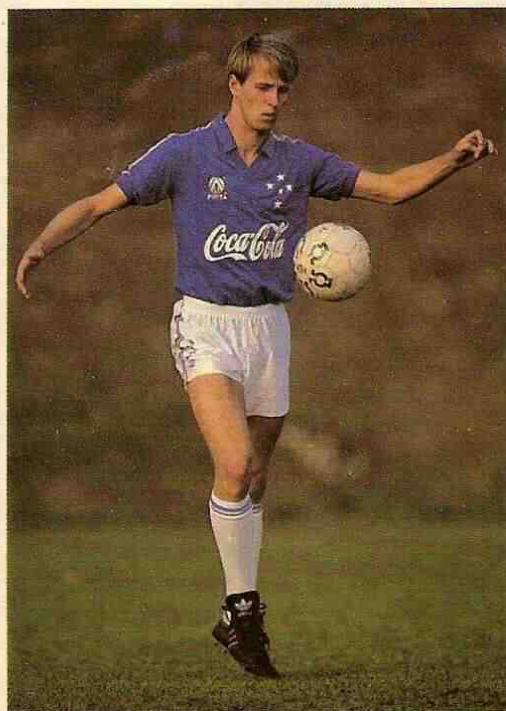
FOTOS NELIO RODRIGUES

Renato matou o América nas finais: dos cinco gols do Cruzeiro, quatro foram dele

O capitão Paulo Roberto e o goleiro Paulo César erguem mais uma taça: agora são 14 triunfos azuis no Mineirão, contra 13 do Galo

O ARTILHEIRO

OS GOLS QUE ESTAVAM NO BANCO

Dos três principais artilheiros do Campeonato Mineiro de 1992 (todos do Cruzeiro), só Renato Gaúcho (onze gols) tinha presença garantida em campo. Cleison (que fez nove) e ***Toto,*** *o melhor deles, autor de doze gols, curtiram o banco de reservas na maior parte da disputa. "Isso prova que o Cruzeiro não tem só onze jogadores, mas um plantel completo", desconversa o técnico Jair Pereira, bicampeão em Minas (no ano passado, faturou o título pelo Atlético). Nem mesmo o fato de ter continuado na reserva nos dois jogos decisivos desanimou Toto, um catarinense emprestado pelo Flamengo no início do ano, que não parece preocupado. "Ficar na reserva do Renato não é vergonha para ninguém", acredita o goleador de 24 anos. E nem tem motivos para isso: em menos de um ano de Cruzeiro, Toto já mostrou ser um pé-quente, conquistando o Campeonato Mineiro de 1992 e o bi da Supercopa.*

A CAMPANHA

TÃO COMBATIDO, JAMAIS VENCIDO

PRIMEIRA FASE
1º TURNO
Araxá 0 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 2 x Uberaba 1
Patrocinense 1 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 1 x Nacional de Uberaba 0
URP 0 x Cruzeiro 2
Cruzeiro 5 x Mamoré 0
Uberlândia 1 x Cruzeiro 4
2º TURNO
Cruzeiro 3 x Araxá 0
Nacional de Uberaba 0 x Cruzeiro 2
Uberaba 0 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 4 x URP 0
Cruzeiro 2 x Patrocinense 0
Mamoré 1 x Cruzeiro 2
Cruzeiro 7 x Uberlândia 0
SEGUNDA FASE
1º TURNO
Cruzeiro 2 x Araxá 1
Cruzeiro 4 x Democrata-SL 1
Cruzeiro 1 x Trespontano 0
2º TURNO
Trespontano 1 x Cruzeiro 2
Araxá 0 x Cruzeiro 0
Democrata-SL 0 x Cruzeiro 0
SEMIFINAIS
Rio Branco 0 x Cruzeiro 2
Cruzeiro 8 x Rio Branco 1
FINAIS
América 2 x Cruzeiro 3
20/dezembro/92
CRUZEIRO 2 x AMÉRICA 0
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Márcio Resende de Freitas; **Renda:** Cr$ 2 363 420 000; **Público:** 62 589; **Gols:** Renato Gaúcho 8 do 1º; Roberto Gaúcho 6 do 2º; **Cartão amarelo:** Luizinho, Marco Antônio Boiadeiro, Betinho, Renato, Marins, Gutenberg, Flávio e Róbson; **Expulsão:** Marco Antônio Boiadeiro
CRUZEIRO: Paulo César, Paulo Roberto, Célio Lúcio, Luizinho e Nonato; Douglas, Marco Antônio Boiadeiro e Luís Fernando (Édson); Betinho (Cleison), Renato Gaúcho e Roberto Gaúcho. **Técnico:** Jair Pereira
AMÉRICA: Millagres, Jorge Porto (Marcinho), Marins, Ricardo e Ronaldo; Gutenberg, Raimundinho e Flávio; Euler, Cleto (Luís Cláudio) e Róbson. **Técnico:** Pinheiro
RESUMO DA CAMPANHA
24 J, 21 V, 3 E, 0 D, 61 GP, 10 GC

INTERNACIONAL

COLORADO LAVA A ALMA

O bi gaúcho fechou um 1992 glorioso. Melhor: com o Grêmio, novamente, de freguês número um

Que torcedor do Internacional, por mais que o tempo passe, conseguirá apagar da memória o ano da redenção colorada de 1992? Foi nele que, depois de treze anos, o time voltou a conquistar um torneio nacional — a Copa do Brasil. Foi também em 92 que, à base da técnica e aplicação de Maurício, Márcio e Caíco, o Inter consolidou a hegemonia no Rio Grande, retomada em 1991, com um virtuoso bicampeonato. Mas o que nenhum colorado vai esquecer tão cedo é que, tanto em uma como em outra conquista, aconteceu o que ele mais esperava de seu time: o Inter passou inapelavelmente por cima do Grêmio.

A diferença entre os dois não foi mera obra do acaso. Ao contrário do desestruturado rival, o Inter, desde o início do Campeonato Gaúcho, mostrou que sabia aonde queria chegar. Tanto que sempre manteve o mesmo técnico, Antônio Lopes, ao contrário do atarantado tricolor, que passou pelas mãos de três treinadores (Ernesto Guedes, Cláudio Garcia e o ex-goleiro Mazarópi). Uma determinação inabalável, que não foi ameaçada nem pelas derrotas seguidas para Grêmio Santanense e Novo Hamburgo, ambas por 1 x 0, na Primeira Fase da competição, de resto encaradas como normais em uma disputa tão acirrada como é o campeonato gaúcho. "A torcida bem que vaiou um pouco", lembra Antônio Lopes. "Mas tínhamos ainda muito jogo pela frente."

Com os reforços do ponta Maurício, do volante Márcio e do meio-campo Silas, ficou mais fácil encarar a agenda cheia de compromissos, que incluía a Copa do Brasil. "Estamos invictos contra o Inter há cinco jogos", vangloriava-se o presidente gremista, Rafael Bandeira dos Santos, pouco antes de o tricolor ser eliminado pelo colorado daquele torneio, nos pênaltis, após dois empates (1 x 1 e 1 x 1). Era só uma prévia do que estava para acontecer nas finais do Gauchão.

Ousado, o Inter chegaria a arriscar sua classificação para a decisão estadual, escalando um time reserva já nas semifinais, contra o Esportivo de Bento Gonçalves, enquanto os titulares brigavam com Palmeiras e, depois, Fluminense pela Copa do Brasil. Deu tudo certo, no entanto: taça na estante, classificação para a final do Gauchão garantida com dois empates e uma vitória (1 x 1 contra Esportivo e Glória, e um 3 x 1 contra o Caxias), era hora, de novo, do Grêmio sofrer.

Mesmo sem Márcio, lesionado em um dos Gre-Nais da Copa do Brasil, mas contando com a determinação de Célio Silva e do redivivo Pinga, garantindo a segurança do goleirão Gato Fernandez lá atrás, e com o garoto Caíco endoidecendo os adversários na frente, não foi difícil castigar, mais uma vez, o velho rival. Na primeira partida decisiva, em pleno Olímpico, o show foi todo de Nando. Substituindo o artilheiro Gérson, ele comandou o primeiro passeio das finais: fez nada menos que dois dos 3 x 1 que mataram o arquiinimigo dentro de sua própria casa, deixando o adversário a duas impossíveis vitórias de distância da taça. Depois, bastou um 0 x 0 no Beira-Rio para garantir o bi. O milagre tricolor não poderia mesmo acontecer: 1992 foi um ano vermelho demais para o colorado deixar escapar a chance de ser o maior também no Rio Grande do Sul.

Com Élson, sobrou determinação: o Inter sabia aonde ia chegar

RICARDO CHAVES / ZERO HORA

GUARACY ANDRADE / ZERO HORA

Com Marquinhos, o Inter aniquilou o Grêmio: o bi não podia mesmo escapar

A CAMPANHA

PASSANDO POR TODOS

1º TURNO
Aimoré 0 x Inter 2
Inter 2 x Inter-SM 1
Inter 3 x Santa Cruz 1
Santanense 1 x Inter 0
Novo Hamburgo 1 x Inter 0
Inter 2 x São Paulo 0
Lajeadense 0 x Inter 0
Inter 4 x Pelotas 0
Inter 2 x Guarani-VA 0
Brasil 2 x Inter 0
Inter 1 x Grêmio 1
SEMIFINAL
Caxias 1 x Inter 1
Inter 2 x Glória 1
Esportivo 0 x Inter 0
2º TURNO
Ta-Guá 0 x Inter 2
Inter 3 x Caxias 1
Inter 3 x Guarany-CA 0
Juventude 0 x Inter 2
São Luiz 1 x Inter 0
Inter 2 x Passo Fundo 0
Ypiranga 0 x Inter 2
Inter 4 x Glória 1
Inter 4 x Dínamo 0
Esportivo 1 x Inter 1
SEMIFINAIS
Inter 1 x Esportivo 1
Glória 1 x Inter 1
Inter 3 x Caxias 1
FINAIS
Grêmio 1 x Inter 3
23/dezembro/92
INTERNACIONAL 0 X GRÊMIO 0
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); **Juiz:** Renato Marsiglia;**Renda:** Cr$ 799 930 000; **Público:** 17 490; **Cartão amarelo:** Célio Lino, Célio Silva, Gérson, Vágner, Jandir e Paulão; **Expulsão:** Vílson
INTERNACIONAL: Fernandez, Célio Lino, Célio Silva, Pinga e Daniel; Ricardo, Élson e Marquinhos; Maurício, Nando (Gérson) e Caíco (Silas). **Técnico:** Antônio Lopes
GRÊMIO: Émerson, Paulão, Vágner, Vílson e Xará; Alaércio, Jandir (Daniel) e Juninho; Caio, Mabília e Carlos Miguel. **Técnico:** Mazarópi
RESUMO DA CAMPANHA
30 J, 18 V, 8 E, 4 D, 50 GP, 17 GC

O ARTILHEIRO

SUPERANDO OS OBSTÁCULOS

Primeiro, foram as suspeitas de ser portador do vírus da AIDS, em março de 1992. Depois, as seguidas contusões que acabaram por deixá-lo de fora do primeiro Gre-Nal decisivo do Campeonato Gaúcho. Apesar de tantos problemas, porém, ninguém fez mais gols que **Gérson** *(foto), centroavante de 26 anos que fechou o ano como artilheiro do Inter campeão e também do Campeonato Gaúcho, com onze gols. "É brabo ficar fora justamente da decisão", lamentava-se ele, que foi também o artilheiro da Copa do Brasil, na véspera das batalhas finais contra o Grêmio. Nos Gre-Nais, porém, Gérson nada ficou a dever à galera. Foi com dois gols seus nos empates de 1 x 1 que o Inter eliminou o rival pouco antes, na Copa do Brasil, dando início à supremacia que durou por toda a temporada.*

NICO ESTEVES

SPORT

E NINGUÉM PODE COM O LEÃO

O rubro-negro comemora o bi com um grande elenco e a melhor campanha do Estado. E mostra aos outros clubes que terão problemas para superá-lo em 93

FOTOS HEUDES RÉGIS

A torcida carrega o lateral-esquerdo Biro-Biro em triunfo para comemorar o bicampeonato: o Sport foi imbatível em Pernambuco

A festa em Pernambuco foi, mais uma vez, rubro-negra. No domingo 13 de dezembro o Sport venceu o Náutico por 1 x 0 no tempo normal e sustentou, na prorrogação, um dramático 0 x 0, conquistando o bicampeonato estadual, feito que não conseguia há onze anos. Se não foi uma campanha tão brilhante como a de 1991, ainda assim a equipe da Ilha do Retiro mostrou ser superior aos adversários ao longo da competição.

Os rubro-negros largaram na frente, conquistando o primeiro turno ao vencer o Santa Cruz na decisão por 2 x 0, gols de Hélio e Moura. No início do returno, a equipe caiu muito de produção, em contraste com a ascensão do Náutico. Depois de duas derrotas seguidas, para Náutico e Santa Cruz, o técnico Gil, que substituíra Givanildo no pentagonal do primeiro turno, perdeu o emprego. E justamente para o mesmo Givanildo. Além da volta do treinador, a diretoria contratou o lateral-esquerdo Biro-Biro, do Bragantino, e o meio-campo Luís Carlos Goiano, do Novorizontino.

O time reagiu bem às mudanças e uma nova estrela começou a despontar: Dinda, ponta-direita que, apesar de reserva, era o artilheiro da equipe. Sua presença entre os titulares passou a ser exigida por boa parte da imprensa e da torcida. Na final do pentagonal do segundo turno, Givanildo finalmente efetivou o ponteiro no time. E Dinda acabou marcando os dois gols da vitória sobre o Náutico. Com isso, a decisão do returno foi para um jogo extra. Se o Sport vencesse, seria campeão direto. E todos já imaginavam que a equipe arrebataria o título. Afinal, era a dona da melhor campanha e possuía o mais qualificado elenco de Pernambuco.

O Náutico, no entanto, aplicou-lhe uma surpreendente goleada por 4 x 1, conquistando o segundo turno. O campeonato agora seria decidido em uma melhor-de-três. Na primeira, deu Náutico outra vez: 1 x 0. No segundo jogo, mesmo sem seu capitão, Aílton, substituído pelo garoto Lima, de 19

Por baixo, com Moura, ou pelo alto, o Sport foi sempre ao ataque. Marcou 78 gols em 45 jogos e isso lhe garantiu, no saldo de gols, a vantagem na prorrogação do segundo jogo decisivo contra o Náutico. O rubro-negro mostrou que o ataque é a melhor defesa

O ARTILHEIRO

A SOLUÇÃO DO ATAQUE

Sergipano de Pedra Branca, o ponteiro Jáilton dos Santos, o ***Dinda****, começou a aparecer em 1991. Emprestado pelo Confiança, de Aracaju, marcou quinze gols pelo Náutico no Campeonato Pernambucano daquele ano, mas foi devolvido em janeiro de 1992 porque a diretoria do clube não chegou a um acordo com o Confiança para comprar o seu passe.*

Dinda, de 20 anos, joga também de centroavante e, aliando força, velocidade e oportunismo, foi o artilheiro do Sport no campeonato de 1992, com dezessete gols. Contratado por empréstimo no início do ano, sem o aval do técnico Givanildo Oliveira, amargou a reserva em boa parte da competição. Mesmo assim, jogando esporadicamente, conseguiu marcar gols decisivos. Nos últimos quatro jogos, contra o Náutico, fez quatro gols. "Cheguei, vi e venci", vibra o ponteiro. "Espero continuar aqui em 1993. Quero fazer um ótimo Campeonato Brasileiro e me transferir para um clube do Sul", sonha.

anos, a equipe venceu por 1 x 0, gol de Dinda, que, coincidentemente, havia sido dispensado pelo Náutico no início do ano.

Na prorrogação a vantagem pertencia ao Sport, graças a um quase mísero detalhe no saldo de gols: os rubro-negros tinham 59 contra 58 do rival. E foi o que aconteceu. A equipe segurou o 0 x 0 e levou a taça para casa. No peito, na raça. A torcida, então, levou o frevo para as ruas e prometeu para o ano que vem o mesmo que conseguiu no início dos anos 80: alcançar o tricampeonato em 1993. E, se repetir a trajetória de 1992, a conquista será repetida na próxima temporada. Com inteira justiça.

A CAMPANHA

SUPERIOR DESDE O PRINCÍPIO

PRIMEIRO TURNO
Sport 0 x Estudantes 0
Sport 3 x América 0
Sport 2 x Santa Cruz 0
Paulistano 0 x Sport 2
Vitória 2 x Sport 1
Sport 1 x Central 0
Náutico 0 x Sport 0
Estudantes 0 x Sport 2
Sport 1 x Vitória 1
Sport 4 x Paulistano 1
Sport 1 x Náutico 0
Central 0 x Sport 0
Santa Cruz 1 x Sport 2
Sport 4 x América 0
Sport 2 x Santa Cruz 2
Central 0 x Sport 0
Náutico 2 x Sport 0
Sport 4 x Vitória 1
Sport 2 x Santa Cruz 0
FINAIS
Náutico 1 x Sport 0
Sport 1 x Náutico 0
SEGUNDO TURNO
Sport 2 x América 0
Vitória 2 x Sport 2
Sport 1 x Estudantes 0
Central 1 x Sport 1
Sport 5 x Paulistano 0
Sport 2 x Náutico 2
Santa Cruz 0 x Sport 0
Destilaria 1 x Sport 2
Paulistano 0 x Sport 4
Sport 7 x América 0
Náutico 2 x Sport 1
Sport 4 x Destilaria 2
Sport 1 x Vitória 0
Estudantes 0 x Sport 4
Sport 2 x Central 0
Sport 0 x Santa Cruz 1
Sport 1 x Náutico 1
Sport 1 x Vitória 1
Santa Cruz 1 x Sport 1
Central 0 x Sport 1
Náutico 0 x Sport 2
Náutico 4 x Sport 1
FINAIS
Náutico 1 x Sport 0

13/dezembro/92
SPORT 1 x NÁUTICO 0
Local: Ilha do Retiro (Recife); **Juiz:** Valdomiro Matias; **Renda:** Cr$ 957 570 000; **Público:** 40 419; **Gol:** Dinda 6 do 2º; **Cartão amarelo:** Gilberto, Lima, Ataíde, Neco, Jarbas, Paulo Leme e Fernando
SPORT: Gilberto, Odair, Chico Monte Alegre, Lima e Biro-Biro; Gilberto Gaúcho, Ataíde e Erasmo (Neco); Dinda, Hélio (Júnior) e Moura. **Técnico:** Givanildo Oliveira
NÁUTICO: Marco Antônio, Levi, Gérson, Emiliano e Hélcio; Cléber (Jarbas), Paulo Leme e Fernando; Jéferson (Ocimar), Bizu e Nivaldo. **Técnico:** Luciano Sabino Pinho
RESUMO DA CAMPANHA
45 J, 25 V, 13 E, 7 D, 78 GP, 30 GC

SPORT Bicampeão Pernam

Em pé: Odair, Lima, Gilberto Gaúcho, Gilberto e Chico Monte Alegre; **agachados:** Ataíde, Biro-Biro, Dinda, Erasmo, Hélio e Moura

...nbucano 1992

PLACAR

HEUDES REGIS

CAMPEÃO BAIANO

VITÓRIA

TÍTULO SEM DISCUSSÃO

O rubro-negro venceu os quatro turnos do campeonato e arrebatou seu 13º título sem polêmica

Do começo ao fim, só deu rubro-negro. Foram 19 vitórias, 10 empates e apenas uma derrota em inacreditáveis quatro turnos de disputa. Em nenhum deles o Vitória permitiu qualquer possibilidade de êxito aos rivais e impediu até que os cartolas (que pretendiam um quadrangular entre cada um dos vencedores de turno para declarar o campeão) estragassem o Campeonato Baiano. Assim, o clube alcançou sua 13ª conquista estadual e manteve a hegemonia — desde 1989 o Bahia só venceu a temporada de 1991.

Tão importante quanto a taça foi o fato de o Vitória não ter sido derrotado em nenhum Ba-Vi durante a temporada inteira — houve três empates e os rubro-negros ganharam um clássico. Verdade, porém, que o tricolor não mostrou forças para levar melhor sorte. Tanto que só chegou ao quadrangular final de dois dos quatro turnos. Enquanto isso, os rubro-negros faziam a festa contra os fracos Camaçari, Catuense, Jacuipense e Atlético de Alagoinhas.

A receita do sucesso do campeão era simples. Terminada a temporada 1991, vencida pelo Bahia, o Vitória arrematou os passes de todas as revelações locais. A principal delas foi o atacante Dão, contratado ao Jacuipense. Além disso, trouxe jogadores experientes, como o meia Arturzinho, de 36 anos (ex-Fluminense, Vasco e Corinthians), que se tornou o artilheiro estadual e principal líder do time. Além deles, lá estava o técnico João Francisco, campeão mineiro pelo Cruzeiro em 1984, que fez um trabalho brilhante desde o primeiro semestre, quando levou o Vitória ao vice-campeonato da Segunda Divisão do Brasileiro. O resultado da manutenção do treinador foi a conquista do título estadual já na decisão do quarto turno, empatando em 3 x 3 com o arquiinimigo Bahia. E, daqui para a frente, o rubro-negro promete: o Bahia vai ter que suar para recuperar a hegemonia no Estado.

FOTOS NELSON COELHO

A taça é rubro-negra: justa recompensa

O ARTILHEIRO

O REINADO DE ARTURZINHO

*Títulos jamais faltaram ao veterano **Arturzinho.** Campeão carioca pelo Fluminense em 1976, tetra sul-mato-grossense pelo Operário de 1978 a 1981, o meia-direita fez ao longo da carreira uma imensa coleção de faixas e troféus. A ele, só faltava uma coisa: a estabilidade que encontrou aos 36 anos de idade. Tudo em função da tranqüilidade oferecida pelo ambiente do Vitória. Em conseqüência chegaram os gols. Arturzinho foi o artilheiro do Campeonato Baiano com 24 gols, todos eles marcados com bola corrida (o meia não bate pênaltis). Por isso, ganhou um coro da torcida em todos os jogos na Fonte Nova: "Ei, ei, ei, o Artur é nosso rei".*

A CAMPANHA

VENCENDO EM TODOS OS TURNOS

1º TURNO
Vitória 2 x Galícia 2
Vitória 9 x Leônico 0
Bahia 0 x Vitória 0
Camaçari 0 x Vitória 0

FASE FINAL
Vitória 2 x Catuense 1
Jacuipense 0 x Vitória 0
Vitória 1 x Camaçari 0

2º TURNO
Jacuipense 1 x Vitória 3
Catuense 2 x Vitória 2
Itabuna 1 x Vitória 1
Vitória 1 x Fluminense 0
Atlético 0 x Vitória 2

FASE FINAL
Itabuna 2 x Vitória 6
Vitória 3 x Jacuipense 0
Vitória 2 x Bahia 2

3º TURNO
Vitória 2 x Galícia 1
Leônico 0 x Vitória 5
Vitória 0 x Camaçari 1
Bahia 0 x Vitória 1

FASE FINAL
Vitória 4 x Atlético 0
Vitória 0 x Catuense 0
Vitória 3 x Camaçari 0

4º TURNO
Vitória 5 x Atlético 0
Vitória 1 x Fluminense 0
Catuense 0 x Vitória 0
Vitória 1 x Jacuipense 0
Vitória 5 x Itabuna 0

FASE FINAL
Catuense 1 x Vitória 2
Vitória 7 x Itabuna 2

O JOGO DO TÍTULO
13/dezembro/92
VITÓRIA 3 X BAHIA 3
Local: Fonte Nova (Salvador); **Juiz:** Márcio Resende de Freitas; **Renda:** Cr$ 1 208 480 000; **Público:** 56 089; **Gols:** Zé Roberto 3 do 1º; Arturzinho 12, Edmílson 17, Marcelo 20, Dão 39 e Ramón Menezes 42 do 2º; **Cartão amarelo:** Alex, Zé Roberto, Evandro, Weslei, Agnaldo, Arturzinho e Dourado
VITÓRIA: Borges, Rodrigo, Evandro, Agnaldo e Renato Martins; Dourado, Giuliano (Vampeta) e Arturzinho; Zé Roberto, Dão e Gil Baiano (Luís Carlos). **Técnico:** João Francisco
BAHIA: Jean, Lima, Ronaldo, Jorginho e Alex (Edmílson); Eduardo, Weslei e Ramón Menezes; Reinaldo, Marcelo e Naldinho. **Técnico:** Antônio Lopes
RESUMO DA CAMPANHA
30 J, 19 V, 10 E, 1 D, 72GP, 19 GC

VITÓRIA Campeão Baiano

Em pé: Ronaldo, Toninho Oliveira (preparador físico), Luís Carlos, Evandro, Vampeta, Édson Santos, Agnaldo, Rodrigo, Borges e Dourado;

1992

PLACAR

gachados: Fabinho, Zé Roberto, Arturzinho, Gil Baiano, Giuliano e Dão

CAMPEÃO PARAENSE

PAYSANDU

MELHOR POR QUATRO VEZES

O Remo queria o tetra, mas foi o Papão quem ganhou quatro seguidas na decisão contra o rival

O quatro tornou-se um número mágico na disputa do Campeonato Paraense de 1992. O Remo, tricampeão, passara a temporada toda correndo atrás da quarta conquista consecutiva, um tetra perseguido pelos azulinos desde o longínquo ano de 1916. Mas foi o Paysandu quem ficou com o título deste ano. Por ironia do destino, com quatro vitórias consecutivas sobre o Remo nas finais — uma para cada ano das pretensões do rival, o que só fez aumentar o sabor de cada triunfo.

Não foi fácil, porém, para o Papão (como o time é chamado em Belém) estragar o sonho dos remistas. O campeonato, desgastante e com a realização de jogos quase que diariamente, teve ainda um desfalque importante: o Mangueirão, maior estádio do Pará, foi interditado e acabou reabrindo apenas com parte de sua capacidade para os jogos decisivos. E foi nestes que o Paysandu provou com sobras sua superioridade. Chegou ao título com um invejável cartel de 25 vitórias e apenas nove gols tomados em 31 jogos. Foi a defesa menos vazada e também o ataque mais positivo, marcando 62 gols (média de exatos dois por jogo). Teve até o artilheiro do campeonato, Edil, com 24 gols.

Armado de reforços como Édson (ex-Corinthians e Guarani), o ponta Jorginho (ex-Palmeiras) e o centroavante Mendonça (ex-Santos), o Papão partiu com vontade para as finais contra o Remo. De nada adiantaram as contratações milionárias do rival, como o centroavante Kel, do Marília, artilheiro da Primeira Fase do Campeonato Paulista de 1992, e o treinador Pedro Rocha, dispensado logo após a perda do segundo turno. Com quatro triunfos consecutivos por 1 x 0, o Paysandu fez jus ao fabuloso prêmio de 70 milhões de cruzeiros pelo título que tirou o tetra do Remo. Afinal, esse era o maior objetivo, a ser alcançado a qualquer preço.

ANTONIO SILVA

Os gols de Edil deram fim aos sonhos do Remo: foram nada menos de 24

O ARTILHEIRO

NINGUÉM FEZ MAIS QUE ELE

O artilheiro do Brasil em 1992 chama-se Edilberto de Oliveira, um paraense de Belém, mais conhecido pela torcida de seu clube, o Paysandu, pelo apelido de ***Edil.*** *Aos 28 anos, ele deixou sua marca nas redes adversárias por 24 vezes no Campeonato Paraense, quatro no Campeonato Brasileiro e três em amistosos. Emprestado ao Vitória da Bahia durante o Brasileiro da Divisão Intermediária, marcou por mais três vezes. Ninguém fez mais gols que ele, no país, no ano de 1992.*

No Paraense, apenas uma das nove outras equipes que disputaram o campeonato saiu de campo com a rara satisfação de não tomar gols de Edil. Foi o Independente. Contra os outros times, ele marcou gols de quase todas as maneiras possíveis — só não fez nenhum de cabeça.

O sonho do artilheiro a partir de 1993 é mostrar sua arte de fazer gols em outro centro futebolístico. Talvez em São Paulo (Portuguesa de Desportos, Marília e Rio Branco de Americana são três das equipes interessadas em seu passe), Venezuela ou Japão.

A CAMPANHA

GANHADOR DE PONTA A PONTA

1º TURNO
Paysandu 2 x Marituba 1
Paysandu 1 x Sport Belém 0
Paysandu 2 x Tiradentes 0
Paysandu 1 x Isabelense 0
Paysandu 2 x Pinheirense 0
Paysandu 7 Sport Belém 0
Tuna Luso 1 x Paysandu 0
Paysandu 2 x Isabelense 0
Remo 1 x Paysandu 0
Sport Belém 0 x Paysandu 6
Isabelense 0 x Paysandu 1
Paysandu 2 x Tuna Luso 2
Pinheirense 0 x Paysandu 5
Paysandu 0 x Remo 1
2º TURNO
Paysandu 3 x Santa Rosa 0
Paysandu 4 x Independente 0
Paysandu 1 x Pinheirense 0
Tuna Luso 0 x Paysandu 2
Remo 0 x Paysandu 0
Paysandu 2 x Tiradentes 0
Tuna Luso 0 x Paysandu 0
Paysandu 1 x Isabelense 0
Paysandu 1 x Remo 0
Paysandu 1 x Pinheirense 0
Isabelense 2 x Paysandu 3
Pinheirense 1 x Paysandu 2
Tiradentes 0 x Paysandu 5
Paysandu 3 x Tuna Luso 0
Remo 0 x Paysandu 1
FINAIS
Remo 0 x Paysandu 1

13/dezembro/92
PAYSANDU 1 x REMO 0
Local: Mangueirão (Belém); **Juiz:** Cláudio Vinicius Cerdeira (RJ); **Renda:** Cr$ 470 400 000; **Público:** 17 995; **Gol:** Mendonça 34 do 1º; **Cartão amarelo:** Paulo Cruz e Rildon; **Expulsão:** Valdeir, Silvano e Luciano Viana
PAYSANDU: Luís Carlos, Paulo Cruz, Augusto, Vítor Hugo e Pedrinho; Valdeir, Édson e Rogerinho; Edil (Ney), Mendonça (Figueiredo) e Jorginho. **Técnico:** Tata
REMO: Paulo Vítor, Marcelo, Belterra, Silvano e Luís Carlos; Agnaldo, Dema e Bebeto (Rildon); Edmílson (Jura), Kel e Luciano Viana. **Técnico:** Nélio Pereira
RESUMO DA CAMPANHA
31J, 25 V, 3 E, 3 D, 62 GP, 9 GC

PAYSANDU Campeão Par

Em pé: Pedrinho, Luís Carlos, Vítor Hugo, Augusto, Paulo Cruz e Valdeir; **agachados:** Mendonça, Edil, Jorginho, Rogerinho e Édson

aense 1992

PLACAR

ANTONIO SILVA

CAMPEÃO GOIANO

GOIATUBA

CAIU O TABU, VIVA O AZULÃO!

Pela primeira vez em 25 anos, um time de fora da capital levou a taça e deixou os grandes a ver navios

FOTOS CARLOS COSTA

Regularidade foi a receita do Goiatuba para passar o Goiás para trás

Foi a vitória da persistência. Finalmente deu frutos o trabalho iniciado há quatro anos em Goiatuba, a 180 km de Goiânia, quando o time local, conhecido pela torcida como Azulão do Sul, ficou em terceiro lugar no Campeonato Goiano. Entusiasmados com o feito, os diretores decidiram que chegara a hora de pensar grande. Resultado: o time conquistou o título estadual em 1992, uma façanha rara, já que há 25 anos um time do interior não alcançava tal glória. Mais: até hoje, somente o Anápolis, em 1965, e o Crac de Catalão, em 1967, haviam chegado a tanto. "Jogamos água no chope deles", festejava o técnico Orlando Lelé, ex-lateral de Coritiba, Santos e Vasco nos anos 70, referindo-se ao fim das pretensões do Goiás em levantar o tetracampeonato. Curiosamente, Orlando acabou sendo contratado pelo próprio Goiás dias depois da conquista.

Para dobrar Atlético, Vila Nova e Goiás, os três papões da capital no quadrangular decisivo, o Goiatuba contou com jogadores experientes, como o goleiro Marolla e o centroavante Pirata. Seu forte foi a regularidade: com 21 vitórias, quinze empates e apenas seis derrotas, teve ainda o melhor ataque (69 gols). A duas rodadas do final, o Goiás era o único que ainda poderia alcançar o Goiatuba. Mas, para isso, dependia de uma vitória do arquiinimigo Vila Nova, que acabou não acontecendo. E o Azulão, com seis vitórias em seis confrontos com os grandes, fechou o ano com a faixa no peito, acabando de vez com o incômodo tabu.

O ARTILHEIRO

VOLTOU PARA SER FELIZ

Um dos mais respeitados homens-gols do futebol goiano desde 1990, o centroavante ***Pirata****, no início deste ano, resolveu mudar de ares. A experiência no Náutico do Recife, porém, fracassou junto com a campanha do time pernambucano no Campeonato Brasileiro, e o centroavante teve de esperar o segundo semestre para ser feliz outra vez.*

De volta ao Goiatuba, não fez por menos: autor de quinze gols, Pirata sagrou-se o artilheiro do time campeão, embora bem atrás de Reinaldo, do Goiás, goleador maior do campeonato, que fez 23. "Mas ainda penso em me transferir para um grande clube", insiste o atacante.

A CAMPANHA

NÚMEROS DO FIM DA ESCRITA

1º TURNO
Goiatuba 3 x Quirinópolis 0
Ceres 0 x Goiatuba 1
Inhumas 1 x Goiatuba 1
Goiatuba 3 x Pires do Rio 2
Goiatuba 2 x Goiás 1
Jataiense 1 x Goiatuba 1
Novo Horizonte 1 x Goiatuba 1
Goiatuba 3 x Santa Helena 1
Vila Nova 0 x Goiatuba 0
Goiatuba 1 x América 1
Mineiros 3 x Goiatuba 2
Piracanjuba 1 x Goiatuba 3
Goiatuba 3 x Anapolina 1
Itumbiara 1 x Goiatuba 1
Goiatuba 0 x Atlético 0

2º TURNO
Quirinópolis 0 x Goiatuba 2
Goiatuba 2 x Ceres 2
Goiatuba 0 x Inhumas 0
Pires do Rio 2 x Goiatuba 1
Goiás 2 x Goiatuba 2
Goiatuba 6 x Jataiense 1
Goiatuba 2 x Novo Horizonte 2
Santa Helena 3 x Goiatuba 2
Goiatuba 3 x Vila Nova 0
América 0 x Goiatuba 2
Goiatuba 1 x Mineiros 0
Goiatuba 3 x Piracanjuba 0
Anapolina 0 x Goiatuba 0
Goiatuba 2 x Itumbiara 2
Atlético 1 x Goiatuba 0

QUARTAS-DE-FINAL
Inhumas 1 x Goiatuba 1
Goiatuba 0 x Novo Horizonte 1
Goiatuba 2 x Vila Nova 1
Novo Horizonte 1 x Goiatuba 0
Goiatuba 3 x Inhumas 1
Vila Nova 1 x Goiatuba 1

FASE FINAL
Atlético 0 x Goiatuba 1
Goiatuba 1 x Vila Nova 0
Goiatuba 2 x Goiás 1
Goiatuba 1 x Atlético 0

O JOGO DO TÍTULO
10/dezembro/92
VILA NOVA 0 X GOIATUBA 2
Local: Serra Dourada (Goiânia); **Juiz:** José Caetano; **Renda:** Cr$ 103 990 000; **Público:** 5 127; **Gols:** Pirata 13 do 1º; Luisinho 35 do 2º
VILA NOVA: Roberto Carlos, Josimar, Eugênio, Weslei e Ademílton; César, Hamílton e Alex; Rubinho (Ricardo Batata), Bé e Vital (Betinho). **Técnico:** Paulo Gonçalves
GOIATUBA: Marolla, Cláudio, Reinaldo, Edvaldo Costa e Jorge Luís; Fernando, Cachola e Estrela (Luisinho); Lenílson (Edvaldo Souza), Pirata e Tornado. **Técnico:** Orlando
Goiás 1 x Goiatuba 2

RESUMO DA CAMPANHA
42 J, 21 V, 15 E, 6 D, 69 GP, 37 GC

GOIATUBA Campeão Goiano 1992

Em pé: Vítor, Edvaldo Costa, Bilzão, Cláudio, Fernando, Almir, Jorge Luís e Reinaldo; **agachados:** Everaldo, Edvaldo Souza, Zague, Luisinho, Pirata, Tornado, Lenílson e Estrela

CAMPEÃO CATARINENSE

BRUSQUE

ZEBRA SEM MUITA SURPRESA

Com um ótimo futebol, o representante da cidade de Brusque elimina favoritos e chega a seu primeiro título

FOTOS IVONE MARCARINE/DC

O experiente Palmito não tinha dúvidas: "Seremos campeões. Nunca perdi decisão"

Ninguém poderia imaginar, no início do Campeonato Catarinense, que o título não acabasse nas mãos dos tradicionais papões —Joinville, Criciúma, Avaí ou Figueirense. Muito menos que a taça iria para uma equipe com apenas cinco anos de vida. No entanto, contrariando todas as previsões, o Brusque — um clube modesto, de uma cidade com pouco mais de 50 mil habitantes, situada a 100 km de Florianópolis — acabou conquistando o seu primeiro campeonato.

E nem foi uma zebra. Afinal, o Brusque fez a segunda melhor campanha da fase de classificação, acumulando trinta pontos em 26 jogos, sendo superado apenas pelo Criciúma, que somou 33. Por isso, as duas equipes se viram frente a frente na decisão da Taça Governador. O Criciúma levou a melhor. Mas, no Octagonal Cruzado — fase que realmente definiria o campeão —, o Brusque passou pela Chapecoense e o Marcílio Dias e garantiu sua presença nas finais, enquanto o Criciúma era surpreendentemente eliminado pelo Avaí, que também despachou o Joinville.

Na primeira partida, em Florianópolis, o Avaí venceu por 1 x 0, passando a depender de um empate no jogo de volta, em Brusque. No primeiro tempo, até que o time da capital conseguiu segurar o 0 x 0. Mas, na etapa final, Jair Bala, aos 12, e Washington, aos 18, colocaram o Brusque na frente. Gérson descontou aos 34, porém era tarde. O título ficou para a prorrogação. Aí, bastaria um empate para o Brusque garantir a taça. Cláudio Freitas, no entanto, fez um gol de placa, dando início a um carnaval sem igual pelas ruas da cidade.

O ARTILHEIRO

AS FALTAS COMO ARMA

Foi um campeonato cheio de surpresas. O artilheiro do Brusque, por exemplo, foi o experiente volante ***Palmito,*** *de 32 anos. Apesar de teoricamente jogar atrás, ele marcou 13 gols, três a menos do que o goleador de 1992, o atacante Zé Melo, do Internacional de Lajes.*

Catarinense de Palmitos, cinco vezes campeão estadual pelo Joinville e uma pelo Criciúma, Palmito fez das cobranças de faltas a sua principal arma para surpreender os goleiros. Na reta final, ele já tinha uma certeza. "Sabia que seria campeão. Afinal, nunca perdi uma decisão na vida."

A CAMPANHA

REGULARIDADE ATÉ A FINAL

TAÇA CIDADE DE BRUSQUE
Joinville 0 x Brusque 0
Brusque 2 x Concórdia 0
Marcílio Dias 2 x Brusque 1
Araranguá 1 x Brusque 0
Brusque 1 x Chapecoense 1
Brusque 4 x Internacional 0

RETURNO
Brusque 1 x Joinville 1
Concórdia 0 x Brusque 1
Brusque 2 x Marcílio Dias 2
Brusque 1 x Araranguá 2
Chapecoense 3 x Brusque 1
Internacional 0 x Brusque 6

TAÇA CIDADE DE LAJES
Figueirense 1 x Brusque 0
Brusque 1 x Juventus 0
Brusque 0 x Caçadorense 0
Blumenau 1 x Brusque 1
Brusque 2 x Avaí 1
Criciúma 3 x Brusque 0
Brusque 3 x Tubarão 0

RETURNO
Brusque 1 x Figueirense 0
Juventus 0 x Brusque 0
Caçadorense 1 x Brusque 0
Brusque 3 x Blumenau 0
Avaí 2 x Brusque 2
Brusque 1 x Criciúma 0
Tubarão 0 x Brusque1

TAÇA GOVERNADOR
Brusque 2 x Criciúma 0
Criciúma 1 x Brusque 0
(Na prorrogação, 2 x 0)

OCTOGONAL CRUZADO
Chapecoense 3 x Brusque 3
Brusque 2 x Chapecoense 0

SEMIFINAIS
Marcílio Dias 0 x Brusque 1
Brusque 0 x Marcílio Dias 1
(Na prorrogação, 0 x 0; o Brusque classificou-se por ter melhor campanha)

FINAIS
Avaí 1 x Brusque 0

13/dezembro/92
BRUSQUE 2 X AVAÍ 1
Local: Augusto Bauer (Brusque); **Juiz:** Dalmo Bozzano; **Renda:** Cr$ 161 010 000; **Público:** 4 357; **Gols:** Jair Bala 12, Washington 18 e Gérson 36 do 2º; **Cartão amarelo:** Carlão, Gérson, Albeneir, Cláudio Freitas e Cidão
BRUSQUE: Carlos Alberto, Édson D'Ávila (Wéber), Solis, Clésio e Washington; Müller, Palmito, Cidão e Cláudio Freitas; Jair Bala (Zé Ricardo) e Neilor. **Técnico:** Joubert Pereira
AVAÍ: Carlão, Netinho, Roberto Silva (Polaco), Gérson e Roberto Nunes (Márcio); Villas, Bemonte, Adílson Heleno e Jerry; Claudiomir e Albeneir. **Técnico:** Sérgio Lopes
Na prorrogação, Brusque 1 x 0, gol de Cláudio Freitas aos 26 do 1º
RESUMO DA CAMPANHA
34 J, 15 V, 9 E, 10 D, 48 GP, 28 GC

BRUSQUE Campeão Catarinense 1992

Em pé: Carlos Alberto, Zeca Albuquerque, Solis, Édson D'Avila, Zé Ricardo, Clésio, Müller e Washington; **agachados:** Wéber, Cidão, Neilor, Jair Bala, Itamar, Rildo, Palmito e Cláudio Freitas

LONDRINA

O TUBARÃO É GRANDE DE NOVO

Um mutirão na cidade leva o time azul ao título. Agora, os gigantes da capital têm novo rival

FOTOS ALBARI ROSA

Fim do sufoco: Márcio empata o segundo jogo. Depois, viria a festa

"Agora, no Paraná, não existe mais o Trio de Ferro. Mas, sim, um quarteto." A frase emocionada, em tom de decreto, foi dita pelo técnico Varlei de Carvalho, do Londrina, logo após o 1 x 0 na terceira partida com o União Bandeirante — vitória que garantiu ao Tubarão (como o time do Norte do Paraná é conhecido) o terceiro e mais difícil título paranaense de sua história. E é uma grande verdade. Com a conquista de 1992, que se juntou às de 1962 e 1981, o Londrina tornou-se, ao lado do rival Grêmio Maringá, o clube do interior que mais se aproxima dos três grandes de Curitiba (Atlético, Coritiba e Paraná Clube) em termos de vitórias no Estado.

A volta do Londrina forte, porém, não é obra do acaso, mas sim de um mutirão pela vitória que envolveu a prefeitura da cidade e alguns empresários. Assim, o time recebeu um empurrão extra na Fase Final, que ultrapassou a casa dos 400 milhões de cruzeiros. Os resultados não tardaram a aparecer: o Tubarão devorou o Atlético nas semifinais, com uma vitória por 3 x 1, uma derrota por 2 x 0 e novo triunfo nos pênaltis, por 4 x 3. O União Bandeirante era o último obstáculo na direção do título, e, com ele, havia um tabu: o Londrina não vencia o rival há quase sete anos.

Foram necessárias três partidas, todas em Londrina (o estádio do União não atendia à exigência mínima de 15 000 lugares), para despachar o carrasco. Mas valeu a pena: com dois empates (0 x 0 e 2 x 2, arrancado com um gol do zagueiro Márcio no último minuto) e uma sofrida vitória por 1 x 0, o Tubarão fez de Londrina, novamente, a capital do futebol no Paraná.

O ARTILHEIRO

ATACANDO EM DOSE DUPLA

*Na hora de fazer gols, o Londrina também foi um time solidário. O meio-campista **Tadeu** e o atacante **Cláudio José** (foto) terminaram juntos como artilheiros do campeão, com nove gols cada, quatro atrás de Saulo, do Paraná Clube, o artilheiro do campeonato, que fez treze.*

Cláudio José, 29 anos, é um velho conhecido da torcida do Tubarão. Em 1986, ele foi artilheiro do Campeonato Paranaense, com quinze gols, vestindo a camisa do clube. De volta após passagens por Joinville, Chaves, de Portugal, e Vitória, da Bahia, formou uma dupla infernal com Tadeu, um mineiro revelado pelo Cruzeiro nos anos 70 que, aos 30 anos, foi pelo terceiro ano seguido artilheiro do time.

A CAMPANHA

UM BELO RETROSPECTO

PRIMEIRA FASE
Londrina 1 x Apucarana 0
Sport 0 x Londrina 1
Paraná 0 x Londrina 0
Londrina 4 x Umuarama 2
Iguaçu 0 x Londrina 0
Londrina 0 x Comercial 0
União 2 x Londrina 2
Londrina 2 x Matsubara 2
Operário 1 x Londrina 1
Londrina 0 x Coritiba 0
Goio-Erê 1 x Londrina 1
Platinense 1 x Londrina 1
Londrina 1 x Cascavel 1
Londrina 3 x Foz 0
Maringá 3 x Londrina 1
Londrina 0 x Pato Branco 0
Londrina 4 x Batel 0
Toledo 1 x Londrina 1
Londrina 2 x Atlético 0
SEGUNDA FASE
1º TURNO
Londrina 1 x Cascavel 0
Operário 0 x Londrina 0
Londrina 2 x Paraná 1
2º TURNO
Cascavel 1 x Londrina 0
Londrina 3 x Operário 1
Paraná 2 x Londrina 1
SEMIFINAIS
Londrina 3 x Atlético 1
Atlético 2 x Londrina 0
(Nos pênaltis, Londrina 4 x 3)
FINAIS
Londrina 0 x União 0
União 2 x Londrina 2

19/dezembro/92
UNIÃO 0 X LONDRINA 1
Local: Estádio do Café (Londrina); **Juiz:** Luís Carlos Pinto de Abreu; **Renda:** Cr$ 509 700 000; **Público:** 26 526; **Gol:** João Neves 31 do 1º; **Cartão amarelo:** Zequinha, João Neves, Émerson, Alexandro, Leco, Donizetti, Vanderlei e Sousa; **Expulsão:** Avarildo e Tadeu
UNIÃO: Anselmo, Avarildo, Élson, Émerson (Reginaldo) e Vanderlei; Donizetti, Luisinho Cruz e Tainha; Zequinha (Mila), Alexandro e Darlan. **Técnico:** Geraldo Roncatto
LONDRINA: André Dias, Nílson, João Neves, Sousa e Jerry; Alexandre, Zé Roberto (Amarildo) e Tadeu; Leco, Marquinhos (Cláudio José) e Roberto. **Técnico:** Varlei de Carvalho
RESUMO DA CAMPANHA
30 J, 11 V, 15 E, 4 D, 38 GP, 24 GC

LONDRINA Campeão Paranaense 1992

Em pé: André Dias, Alexandre, Sousa, Roberto, Amarildo e Márcio; **agachados:** Aléssio, Marquinhos, Cláudio José, Tadeu e Celso Rei

CAMPEÃO PARAIBANO

AUTO ESPORTE

TÍTULO COM GOSTO ESPECIAL

A equipe lutou contra a sorte desde o começo e até na final só conseguiu ganhar na prorrogação

FOTOS ANTONIO DAVID DINIZ

O Auto pressiona o Treze: o campeão reagiu na hora certa

Jamais a torcida do Auto Esporte viveu uma alegria parecida. Era a sexta conquista estadual da equipe de João Pessoa, e garantida de maneira pouco convencional. Afinal, apesar de o time perder a decisão para o Treze por 4 x 0, acabou levando a taça para casa graças a um gol de Cristiano aos 5 minutos de uma prorrogação vencida heroicamente por 1 x 0. E nunca o Auto Esporte precisou superar tantos obstáculos para arrematar um troféu. Por isso, a torcida já elegeu a campanha de 1992 como uma das mais importantes da história do clube.

O time só despontou como forte candidato ao título na Segunda Fase do Segundo Turno. Até lá, as dificuldades impuseram a utilização de 24 jogadores e quatro técnicos durante a campanha. Mas foi a partir da reta final, quando vários jogadores do Treze (rival direto na disputa da tabela) foram suspensos por indisciplina, que o Auto Esporte conseguiu se aproximar.

Quando chegou a hora de definir o título, os dois já estavam iguais em tudo. Até no número de vitórias (30), apesar do Auto Esporte ter disputado uma partida a menos. Foi aí que entrou em ação a estratégia do técnico Carlão Morais. Na grande decisão, ele, que começou a dirigir o time no final do segundo turno e garantiu a presença nas finais, aconselhou seus jogadores a se pouparem para a prorrogação. A torcida ainda desconfiou depois da goleada de 4 x 0 imposta pelo Treze, mas, com o gol da taça, ninguém mais se importou. Todos comemoraram pelas ruas de João Pessoa, não ligando para quem tentasse gozações. Afinal, agora o caneco é do Auto Esporte.

O ARTILHEIRO

COM SEDE DE MARCAR

*A cena se repetiu várias vezes durante o Campeonato Paraibano. A bola cruzada para a área encontrava o talento de **Isaías** na marca do pênalti. O salto em grande estilo vencia qualquer zagueiro e a cabeçada era certeira. Dessa maneira, nasceram muitas das vitórias do Auto Esporte e vários dos 31 gols que fizeram dele o vice-artilheiro do campeonato — o goleador estadual foi Aguinaldo, do Botafogo, com 35. Mas ele reconhece, aos 32 anos, que as grandes fases de sua carreira aconteceram no Auto Esporte, onde entrou e saiu constantemente desde que começou no futebol. "Este ano, por exemplo, só não fui goleador do campeonato porque discuti contrato e fiquei fora de vários jogos", garante. Em 93, o artilheiro promete que a glória não lhe escapará e, aos 33 anos, ninguém marcará mais gols do que ele em toda a Paraíba.*

A CAMPANHA

UM CANECO MAIS QUE SUADO

1º TURNO
Auto Esporte 3 x Nacional-C 2
Auto Esporte 3 x Santa Cruz 0
Sousa 0 x Auto Esporte 1
Auto Esporte 0 x Nacional-P 0
Treze 0 x Auto Esporte 0
Auto Esporte 0 x Botafogo 1
Campinense 0 x Auto Esporte 1
Auto Esporte 3 x Santos 2
Auto Esporte 2 x Atlético 0
Esporte 1 x Auto Esporte 0
Auto Esporte 4 x Guarabira 0
Guarabira 0 x Auto Esporte 1
Auto Esporte 2 x Sousa 0
Auto Esporte 1 x Atlético 1
Auto Esporte 5 x Nacional-C 0
Auto Esporte 3 x Santos 1
Auto Esporte 1 x Botafogo 0
Auto Esporte 0 x Treze 0
Santa Cruz 1 x Auto Esporte 3
Nacional-P 2 x Auto Esporte 0
Auto Esporte 0 x Esporte 0
Auto Esporte 3 x Campinense 1

2º TURNO
Sousa 1 x Auto Esporte 4
Auto Esporte 3 x Nacional-P 2
Auto Esporte 1 x Santos 0
Auto Esporte 2 x Santa Cruz 0
Campinense 2 x Auto Esporte 1
Auto Esporte 2 x Nacional-C 0
Auto Esporte 1 x Guarabira 0
Auto Esporte 3 x Botafogo 2
Auto Esporte 1 x Esporte 0
Atlético 1 x Auto Esporte 2
Treze 1 x Auto Esporte 1
Auto Esporte 1 x Campinense 1
Esporte 0 x Auto Esporte 1
Nacional-P 1 x Auto Esporte 1
Santa Cruz 0 x Auto Esporte 0
Auto Esporte 3 x Santos 0
Nacional-C 1 x Auto Esporte 2
Guarabira 0 x Auto Esporte 1
Auto Esporte 3 x Sousa 1
Auto Esporte 1 x Atlético 1
Auto Esporte 0 x Botafogo 2
Auto Esporte 1 x Treze 1
Auto Esporte 1 x Treze 0

FINAIS
Auto Esporte 1 x Treze 0
Auto Esporte 0 x Treze 0

20/dezembro/92
TREZE 4 x AUTO ESPORTE 0
Local: Amigão (Campina Grande); **Juiz:** José Clizaldo da Silva França; **Renda:** Cr$ 107 430 000; **Público:** 7 289; **Gols:** Lauro 30, Vamberto 34, 37 e 42 do 1º
TREZE: Luciano, Lelo, Roberval, Mílton Lima e Betinho Cearense; Dario, Marco Antônio (Aloísio) e Lauro; Elizeu (Aírton), Vamberto e Gilmário.
Técnico: Nereu Pinheiro
AUTO ESPORTE: Zenóbio, Gilmar (Cal); Salerno, Carlinhos Paraíba e Adriano; Deoclécio, Betinho e Nilo; Válber (Éverton), Isaías e Cristiano.
Técnico: Carlão Morais
Na prorrogação, Auto 1 x 0, gol de Cristiano aos 5 do 1º tempo
RESUMO DA CAMPANHA
48 J, 30 V, 12 E, 6 D, 74 GP, 33 GC

AUTO ESPORTE Campeão Paraibano 1992

Em pé: Salerno, Deoclécio, Adriano, Zenóbio, Carlinhos Paraíba e Gilmar; **agachados:** Válber, Isaías, Betinho, Cristiano e Farias

CAMPEÃ CAPIXABA

DESPORTIVA

NA CADÊNCIA DOS VETERANOS

Para reconquistar a hegemonia no Espírito Santo, a experiência de Washington e Andrade foi fundamental

FOTOS GILDO LOYOLA

Alves devolve a taça para Vitória, depois de três anos de festa do interior

Quando deixou escapar os títulos de 1990, para o Colatina, e 1991, para o Muniz Freire, a Desportiva logo percebeu que, se quisesse fazer a taça voltar a Vitória, a capital do Estado, experiência seria fundamental. Por isso, na briga pelo campeonato deste ano, não fez por menos: com o aval do técnico Jaime, ex-zagueiro de São Paulo e Flamengo nos anos 70, armou-se de bons "velhinhos" do meio-campo para a frente. O ex-flamenguista Andrade, de 35 anos, e o atacante Washington, ex-Fluminense, Inter-RS, Guarani, Botafogo e Corinthians, de 32, foram os principais agentes desta transformação.

Seus quase setenta anos de bola juntos deram à equipe grená a tranqüilidade e a personalidade que faltaram nas duas temporadas anteriores, quando o caneco foi parar no interior do Estado. Tanto que, fosse o campeonato deste ano disputado em turno e returno, a Desportiva teria recebido a faixa bem antes, quatro pontos à frente do Linhares. Mas, como nos estaduais pelo Brasil afora isso é impossível, o time teve ainda de provar que era superior em uma fase semifinal, em melhores-de-quatro-pontos contra Castelo e Alfredo Chaves, para só depois ganhar o direito de decidir tudo com o Comercial de Muqui.

Nessa hora, a experiência valeu mais que em qualquer outra. No fim do primeiro tempo da primeira partida decisiva, em Muqui, o Comercial saiu vencendo por 1 x 0. Nem por isso houve desespero entre os jogadores grenás. Ciente de sua superioridade, a Desportiva virou para 2 x 1 e deixou para decidir tudo em casa. Bastava apenas perder por diferença de um gol, mas o time queria mais. Washington fez o primeiro e deu passe para mais dois nos 3 x 0 que deram à Desportiva sua 13ª glória estadual. Um título conquistado com justiça, e, sobretudo, na cadência da classe de seus bons velhinhos.

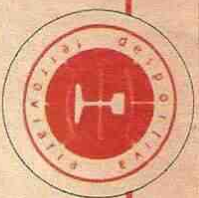
O ARTILHEIRO

WASHINGTON, DOCE ROTINA

*Aos 32 anos, o consagrado centroavante **Washington** (na foto, com camisa de treino) confirmou uma velha e doce rotina em sua carreira: terminar o ano como artilheiro absoluto de um campeonato. Desta vez, ele foi o maior do certame capixaba de 1992, ao lado de Cássio, do Muniz Freire, Sérgio Cogo, do Vitória, Valério, do Castelo, e Marcelo Cabeção, do Linhares, com nove gols cada um. Washington, porém, tem uma vantagem: é um emérito goleador de outras ocasiões, que juntou a glória deste ano às conquistas de um tri carioca e um Brasileiro pelo Flu.*

A CAMPANHA

NUNCA FOI TÃO FÁCIL

1º TURNO
Desportiva 2 x Vitória 0
Desportiva 1 x Santos 0
Colatina 0 x Desportiva 0
Desportiva 1 x Linhares 0
Desportiva 2 x Aracruz 0
Rio Branco 1 x Desportiva 0
Ibiraçu 1 x Desportiva 2
Desportiva 2 x São Mateus 1
Nova Venécia 2 x Desportiva 3
2º TURNO
Vitória 0 x Desportiva 5
Santos 0 x Desportiva 1
Desportiva 1 x Colatina 1
Linhares 2 x Desportiva 0
Aracruz 0 x Desportiva 1
Desportiva 2 x Rio Branco 0
Desportiva 2 x Ibiraçu 1
São Mateus 0 x Desportiva 0
Desportiva 2 x Nova Venécia 3
SEMIFINAIS
Castelo 0 x Desportiva 0
Desportiva 4 x Castelo 1
Alfredo Chaves 0 x Desportiva 1
Desportiva 3 x Alfredo Chaves 0
FINAIS
Comercial 1 x Desportiva 2
13/dezembro/92
DESPORTIVA 3 X COMERCIAL 0
Local: Engenheiro Araripe (Vitória); **Juiz:** Paulo César Gomes; **Renda:** Cr$ 182 220 000; **Público:** 10 146; **Gols:** Washington 4 e Welder 34 do 1º; Édson Garcia 17 do 2º; **Expulsão:** China, Andrade e Jaime
DESPORTIVA: Jorcey, China, Alves, Joãozinho e Dedé; Morelato, Andrade e Édson Garcia; Welder (Eusébio), Washington e Gérson. **Técnico:** Jaime de Almeida
COMERCIAL: Flávio, Almir, Rê, Jaime e Juarez; Marcão, Camilo e Edivaldo; Lepu (Alex), Rogério e Cley (Marcelo). **Técnico:** Marcos Magalhães
RESUMO DA CAMPANHA
24 J, 17 V, 4 E, 3 D, 40 GP, 14 GC

DESPORTIVA Campeã Capixaba 1992

Em pé: Joãozinho, Luís Carlos, Claudinho, Morelato, Dedé, Renê, Jorcey, Alves e Jaime de Almeida (técnico); **agachados:** Welder, Gérson, Evair, Washington, Andrade, Édson Garcia, China e Eusébio

NOVA ANDRADINA

ESTRÉIA COM COMPETÊNCIA

Caçula da Primeira Divisão, a alvinegra do interior surpreendeu os grandes e levou o caneco

Quando começou o Campeonato Sul-Mato-Grossense de 1992, a Sociedade Esportiva Nova Andradina era apenas uma coadjuvante na disputa pelo título. Se não bastasse ter que enfrentar tradicionais papões como Operário e Dourados (o Comercial não disputou o certame de 1992), o time fora promovido da Segunda Divisão na temporada anterior e ninguém imaginava que pudesse realizar uma boa campanha em sua estréia contra os grandes. Jogo a jogo, no entanto, a alvinegra do interior do Estado (Nova Andradina fica a 400 km de Campo Grande) foi surpreendendo seus rivais até alcançar as finais. Aí, no campo do Operário, na capital, venceu a decisão de virada por 3 x 1 e levou a taça para casa.

A conquista veio à custa de muitos investimentos. Depois de um início de campeonato inseguro, o técnico Válter Ferreira cobrou providências da diretoria. Os reforços chegaram legando a Nova Andradina um antigo craque nascido na cidade, cujo passe pertencia ao Internacional de Porto Alegre: Nílson Aragão.

Com ele no ataque, a alvinegra começou a acumular resultados positivos, mas só chamou a atenção quando goleou o Dourados nas semifinais por 5 x 0, no estádio do adversário. Na final enfrentou o Operário, abalado pelo assassinato brutal de seu lateral-direito Eduardo, dentro do campo de Ponta-Porã, na semifinal. Vários torcedores da Pontaporanense invadiram o campo e, com duas pedradas, provocaram sua morte. Mesmo assim, o Operário era favorito até entrar em ação a estrela de Nílson Aragão. Com seu time perdendo por 1 x 0, o atacante marcou duas vezes e construiu a jogada do segundo gol. Só então os torcedores perceberam que o Mato Grosso do Sul tinha uma nova força. Uma força com sotaque do interior.

FOTOS VALDENIR REZENDE

Depois dos 3 x 1 sobre o Operário *(acima)*, a caçula fez a festa na casa do inimigo

RETORNO DO FILHO PRÓDIGO

*Durante catorze anos, **Nílson Aragão** ficou distante de sua cidade. Tentou a sorte pelo Brasil afora, jogando por clubes como Juventus-SP e Internacional-RS. Ao voltar ao município em que nasceu, Nílson Aragão rapidamente conquistou a torcida com muitos gols. Fez dez durante a campanha e foi o artilheiro da equipe. Sua popularidade tornou-se tão grande que seu uniforme foi vendido para torcedores após o jogo final. O dinheiro arrecadado (dois milhões de cruzeiros) foi utilizado para reforçar a premiação aos jogadores campeões. Agora a torcida só espera conseguir dinheiro para manter o craque de 30 anos na cidade por mais uma temporada.*

UMA CAIPIRA MUITO EFICAZ

1º TURNO
Naviraí 1 x Nova Andradina 1
Nova Andradina 1 x Dourados 2
Pontaporanense 1 x Nova Andradina 0
Nova Andradina 0 x Ivinhema 0
Nova Andradina 2 x Naviraí 1
Dourados 0 x Nova Andradina 1
Nova Andradina 1 x Pontaporanense 0
Ivinhema 1 x Nova Andradina 2
2º TURNO
Maracaju 1 x Nova Andradina 3
Nova Andradina 1 x Dom Bosco 1
Nova Andradina 5 x Maracaju 0
Dom Bosco 0 x Nova Andradina 1
SEMIFINAIS
Dourados 0 x Nova Andradina 5
Nova Andradina 1 x Dourados 0
FINAIS
Nova Andradina 0 x Operário 0
19/dezembro/92
OPERÁRIO 1 x NOVA ANDRADINA 3
Local: Morenão (Campo Grande); **Juiz:** Getúlio Barbosa Souza Júnior; **Renda:** Cr$ 74 270 000; **Público:** 3 214; **Gols:** Luís Carlos 25 s, Nílson Aragão 12, Gilberto 25 e Nílson Aragão 34 do 1º; **Cartão amarelo:** Gonçalves, Celso, Valdir, Douglas, Modesto e Fabinho
OPERÁRIO: Marcílio, Gonçalves, Zé Ronaldo, Rodrigues e Oliveira (Clodoaldo); Celso, Luís Carlos e Valdir; Paulo César (Éder), Cássio e Gilmar. **Técnico:** Sílvio Elite
NOVA ANDRADINA: Moacir, Menoni, Modesto, Douglas e Flávio Miranda; Fabinho, Gilberto e Marcos Paulo (Disnei); Júlio César (Esquerdinha), Nílson Aragão e Marco Antônio. **Técnico:** Válter Ferreira
RESUMO DA CAMPANHA
16 J, 10 V, 4 E, 2 D, 27 GP, 9 GC

NOVA ANDRADINA Campeã Sul-Mato-Grossense 1992

Em pé: Menoni, Moacir, Modesto, Douglas, Flávio Miranda e Gilberto; **agachados:** Júlio César, Marco Antônio, Nílson Aragão, Marcos Paulo e Fabinho

CAMPEÃO MATO-GROSSENSE

SORRISO

UM SONHO VIRA REALIDADE

No interior do Estado, um time semi-amador se supera, ganha o título e transforma o Mato Grosso em uma festa

"Parece que estou vivendo um sonho." A frase do volante Lindomar, logo após o empate com o Mixto, resultado que assegurou o título mato-grossense de 1992, resumia o sentimento de toda uma cidade. Pela primeira vez, o Sorriso conquistava o campeonato, superando os clubes mais tradicionais do Estado, enchendo de emoção o pequeno município do mesmo nome, situado a 420 km de Cuiabá. Mais do que os rivais, no entanto, o time enfrentou obstáculos como o seu semi-amadorismo, que obrigava os jogadores a se reunirem somente nos dias de jogos.

Por isso, o Sorriso atravessou períodos difíceis desde a primeira fase da competição. Enquanto os craques do time se dedicavam a outras atividades (o meia César é cabo da Polícia Militar; o goleiro Neto, caminhoneiro; e o volante Lindomar, gerente de um posto de gasolina), a equipe acumulava derrotas e teve de disputar a repescagem. Foi quando chegou ao clube o técnico gaúcho Lindoberto Zanrosso, que, com muito diálogo, fez a equipe mostrar um futebol de categoria.

Daí em diante, ninguém conteve a ascensão do time. A união do elenco logo provocou uma reação satisfatória da cidade, que passou a lotar o Estádio Egídio José Primo. Assim, o Sorriso classificou-se na repescagem e chegou ao hexagonal decisivo, no qual fez excelente campanha, mesmo jogando contra adversários mais tradicionais. Isso lhe deu a vantagem do empate no terceiro jogo da decisão contra o Mixto (perdeu a primeira partida por 2 x 0, em Cuiabá, e venceu a segunda por 3 x 0, em casa). Aí, bastou à equipe manter o 0 x 0 durante noventa minutos da "negra", também disputada em Sorriso, e iniciar uma festa que só parou dois dias depois. "Foi uma vitória da nossa torcida, que nos incentivou durante toda a temporada", afirmava o meia César. O mais entusiasmado era o presidente, Elpídio Daroit, que faz planos altos para os próximos anos. "Primeiro vamos disputar a Copa do Brasil. Mas só vamos parar quando chegarmos às finais do Brasileiro."

FOTOS ALAIR ELGERT

Com a taça, o Sorriso virou uma festa que durou dois dias

O ARTILHEIRO

VIVENDO PARA A BOLA

*O centroavante **Davi** é um dos poucos jogadores do elenco que só se dedicam ao futebol. Veio emprestado pelo Caxias (RS), no início da repescagem, marcou 10 gols e foi o vice-artilheiro do campeonato, atrás apenas de Dito Siqueira, que fez 14 pelo Sinop. Davi, no entanto, requer para si a glória dos goleadores. Afinal, disputou dez partidas a menos do que o rival. Por isso, apesar de estar voltando para o Caxias, ele será sempre lembrado pela torcida.*

A CAMPANHA

A PENOSA CAMINHADA

PRIMEIRA FASE
Sinop 2 x Sorriso 0
Sorriso 0 x Garimpeira 1
Sorriso 0 x Águia Peixotense 0
Diamantinense 0 x Sorriso 0
Sorriso 0 x Sinop 2
União Garimpeira 1 x Sorriso 0
Águia Peixotense 2 x Sorriso 0
Sorriso 3 x Diamantinense 0
REPESCAGEM
Diamantinense 0 x Sorriso 2
Sorriso x Diamantinense
(O Sorriso venceu por W.O., pois o Diamantinense não compareceu)
Sorriso 1 x Cáceres 0
Garirobense 0 x Sorriso 0
Cáceres 1 x Sorriso 2
Sorriso 3 x Garirobense 1
HEXAGONAL
Sorriso 2 x Sinop 0
Sorriso 3 x Operário 0
União 1 x Sorriso 1
Sorriso 2 x Mixto 0
Barra do Garças 2 x Sorriso 1
Mixto 1 x Sorriso 1
Sorriso 0 x Sinop 0
Sorriso 1 x Barra do Garças 0
Sorriso 3 x União 0
Operário 1 x Sorriso 0
FINAIS
Mixto 2 x Sorriso 0
Sorriso 3 x Mixto 0
6/dezembro/92
SORRISO 0 X MIXTO 0
Local: Estádio Egídio José Primo (Sorriso); **Juiz:** Joelmes Jesus da Costa; **Renda:** Cr$ 123 330 000; **Público:** 4 111
SORRISO: Neto, Boca, Batista, Bedin e Marcão; Lindomar, Kruger e Manoel; César, Davi e Luciano. Técnico: Lindoberto Zanrosso
MIXTO: Julinho, Rildo, Edinho, Sérgio Paula e Walcir; Dilson, Tostão (Carlinhos) e Geraldinho; Claudinho, Arilson e Nasser (Ivair). Técnico: Ademir Moreira
RESUMO DA CAMPANHA
27 J, 12 V, 7 E, 8 D, 28 GP, 17 GC

SORRISO Campeão Mato-Grossense 1992

Em pé: Paulinho, Neto, Batista, Bedin, Lindomar e Marcão; **agachados:** César, Kruger, Davi, Manoel e Luciano

BICAMPEÃO BRASILIENSE

TAGUATINGA

PRÊMIO AO TRABALHO

O clube criou a melhor estrutura do Distrito Federal, venceu os dois turnos e ganhou o bi de forma incontestável

Antes mesmo do início da temporada em Brasília, não era difícil notar que um clube despontava com um imenso favoritismo sobre os demais. Afinal, o Taguatinga era o único a treinar em dois períodos e o pioneiro na introdução de um modelo profissional em seu departamento de futebol. Assim, bastou ser dado o pontapé inicial para o Campeonato Brasiliense de 1992 para o time promover um verdadeiro massacre sobre os rivais e arrebatar o bicampeonato estadual.

A superioridade do Taguatinga é facilmente avaliada nos números da campanha. Em 32 jogos, a equipe venceu vinte, sofreu apenas duas derrotas e alcançou a marca de 62 gols (média de 1,93 por jogo). Venceu os dois turnos do campeonato e chegou ao título sem precisar disputar o quadrangular decisivo, previsto inicialmente no regulamento.

Ao longo da temporada, no entanto, houve algumas dificuldades. A começar pela saída do técnico Mozair Barbosa, que recebeu uma proposta do futebol goiano e foi substituído pelo vice-presidente do clube, Heitor Kanegae. Mesmo sem jamais ter dirigido uma equipe profissional, Kanegae imprimiu uma marcação forte no meio-campo e, com um ataque infernal, comandado pelo artilheiro Joãozinho, aniquilou um a um todos os adversários. A final do Segundo Turno, então, ganhou o aspecto de uma verdadeira decisão estadual. Uma simples vitória garantia o título da temporada.

E mais uma vez, ficou provada a superioridade do Taguatinga. A equipe venceu o Brasília por 2 x 1 e levou a taça para casa, premiando os investimentos calculados em 100 milhões de cruzeiros, feitos ao longo do ano pela diretoria.

O título, contudo, deixa duas certezas extras em todos os torcedores: a de que não existem adversários para o clube no Distrito Federal e que, por isso, o bicampeonato é apenas o início de uma longa hegemonia da equipe mais estruturada no futebol de Brasília.

FOTOS VALÉRIO AYRES

Na final, 2 x 1 no Brasília, garantindo o bicampeonato

O ARTILHEIRO

O RECORDISTA DE BRASÍLIA

*Foram 25 gols históricos, já que, além de tornarem o centroavante **Joãozinho** o artilheiro do Campeonato Metropolitano, transformaram-no no recordista de gols em uma única temporada no Distrito Federal. Antes, o recorde pertencia a Fantato, que fez 23 em 1980 pelo Gama. Joãozinho, porém, foi mais longe. Marcou até o gol decisivo, com uma sensacional bicicleta, selando o bicampeonato do Taguatinga.*

A CAMPANHA

A TRILHA DO BI

1º TURNO
Ceilândia 0 x Taguatinga 2
Planaltina 0 x Taguatinga 0
Guará 0 x Taguatinga 3
Taguatinga 1 x Tiradentes 1
Taguatinga 3 x Gama 0
Taguatinga 1 x Sobradinho 0
Brasília 2 x Taguatinga 1
Taguatinga 4 x Ceilândia 1
Taguatinga 3 x Planaltina 0
Tiradentes 0 x Taguatinga 0
Taguatinga 1 x Brasília 1
Taguatinga 1 x Guará 0
Sobradinho 1 x Taguatinga 4
Gama 0 x Taguatinga 0
DECISÃO — 1º TURNO
Tiradentes 1 x Taguatinga 1
Taguatinga 3 x Tiradentes 1
2º TURNO
Planaltina 0 x Taguatinga 2
Tiradentes 2 x Taguatinga 4
Guará 2 x Taguatinga 2
Taguatinga 1 x Sobradinho 1
Brasília 0 x Taguatinga 0
Gama 1 x Taguatinga 2
Ceilândia 0 x Taguatinga 5
Taguatinga 3 x Tiradentes 2
Taguatinga 2 x Guará 1
Taguatinga 3 x Brasília 1
Taguatinga 2 x Planaltina 1
Taguatinga 3 x Gama 1
Sobradinho 2 x Taguatinga 0
Taguatinga 3 x Ceilândia 1
DECISÃO — 2º TURNO
Brasília 0 x Taguatinga 0
FINAL
(Decisão do Segundo Turno)
13/novembro/92
TAGUATINGA 2 X BRASÍLIA 1
Local: Elmo Serejo (Taguatinga); Juiz: Nílton de Castro; Renda: Cr$ 102 440 000; Público: 5 122; Gols: Joãozinho 34 do 1º; Joãozinho 25 e Edmar 34 do 2º
TAGUATINGA: Edílson, Márcio Franco, Zinha, Djalma Lima e Adelmo; Paulo Lima (Manoel Ferreira), Marco Antônio, Júlio César e Rogério; Serginho e Joãozinho. Técnico: Heitor Kanegae
BRASÍLIA: Gildo, Cláudio, Júnior, Luizinho e Vizoto; Edmar, Josimar e Palhinha; Ézio, Pires (Rondinelli) e Marquinhos. Técnico: Heitor de Oliveira
RESUMO DA CAMPANHA
32 J, 20 V, 10 E, 2 D, 62 GP, 24 GC

TAGUATINGA Bicampeão Brasiliense/ 1992

Em pé: Edílson Barriga, Júnior, Manoel Ferreira, Dalmir, Djalma Lima, Paulo Lima e Zinha; **agachados:** Marco Antônio, Lima, Júlio César, Rogério, Serginho, Adelmo, Joãozinho e Tuta

BICAMPEÃO POTIGUAR

AMÉRICA

USANDO A VELHA RECEITA

Mantendo o time campeão em 91, o alvirrubro bateu todos os adversários e ganhou o bi

A receita era simples. Bastava manter o time campeão potiguar em 1991 e mesclar com um ou outro reforço proveniente das divisões de base. Ao lado disso, continuava na equipe o mesmo técnico vitorioso na campanha do título passado e que, por ter sido formado dentro do clube, conhecia todas as características de seus jogadores: Baltazar Aguiar. Assim, com um conjunto insuperável, o América aniquilou um a um todos os rivais e arrebatou sem problemas o bicampeonato estadual.

A estratégia americana para chegar ao bi era simples: atacar sempre. Foram 41 gols em 28 partidas. Comandado pela dupla formada por Paloma (artilheiro da competição com onze gols) e Baíca, o time só conheceu o sabor da derrota três vezes, todas para o arquirrival ABC. A última delas até impediu a conquista antecipada do título, já que o ABC acabou vencendo o terceiro turno, tornando obrigatória a disputa de um jogo decisivo entre os dois maiores rivais do Estado. Como todos esperavam, o ABC procurou partir para o ataque no início da partida, chegando a abrir o marcador, mas não teve forças para segurar a vantagem. Três minutos depois o América empatava, resultado que persistiu até o final. Com isso, o América — beneficiado por ter vencido os dois primeiros turnos — garantiu o título de bicampeão.

Os únicos que não ficaram satisfeitos foram os homens da Federação Potiguar de Futebol, que transformaram o campeonato no menos rentável dos últimos tempos. Os alvirrubros, porém, não quiseram saber do sofrimento dos adversários e dirigentes e pintaram Natal de vermelho e branco, comemorando o 25º campeonato da equipe. E já com uma certeza antecipada: em 1993, o time vai em busca do tri.

FOTOS MOACIR SILVA

Nem com violência o ataque americano parou: fez 41 gols em 28 jogos

O ARTILHEIRO

RESPEITO ATÉ NAS VAIAS

*Foram onze gols em todo o campeonato, tornando o centroavante **Paloma**, de 26 anos, um nome respeitado em todo o Rio Grande do Norte. Durante a maior parte do terceiro turno, porém, o goleador passou maus momentos. Tudo porque marcou o último dos onze gols que o tornaram artilheiro do campeonato em 13 de novembro, na vitória por 2 x 1 contra o Alecrim. Ganhou vaias da torcida, mas jamais perdeu o respeito dos adversários. Eles sabiam que, ao menor descuido, o ex-centroavante do Flamengo e América-RJ deixaria sua marca.*

A CAMPANHA

CUSTOSA FELICIDADE

1º TURNO
América 2 x Desportiva 0
América 0 x Potyguar 0
Baraúnas 0 x América 0
América 0 x ABC 1
América 1 x Alecrim 0
Desportiva 0 x América 1
América 3 x Baraúnas 0
Potyguar 0 x América 0
América 2 x ABC 0
Desportiva 0 x América 2
América 4 x Potyguar 0
América 2 x ABC 1
América 1 x Desportiva 1
Potyguar 1 x América 3
América 2 x ABC 2
2º TURNO
Desportiva 3 x América 3
América 1 x Alecrim 0
América 0 x ABC 1
América 3 x Desportiva 1
América 2 x Alecrim 1
América 2 x ABC 0
Desportiva 0 x América 2
América 2 x Desportiva 2
América 0 x ABC 0
Desportiva 0 x América 0
América 1 x Desportiva 1
América 1 x ABC 2
FINAL
17/dezembro/92
AMÉRICA 1 x ABC 1
Local: Cláudio Machado (Natal); **Juiz:** Wílson da Conceição; **Renda:** Cr$ 99 750 000; **Público:** 6 068; **Gols:** Joãozinho 22 e Joélson 25 do 1º
AMÉRICA: Eugênio, Tiê, Pedro Diniz, Gito e Mingo; Valério, Lico e Joélson (Dedé de Dora); Baíca, Paloma (Marquinhos) e Bebeto. **Técnico:** Baltazar Aguiar
ABC: Luciano, Zito, Édson, Romildo e Quinho; Alves (Toinho), Júlio, Valdo e Valério (Válter); Joãozinho e Rinaldo. **Técnico:** Mário Marques
RESUMO DA CAMPANHA
28 J 14 V 11 E 3 D 41 GP 18 GC

AMÉRICA Bicampeão Potiguar 1991/92

Em pé: Mingo, Pedro Diniz, Gito, Tiê e Eugênio; **agachados:** Lico, Bebeto, Biro-Biro, Baíca, Valério e Paloma

CAMPEÃO ALAGOANO

CRB

O NOVO DONO DE MACEIÓ

Os alvirrubros comemoram o 22º título estadual vendo seu time ser o melhor em tudo em Alagoas

FOTOS JOSÉ RONALDO

Contra o Capela, os craques comemoram a coroação de uma campanha inesquecível

O domingo 6 de dezembro amanheceu vermelho em Maceió. Ninguém duvidava que à tarde o CRB conquistaria o título depois de quatro anos em jejum e confirmaria uma trajetória brilhante. Em 42 jogos, o alvirrubro venceu 25, empatou 14 e sofreu apenas três derrotas, todas fora de casa. De quebra, teve o ataque mais positivo da competição, com 78 gols (média de 1,85 por jogo) e a defesa menos vazada, com 31 gols sofridos.

Por isso, nem o empate em 0 x 0 contra o Capela diminuiu a vibração da torcida vermelha e branca. O resultado assegurou o troféu com duas rodadas de antecipação. E ainda houve uma alegria extra na última partida. O CRB goleou o arquirrival CSA por 5 x 2 e manteve uma invencibilidade em clássicos que durou todo o campeonato (foram quatro vitórias e três empates).

Para realizar essa campanha brilhante, o CRB contratou jogadores experientes, como o lateral-direito Xande (ex-América-SP), Rinaldo e César (ambos campeões pelo CSA em 1991). Venceu o primeiro e o terceiro turnos, entrando, por isso, com quatro pontos de bonificação no quadrangular decisivo. Na reta final, contou ainda com a má fase do CSA, que acumulou derrotas e assistiu ao modesto Ipanema ficar com o vice-campeonato. O 22.º título estadual do CRB, no entanto, não é encarado como o final de um trabalho. Ao contrário, o presidente do clube, Manoel Gomes de Barros, quer ainda mais. "Esse é apenas o início de uma era gloriosa", garante.

O ARTILHEIRO

A HUMILDADE EM CAMPO

*O meia **Gerônimo** foi promovido no início do ano e rapidamente virou ídolo da torcida do CRB. Fez gols, comandou o ataque de seu time e tornou-se o artilheiro do Campeonato Alagoano, com dezenove gols. Mas o sucesso do goleador também teve um dedo da direção do clube. Durante uma reforma urgente em sua casa, no meio da campanha, o jogador foi acolhido na concentração, onde morou durante alguns dias. "Tive ainda a ajuda de conselheiros para que minha casa não caísse", afirma. Sua maior característica, no entanto, é a humildade. "Sempre terei algo a aprender no futebol."*

A CAMPANHA

AS JORNADAS DA CONSAGRAÇÃO

1º TURNO
CRB 4 x Inter 1
CRB 1 x Capela 2
CRB 0 x Ipanema 0
CRB 3 x Comercial 1
CRB 1 x Cruzeiro 0
CRB 2 x CSE 2
CRB 4 x Sete de Setembro 0
CRB 3 x ASA 1
CRB 3 x CSA 1
QUADRANGULAR
CRB 3 x CSA 3
CRB 2 x CSA 2
2º TURNO
CRB 3 x Comercial 0
CRB 0 x Capela 0
CRB 1 x CSE 0
CRB 1 x ASA 2
CRB 1 x Ipanema 1
CRB 4 x Cruzeiro 1
CRB 2 x Sete de Setembro 0
CRB 1 x Inter 1
CRB 1 x CSA 0
QUADRANGULAR
CRB 2 x CSE 3
CRB 0 x CSE 0
CRB 1 x Ipanema 0
3º TURNO
CRB 1 x Comercial 1
CRB 3 x Cruzeiro 1
CRB 2 x Capela 0
CRB 2 x Ipanema 1
CRB 1 x Inter 1
CRB 2 x Sete de Setembro 0
CRB 1 x CSE 0
CRB 2 x ASA 0
CRB 1 x CSA 1
CRB 0 x Ipanema 0
CRB 2 x Ipanema 0
CRB 0 x Capela 0
CRB 2 x Capela 0
QUADRANGULAR
CRB 3 x Ipanema 0
CRB 2 x CSA 0
CRB 3 x Capela 2

JOGO DO TÍTULO
6/dezembro/92
CRB 0 x CAPELA 0
Local: Severiano Gomes Filho (Maceió); **Juiz:** Deoclécio Vaz; **Renda:** Cr$ 36 825 000; **Público:** 4 927
CRB: Índio, Xande, Hélio Carioca, César e Gérson; Roberto Nascimento, Jean e Gerônimo; Ivanildo, Rinaldo e Rildo (Elói). **Técnico:** Jaime
CAPELA: Pavão, Aírton, Marco Aurélio, Sílvio e Humberto; Jailson, Amando e Gílson; Carlinhos Souza, Serginho (Susu) e Jorginho. **Técnico:** Walmir Cereja
CRB 3 x Ipanema 1
CRB 5 x CSA 2
RESUMO DA CAMPANHA
42 J, 25 V, 14 E, 3 D, 78 GP, 31 GC

CRB Campeão Alagoano 1992

Em pé: Roberto Nascimento, César, Hélio Carioca, Gérson, Zezinho, Xande e Índio; **agachados:** Ivanildo, Rinaldo, Jean, Gerônimo e Rildo

BICAMPEÃO SERGIPANO

SERGIPE

MOLEZA, SÓ NA RETA FINAL

Foi preciso fôlego durante os nove meses de campeonato. Mas, na hora H, ninguém pôde com o Sergipe

Logo que o Campeonato Sergipano de 1992 entrou em sua fase mais quente, depois de quase oito meses de turnos, returnos e quadrangulares decisivos de cada turno, o atordoado torcedor pôde ter ao menos uma certeza: só mesmo um desastre poderia tirar o bi das mãos do Sergipe.

Na reta final, o time rubro entrava com quase inalcançáveis quatro pontos de bonificação, contra dois do Confiança, seu mais direto rival durante toda a campanha, e nenhum de Itabaiana e São Cristóvão, os dois outros participantes do que se convencionou chamar de quadrangular decisivo. Nem tudo, entretanto, foi tão fácil para o Sergipe como pôde parecer no final deste tão longo campeonato. O torcedor rubro que puxar pela memória vai se lembrar sem muita dificuldade da decepção do primeiro turno, quando dois empates (2 x 2 e 0 x 0) com o fraco São Cristóvão deixaram o título e os primeiros dois pontos de bonificação nas mãos do arqüinimigo Confiança. Menos mal que, mesmo sendo derrotado por 1 x 0 na partida extra, o time garantiu pelo menos um ponto para a decisão.

Foi a partir do segundo turno que tudo mudou. Calejada, a diretoria nem consultou o treinador Ivan Gradim, filho do falecido técnico vascaíno Gradim, para trazer os reforços que se faziam necessários. Vieram de uma só vez o lateral Cidinho, o meio-campo Zé Raimundo e o ponta Jorge, além do atacante Léniton — artilheiro da campanha do ano passado —, de volta de um empréstimo ao Bahia. Era tudo o que faltava para a disparada do bi: arrasando os adversários (a União de Propriá chegou a levar 10 x 0), o Sergipe ganhou, de uma só vez, o segundo turno invicto, o quadrangular do turno e mais três pontos de bonificação, entrando no quadrangular decisivo com quatro.

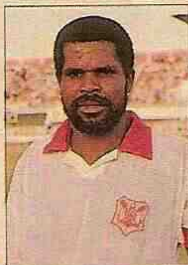
Aí, bastaram quatro vitórias seguidas logo nos primeiros jogos para confirmar antecipadamente o que todo mundo já sabia: ninguém pôde com o Sergipe.

FOTOS LUIZ CARLOS MOREIRA

Contra o São Cristóvão, 3 x 1: enfim o título, com duas rodadas de antecipação

O ARTILHEIRO

REI DO NORDESTE

*Osvaldo da Conceição **Rocha**, atacante de 35 anos que foi o artilheiro do Sergipe bicampeão e também do campeonato de 1992, com vinte gols, é um velho conhecido dos torcedores do Nordeste. Em 1989, por exemplo, este baiano de Salvador foi o maior goleador de todos os campeonatos estaduais, marcando 35 vezes com a camisa do Treze (PB). De resto, um hábito deste exímio goleador, que já fez a alegria dos torcedores da Catuense, do Botafogo (PB) e do Ferroviário (CE).*

A CAMPANHA

A MARATONA DE UM VENCEDOR

1º TURNO
Sergipe 2 x São Cristóvão 0
União 0 x Sergipe 1
Sergipe 6 x Estanciano 0
Gararu 3 x Sergipe 1
Sergipe 3 x Amadense 0
Itabaiana 3 x Sergipe 1
Maruinense 1 x Sergipe 3
Sergipe 0 x Confiança 1
QUADRANGULAR FINAL DO 1º TURNO
JOGOS DE IDA
Amadense 0 x Sergipe 1
São Cristóvão 2 x Sergipe 2
Sergipe 1 x Confiança 1
JOGOS DE VOLTA
Sergipe 0 x São Cristóvão 0
Sergipe 2 x Amadense 1
Confiança 0 x Sergipe 0
2º TURNO
Estaciano 0 x Sergipe 2
Sergipe 10 x União 0
Sergipe 2 x Maruinense 0
Amadense 0 x Sergipe 2
São Cristóvão 1 x Sergipe 2
Sergipe 5 x Gararu 2
Sergipe 1 x Itabaiana 1
Confiança 0 x Sergipe 2
QUADRANGULAR FINAL DO 2º TURNO
JOGOS DE IDA
Sergipe 1 x Gararu 1
Sergipe 1 x Itabaiana 1
Confiança 1 x Sergipe 1
JOGOS DE VOLTA
Gararu 1 x Sergipe 2
Itabaiana 0 x Sergipe 0
Sergipe 2 x Confiança 0
QUADRANGULAR FINAL TURNO
Sergipe 3 x Itabaiana 0
Confiança 1 x Sergipe 2
Sergipe 4 x São Cristóvão 1

RETURNO
22/novembro/92
SÃO CRISTÓVÃO 1 X SERGIPE 3
Local: Complexo Esportivo do Sesi (Carmópolis); Juiz: Róbson Santos Oliveira; Renda: Cr$ 26 100 000; Público: 2 610; Gols: Léniton 11 e Malvina 37 do 1º; Elenílson 40 e Léniton 46 do 2º; Cartão amarelo: Tuíca, Agnaldo, Pedro Aruba, Malvina, Sandoval e Marcos
SÃO CRISTÓVÃO: Schumacher, Pedro Aruba, Adílson, Gilvan e Neto; Malvina (Zezinho), Leu e Ferreira; Tuíca, Célio e Beto Sergipano. Técnico: Vilmar Luz
SERGIPE: Dílson, Agnaldo, Marcos, Luís Dias e Gildásio; Osvaldo, Sandoval e Elenílson; Jorge (Zé Raimundo), Léniton e Evandro (Rocha). Técnico: Ivan Gradim
Itabaiana 3 x Sergipe 0
Sergipe 2 x Confiança 0
RESUMO DA CAMPANHA
34 J, 21 V, 9 E, 4 D, 70 GP, 26 GC

SERGIPE Bicampeão Sergipano 1991/92

Em pé: Dílson, Osvaldo, Luís Freitas, Gildásio, Marcos, Denílson e Ivan Gradim (técnico); agachados: Evandro, Elenílson, Rocha, Léniton e Sandoval

BICAMPEÃO RONDONIANO

JI-PARANÁ

O MAIOR PAPÃO DO BRASIL

Antes de completar o segundo aniversário, o time de Rondônia é bi e promete uma longa hegemonia

O zagueiro Jaú vai ao ataque, na decisão: um time solidário acima de tudo

Qual clube em todo o mundo é capaz de conquistar dois campeonatos antes de completar dois anos de vida? A resposta lógica seria nenhum. Porém, em Rondônia, o Ji-Paraná, fundado em abril de 1991, arrematou consecutivamente as duas primeiras temporadas profissionais do futebol local e tornou-se o grande papão de títulos de seu Estado. Melhor: na campanha de 1992, venceu os dois turnos do campeonato e sofreu apenas uma derrota.

Tudo baseado em um trabalho de renovação que inclui a contratação de alguns jogadores do futebol amador de Rondônia e outros revelados nas divisões básicas do clube. Entre eles, o bom goleiro Araponga e o zagueiro Roberto. A jovem equipe contou até com alguns adolescentes, como o meia Lindomar, de 16 anos.

Não se pense, no entanto, que a vitória aconteceu por falta de adversários. Tanto que o clube sofreu três derrotas durante a campanha (uma vez para o Ariquemes e duas para o Flamengo, que chegou a aplicar uma goleada de 5 x 1). Mesmo assim, o Ji-Paraná manteve uma invencibilidade que dura desde sua fundação: jamais foi derrotado jogando em casa.

Para isso, contou de novo com a força de seu ataque, que marcou 45 gols em 24 jogos e impediu qualquer possibilidade de reação aos rivais. Não bastasse, o clube sofreu apenas vinte gols em 24 partidas, média de 0,8 por jogo. Agora resta aos rivais tentar tirar a diferença e conquistar o título no terceiro campeonato profissional do Estado, que acontecerá em 1993. Desde já, no entanto, o Ji-Paraná promete que o tri não lhe escapará.

O ARTILHEIRO

POR AMOR ÀS REDES

*O principal goleador do Ji-Paraná no Campeonato Rondoniano veio do futebol amador. É o atacante **Ademirzinho**, bicampeão amador pelo Londrina em 1989/90, que chegou ao clube no início de 1991 e garantiu sua posição na equipe. No Londrina, o jogador de 18 anos atuava como meia, mas foi deslocado para a ponta-direita, onde faz o papel de quarto homem de meio-campo. Com dezesseis gols, ele foi não apenas o goleador da equipe como o artilheiro de todo o Campeonato Rondoniano. E já chamou a atenção até de clubes do Sul, graças ao gol marcado na derrota por 4x1 para o Grêmio, pela Copa do Brasil — o seu primeiro com a camisa do Ji-Paraná.*

A CAMPANHA

BI AOS DOIS ANOS DE VIDA

1º TURNO
Ji-Paraná 2 x Flamengo 0
Ariquemes 1 x Ji-Paraná 0
Ji-Paraná 2 x Santos 0
Industrial 1 x Ji-Paraná 1
Ji-Paraná 5 x Ariquemes 0
Ji-Paraná 1 x Industrial 1
Santos 2 x Ji-Paraná 2
Flamengo 1 x Ji-Paraná 1
FASE DECISIVA
Ji-Paraná 2 x União 0
União 0 x Ji-Paraná 4
Flamengo 1 x Ji-Paraná 1
Ji-Paraná 2 x Flamengo 1
2º TURNO
Ji-Paraná 1 x Flamengo 0
Ariquemes 1 x Ji-Paraná 1
Ji-Paraná 2 x Santos 0
Industrial 1 x Ji-Paraná 1
Flamengo 3 x Ji-Paraná 2
Ji-Paraná 2 x Ariquemes 0
Santos 0 x Ji-Paraná 2
Ji-Paraná 1 x Industrial 0
FASE DECISIVA
Flamengo 5 x Ji-Paraná 1
Ji-Paraná 1 x Flamengo 0
(Na prorrogação 1 x 1, nos pênaltis 5 x 4 para o Ji-Paraná)
Ji-Paraná 5 x Esportivo 0

29/novembro/92
ESPORTIVO 1 X JI-PARANÁ 2
Local: Municipal Espigão do Oeste (Espigão); **Juiz:** Francisco Hudson; **Renda:** Cr$ 14 135 000; **Gols:** Fabinho 18 e Darci 26 do 1º; Fabinho 44 do 2º
ESPORTIVO: Higuita, Zé Carlos, Juarez, Bigu e Biroco; Rogê, Arisolo, Rui e Tim; Darci e Belém. **Técnicos:** Darci e Derli
JI-PARANÁ: Araponga, Joélson, César, Jaú e Oliveira; Joselito (Cebola), Anísio e Lindomar; Ademirzinho, Gersinho e Fabinho. **Técnico:** Luís Pole
RESUMO DA CAMPANHA
24 J, 14 V, 7 E, 3 D, 45 GP, 20 GC

JI-PARANÁ Bicampeão Rondoniano 1992

Em pé: Davi Lourenço, Toninho Funai, Manoel Lamego, Carioca, Jaú, Vicente Lélis, Jacildo, Oliveira, Joselito, Neves, Róbson e Darcy; **agachados:** Gersinho, Claudecir, Ademirzinho, Fabinho, Orli, Lindomar, Rogério e Cebola

CAMPEÃO PIAUIENSE

4 DE JULHO

O INTERIOR VENCE MAIS UMA

O time de Piripiri quebra o jejum e Teresina, pelo segundo ano seguido, só aplaude

Foi a quebra de um curto, mas penoso jejum. Desde que começou a disputar o Campeonato Piauiense, em 1988, o 4 de Julho, da cidade de Piripiri, amargava a fama de sempre morrer na praia. Apesar de ser um clube modesto, chegou às finais dos Estaduais de suas duas primeiras temporadas, mas teve que se contentar com o vice-campeonato. Em 1992, a história parecia se repetir. O time foi o segundo colocado no primeiro turno, mas deu a volta por cima e arrebatou finalmente seu primeiro título.

A conquista, mais do que da pequena Piripiri, a 171 km de Teresina, foi do interior do Piauí. Afinal, pelo segundo ano seguido a capital, Teresina, assistiu a um desfile de eficiência dos clubes de fora de seus limites (em 1991, a vitória foi do Picos). A equipe, no entanto, contou com uma vantagem: três dos principais clubes da capital deixaram de disputar o campeonato profissional, os tradicionais Ríver, Piauí e Flamengo.

Mesmo assim, o 4 de Julho precisou vencer todas as dificuldades financeiras para fazer uma boa campanha. Contou, para isso, com o apoio da Prefeitura de Piripiri e foi acumulando vitórias até chegar à partida decisiva, contra o Paysandu. Aí, a vitória veio através de Batistinha, após cruzamento do artilheiro Didi. A dupla responsável pelo gol do título marcou em conjunto 27 dos 41 gols da equipe, o equivalente a 65% (Didi marcou 15 e Batistinha, 12). A partir de agora, a diretoria, sempre com o apoio da prefeitura, pretende reforçar o elenco, para, ao menos, não fazer feio na Copa do Brasil de 1993 e honrar o nome da pequena Piripiri nos noticiários esportivos de todo o Brasil.

FOTOS CICERO ROCHA

O 4 de Julho marca mais um: uma cena que se repetiu 41 vezes no Piauí em 92

O ARTILHEIRO

SEM FALSA MODÉSTIA

*O interior do Piauí não conseguiu um bicampeonato apenas entre os times. Pela segunda vez o interior teve o artilheiro da competição. Foi o atacante **Didi**, goleador máximo do Estado com quinze gols (em 91 foi Valberto, do Cori-Sabbá). E Didi não tem falsa modéstia. Sondado para reforçar o Fortaleza em 1993, o jogador já mostrou sua intenção de se consagrar em um clube de maior expressão: "Podem esperar que vou marcar ainda mais gols", promete. A torcida do 4 de Julho dá seu aval e garante que o Ceará terá muitas emoções.*

A CAMPANHA

SÓ DEU O TIME DE PIRIPIRI

1º TURNO
4 de Julho 4 x Comercial 1
Tiradentes 1 x 4 de Julho 3
Parnaíba 1 x 4 de Julho 2
4 de Julho 2 x Auto Esporte 0
4 de Julho 4 x Cori-Sabbá 1
Picos 0 x 4 de Julho 1
4 de Julho 0 x Paysandu 0
Caiçara 1 x 4 de Julho 1

FASE SEMIFINAL
Tiradentes 1 x 4 de Julho 2
4 de Julho 2 x Tiradentes 1

FINAL
Paysandu 1 x 4 de Julho 0
4 de Julho 3 x Paysandu 0
(Nos pênaltis, 3 x 4)

2º TURNO
4 de Julho 4 x Auto Esporte 0
Picos 2 x 4 de Julho 0
4 de Julho 3 x Tiradentes 0
Paysandu 1 x 4 de Julho 1

3º TURNO
Paysandu 0 x 4 de Julho 0
4 de Julho 2 x Paysandu 0

FINAIS
Cori-Sabbá 0 x 4 de Julho 0
4 de Julho 5 x Cori-Sabbá 0
4 de Julho 1 x Cori-Sabbá 1

6/dezembro/92
4 DE JULHO 1 X PAYSANDU 0
Local: Helvídio Nunes (Piripiri); **Juiz:** Lineu Antônio de Lisboa Júnior Santos; **Renda:** Cr$ 27 065 800; **Público:** 3 360; **Gol:** Batistinha 13 do 2º; **Cartão amarelo:** Luís Eduardo e Márcio
4 DE JULHO: Guará, Laércio, Alencar, Zezé e Marcelino; Alemão, Ivo e Luís Eduardo; Paulinho, Didi e Batistinha (Derica). **Técnico:** Oliveira Ceará
PAYSANDU: Hermes, Márcio, Bilé, Brito e Da Paz; Celso, Pinduca (Cacá) e Cadu; Preto, Irã e Fernando (Everardo). **Técnico:** Leony Veras Lopes
RESUMO DA CAMPANHA
22 J, 14 V, 6 E, 2 D, 41 GP, 12 GC

4 DE JULHO Campeão Piauiense 1992

4 DE JULHO CORISABBA
0 X 0

Em pé: Guará, Alemão, Laércio, Alencar, Zezé e Marcelino; **agachados:** Paulinho, Luís Eduardo, Didi, Toinho e Batistinha

CAMPEÃO ACREANO

RIO BRANCO

VERDADEIRO TIME DE CHEGADA

Depois de três vice-campeonatos, o Rio Branco ganha o título e acaba com a fama de morrer na praia

O apito final do juiz José Ribamar Pinheiro de Almeida foi como um grito de libertação para os torcedores do Rio Branco. Depois de três campeonatos seguidos conseguindo apenas o vice-campeonato, o clube conquistara a fama de sempre morrer na praia. Por isso, até os mais fanáticos torcedores já desconfiavam da sorte da equipe nas finais, mesmo depois de vê-la liderar todo o Campeonato Acreano. Na hora de decidir, porém, o time não negou fogo e, superando o rival Independência, conquistou invicto o primeiro título estadual de sua história (este foi o quarto campeonato profissional do Acre).

A vitória, no entanto, foi resultado de um trabalho obstinado. O Rio Branco montou uma equipe jovem, toda com jogadores formados em casa (a única contratação foi o meia Cláudio Roberto, do Sobradinho, de Brasília) e foi mostrando, jogo a jogo, a sua superioridade. Venceu o primeiro turno e chegou ao final do segundo empatado com o Independência. A igualdade provocou a realização de um jogo extra. Uma vitória garantia o título ao Rio Branco. A derrota ainda lhe permitiria disputar uma melhor-de-três-pontos contra o mesmo Independência, já que o regulamento previa o confronto dos dois campeões de turnos na final do torneio. Mais uma vez, porém, o time mostrou que era invencível, fazendo 3 x 1 e arrebatando o título.

Os torcedores adversários ainda tentaram desmerecer a conquista da equipe apontando para as ausências de Juventus (bicampeão em 1989 e 1990) e Vasco, que, licenciados, ausentaram-se do campeonato. Nem isso, no entanto, impediu que a festa do Rio Branco contagiasse toda a capital acreana. Afinal, daqui em diante, ninguém mais pode dizer que o clube não é um time de chegada. A partir de agora ele é o mais legítimo e insuperável campeão de seu Estado.

FOTOS AGENOR MARIANO

Siqueira e Paulo Henrique: 47% dos gols do Rio Branco saíram dos pés da dupla

O ARTILHEIRO

OS VELHINHOS CONSAGRADOS

Se não bastasse ser o campeão estadual, o Rio Branco teve também os dois principais artilheiros do certame. Foram os meias ***Siqueira*** *e* ***Paulo Henrique,*** *que marcaram quatro gols cada e contribuíram com 47% dos dezessete anotados por todo o ataque campeão. A consagração dos dois, porém, veio tarde. Ambos já têm 30 anos e passaram as últimas temporadas quase no anonimato.*

Siqueira ainda teve a sorte de conquistar os títulos acreanos de 1989 e 1990, pelo Juventus, embora fosse apenas um coadjuvante nas campanhas dos títulos. Paulo Henrique, porém, teve momentos mais difíceis. Ele foi jogador do Juventus na época do amadorismo (que durou até 1988), mas há cinco anos já havia abandonado o futebol. Em 1992, no entanto, retornou ao Rio Branco para se consagrar como ídolo da torcida alvirrubra. Sorte do clube, que montou a dupla mais goleadora do futebol acreano e amedrontou todas as defesas.

E da torcida, que, com Paulo Henrique e Siqueira, pôde comemorar muitos gols.

A CAMPANHA

A HISTÓRIA DA CONQUISTA

1º TURNO
Adesg 0 x Rio Branco 2
Rio Branco 2 x Andirá 1
Independência 1 x Rio Branco 1
Rio Branco 0 x Atlético 0
2º TURNO
Andirá 0 x Rio Branco 0
Rio Branco 7 x Adesg 1
Rio Branco 0 x Independência 0
Rio Branco 2 x Atlético 0
Rio Branco 3 x Independência 1
FINAL
11/outubro/92
RIO BRANCO 3 x INDEPENDÊNCIA 1
Local: José de Melo (Rio Branco); Juiz: José Ribamar Pinheiro de Almeida; Renda: Cr$ 2 030 000;.Público: 406; Gols: Ulisses 4, Paulo Henrique 12 e Cláudio 39 do 1º; Jean 24 do 2º; Cartão amarelo: Marcelo, César, Querré e Jean; Expulsão: Alan
RIO BRANCO: Kloswbey, Evandro, Chicão, Carlos e Jorge Cubu; Merica, Paulo Henrique e Siqueira; Cláudio, Ulisses (Marquinhos) e Jamerson (Charles). Técnico: Paulo Roberto
INDEPENDÊNCIA: Mazinho, Ozimar, Paulão, Marcelo e Kennedy; Milton (César), Alan e Querré; Carioca (Jean), Bal e Pitiú. Técnico: Aníbal Honorato

RIO BRANCO Campeão Acreano/1992

Em pé: Kloswbey, Carlos, Evandro, Merica, Jorge Cubu e Chicão; **agachados:** Cláudio, Ulisses, Siqueira, Paulo Henrique e Jamerson

CAMPEÃO AMAZONENSE

SUL AMÉRICA

MANAUS FOGE À ROTINA

O Trem da Colina ganha o título estadual e acaba com uma tradição que já durava 19 anos

O futebol amazonense tem uma nova força. Depois de dezenove anos assistindo à hegemonia da dupla Rio Negro e Nacional, o Estado viu, em 1992, o desfile de competência de um clube modesto: o Sul América, fundado há sessenta anos e que dominou o campeonato de ponta a ponta. De quebra, sua pequena torcida teve o prazer de ver o título assegurado com uma vitória de 2 x 1 contra um dos papões amazonenses, o Rio Negro. E, daquele jogo em diante, Manaus fez uma festa para grande nenhum botar defeito.

Foi um prêmio à melhor campanha de todo o certame. O Sul América disputou dezoito partidas, obteve oito vitórias e cinco empates, sofrendo cinco derrotas, sempre comandado pelo goleador Bismarck. E as derrotas aconteceram apenas durante três turnos classificatórios, quando os dois pontos não eram indispensáveis. Na reta de chegada, o Trem da Colina (apelido da equipe no Estado) entrou para matar ou morrer. Primeiro venceu o Nacional por 1 x 0. Depois, na partida que assegurou a taça, superou o Rio Negro e garantiu a conquista, beneficiado pela melhor campanha.

A alegria maior, porém, só aconteceu no domingo seguinte. Campeão antecipado, o Sul América entrou em campo para enfrentar o São Raimundo, seu rival mais tradicional. A vitória por 1 x 0 levou os torcedores a uma felicidade sem igual. Afinal, depois de sessenta anos de espera, o título era conquistado em cima do principal inimigo. Tristes ficaram apenas as torcidas de Rio Negro e Nacional, que não sentiam juntas o peso da derrota desde que a extinta Rodoviária sagrou-se campeã, em 1973. Mas, em 1992, elas tiveram que aceitar novas cores na festa de Manaus, que se tingiu de vermelho e branco. A partir de agora, os amazonenses têm que se acostumar com uma nova realidade. O Sul América é campeão. E acabou-se a rotina.

FOTOS RONALDO ASSIS

A festa vermelha e branca acaba com a monotonia em Manaus

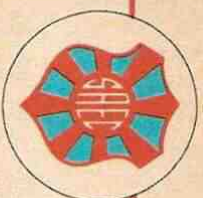
O ARTILHEIRO

DESCONHECIDO MAS EFICIENTE

As maiores alegrias da torcida do Sul América começaram nos pés de um jogador desconhecido, mas extremamente eficiente. O atacante ***Bismarck****, de 24 anos, marcou oito gols durante a campanha, inclusive o que assegurou o campeonato, contra o Rio Negro. Foi o vice-artilheiro do Campeonato Amazonense, ao lado de Camarão, do Nacional, e atrás apenas de Humberto, do Rio Negro, que fez onze. Agora Bismarck espera ser negociado com o futebol paulista, onde já defendeu Santo André e São Bento. "Tenho certeza de que tenho futebol para ser titular em São Paulo", diz.*

A CAMPANHA

ASSIM NASCEU O CAMPEÃO

1º TURNO
Sul América 2 x Fast 0
Nacional 0 x Sul América 0
Sul América 1 x América 0
Sul América 0 x São Raimundo 1
Rio Negro 2 x Sul América 0
2º TURNO
América 2 x Sul América 1
Fast 0 x Sul América 0
Sul América 0 x Rio Negro 1
Sul América 2 x São Raimundo 0
Sul América 0 x Nacional 2
3º TURNO
Sul América 0 x Fast 0
Rio Negro 1 x Sul América 1
Nacional 0 x Sul América 2
Sul América 4 x América 0
São Raimundo 0 x Sul América 0
QUADRANGULAR FINAL
Nacional 0 x Sul América 1
O JOGO DO TÍTULO
29/novembro/92
SUL AMÉRICA 2 x RIO NEGRO 1
Local: Vivaldo Lima (Manaus); **Juiz:** Jorge Sabino Leite; **Renda:** Cr$ 13 610 000; **Público:** 1 028; **Gols:** Serginho 15, Bismarck 26 e Humberto (pênalti) 38 do 2º; **Expulsão:** Femandinho e Gílson Leão
SUL AMÉRICA: Guanair, Tavares (Gílson Leão), Marcelo Gomes, Donizetti e Ânderson; Rogério, Paulo Henrique e Serginho (Mamão); Glaedson, Bismarck e Zedivan. **Técnico:** Nivaldo Santana
RIO NEGRO: Luís Roberto, Beto Pastor, Paulo Marcelo, Edninaldo e Sérgio Moura; Kléber, Fernandinho e Paulão; Luisinho (Robertinho), Humberto e Hidalgo. **Técnico:** José Dutra
Sul América 1 x São Raimundo 0
RESUMO DA CAMPANHA
18 J, 8 V, 5 E, 5 D, 17 GP, 10 GC

SUL AMÉRICA Campeão Amazonense 1992

Em pé: Toninho, Guanair, Tavares, Marcelo Gomes, Donizetti, Ânderson, Rogério, Paulo Henrique, Serginho, Renato Garganta e Mamão; **agachados:** Iseldes, Sandro, Danilo, Bismarck, Glaedson, Marcelo Lopes, Zedivan e Gílson Leão

TRICAMPEÃO MARANHENSE

S.C.F.C.

SAMPAIO CORRÊA

O ÚNICO TRI DO BRASIL

Não houve no país nenhum outro clube que tenha chegado ao tricampeonato no ano passado. Só o velho Sampa

CARLOS SERRA

Ninguém superou o elenco do Sampaio Corrêa. Só ele é tri no país

Nenhuma outra equipe brasileira conquistou em 1992 o tricampeonato estadual a não ser o Sampaio Corrêa. Mas não foi fácil. O time boliviano, como o clube é conhecido no Maranhão, por causa de suas cores, começou o campeonato cheio de indecisão, só conseguindo recuperar-se no terceiro turno, quando desbancou o arquirrival Moto Clube e classificou-se para o Triangular Final com Pinheiro e Maranhão. Até garantir a vaga para esta etapa decisiva da competição, o velho Sampa havia jogado 39 partidas, acumulando dezoito vitórias, doze empates e nove derrotas, marcando 55 gols e sofrendo 31. Na verdade, era a segunda melhor campanha (48 pontos ganhos) do certame, já que o Moto Clube somara nada menos do que 56 pontos.

Como, no entanto, o Moto não se classificou para a fase final, o Sampaio herdou a vantagem de poder conquistar o título se terminasse o triangular empatado tanto com o Pinheiro quanto com o Maranhão. E foi justamente o que aconteceu. Na primeira partida da etapa decisiva, empatou em 0 x 0 com o Pinheiro, que repetiu o resultado contra o Maranhão. Assim, o time boliviano foi para a última partida do triangular precisando apenas de mais um empate contra o Maranhão para conquistar o título.

E deu, mais uma vez, um 0 x 0. O Maranhão, que está há doze anos sem ganhar um campeonato, até que tentou a vitória. Foi a equipe mais bem organizada em campo e cansou de perder chances de gol, mas o Sampaio Corrêa resistiu à pressão do adversário, conquistou seu 24º título estadual e a honra de ter sido o único tricampeão do Brasil no ano passado.

O ARTILHEIRO

PASSAPORTE PARA A FAMA

BAÉTA

*O centroavante **Zé Roberto,** de 32 anos, chegou ao Sampaio Corrêa trocado com o Moto Clube por Bacabal, no início de 92. Veterano, rapidamente ganhou a confiança da torcida boliviana, marcando muitos gols. Até a metade do campeonato, fez catorze e assumiu a liderança dos goleadores. Tantos gols serviram como passaporte para ir jogar no futebol suíço e encher de dólares os cofres do tricampeão maranhense. Somente depois disso é que foi ultrapassado na luta dos artilheiros, pelo próprio Bacabal, que anotou dezesseis. Mas, com seus catorze e um número de jogos inferior, mostrou que é um verdadeiro goleador.*

A CAMPANHA

DA INDECISÃO À GLÓRIA

1º TURNO
Sampaio Corrêa 0 x Tupan 1
Bacabal 1 x Sampaio Corrêa 0
Sampaio Corrêa 3 x Vitória 0
Sampaio Corrêa 2 x Expressinho 0
Sampaio Corrêa 3 x Boa Vontade 0
Sampaio Corrêa 2 x Tupan 1
Sampaio Corrêa 0 x Boa Vontade 0
Sampaio Corrêa 3 x Expressinho 1
Sampaio Corrêa 3 x Vitória 0
Sampaio Corrêa 0 x Expressinho 0
Bacabal 1 x Sampaio Corrêa 2
Sampaio Corrêa 0 x Maranhão 0
Sampaio Corrêa 1 x Pinheiro 0
Sampaio Corrêa 0 x Moto 1
Sampaio Corrêa 3 x Tupan 1
Bacabal 0 x Sampaio Corrêa 0
Sampaio Corrêa 0 x Moto 1
Sampaio Corrêa 1 x Maranhão 1

2º TURNO
Sampaio Corrêa 5 x Tupan 2
Pinheiro 2 x Sampaio Corrêa 1
Sampaio Corrêa 1 x Expressinho 1
Sampaio Corrêa 3 x Maranhão 0
Sampaio Corrêa 2 x Moto 2
Sampaio Corrêa 0 x Pinheiro 0
Sampaio Corrêa 1 x Maranhão 0
Sampaio Corrêa 2 x Bacabal 0
Sampaio Corrêa 1 x Moto 2
Bacabal 2 x Sampaio Corrêa 1
Sampaio Corrêa 3 x Pinheiro 1
Sampaio Corrêa 1 x Moto 1
Sampaio Corrêa 2 x Maranhão 2
Sampaio Corrêa 0 x Moto 2
Sampaio Corrêa 1 x Pinheiro 1

3º TURNO
Pinheiro 1 x Sampaio Corrêa 1
Sampaio Corrêa 1 x Maranhão 0
Sampaio Corrêa 1 x Moto 2
Sampaio Corrêa 3 x Pinheiro 1
Sampaio Corrêa 1 x Moto 0
Sampaio Corrêa 1 x Maranhão 0

FINAIS
Sampaio Corrêa 0 x Pinheiro 0

19/dezembro/92
SAMPAIO CORRÊA 0 x MARANHÃO 0
Local: Castelão (São Luís); **Juiz:** Marcelo Filho; **Renda:** Cr$ 130 910 000; **Público:** 5 926; **Cartão amarelo:** Lourenço, Catita, Ismael, Paulo Roberto, Oliveira Lima e Juca; **Expulsão:** Júlio César, Luís Carlos e Paulo Roberto
SAMPAIO CORRÊA: Juca Baleia, Tarantini, Bado, Zarur e Catita; Zé Carlos, Júlio César e Dico Maradona (Lourenço); Ismael, Júnior (Baroninho) e Paulo Roberto. **Técnico:** Meinha
MARANHÃO: Wellington, Marco, Renato, Oliveira Lima e Reginaldo (Josenildo); Barrote, Batista (Mael) e Jacinto; Luís Carlos, Juca e Jackson. **Técnico:** Roscli
RESUMO DA CAMPANHA
41 J, 18 V, 14 E, 9 D, 55 GP, 31 GC

SAMPAIO CORRÊA Tricampeão Maranhense 1992

Em pé: Zé Carlos, Toninho, Denílson, Badu, Tarantini, Zarur, Júlio César e Ronílson; **fila do meio:** Ismael, Luís Carlos, Leo, Catiba, Lourenço, Júnior, Dico Maradona, Paulo Roberto e Juca Baleia; **sentados:** Rivelino, Rogério, Nílson, Baroninho, Raimundinho, Roy e Jorge

MAIS CAMPEÕES

OS DONOS DA BOLA PELO MUNDO

Aqui, todos os vencedores das principais competições disputadas nos cinco continentes no ano de 1992

AS SELEÇÕES QUE SE CONSAGRARAM

Torneios/Campeãs
Copa da África **COSTA DO MARFIM**
Copa da Ásia **JAPÃO**
Copa da Concacaf **ESTADOS UNIDOS**
Copa da Europa **DINAMARCA**
Copa das Nações (A. Saudita) **ARGENTINA**
Sul-Americano de Juniores **BRASIL**

AS DISPUTAS ENTRE CLUBES

Torneios/Campeões
Mundial Interclubes **BARCELONA** (Espanha)
Copa dos Campeões da Europa **BARCELONA** (Espanha)
Copa da UEFA **AJAX** (Holanda)
Libertadores **SÃO PAULO** (Brasil)
Recopa **WERDER BREMEN** (Alemanha)
Supercopa da Libertadores **CRUZEIRO** (Brasil)
Taça Conmebol **ATLÉTICO MINEIRO** (Brasil)

OS PRINCIPAIS CAMPEÕES DA EUROPA

País	Campeão nacional	Campeão de Copa
Alemanha	Stuttgart	Hannover 96
Bélgica	Bruges	Anversa
Dinamarca	Lingby	AGF Aarhus
Escócia	Glasgow Rangers	Airdrieonians
Espanha	Barcelona	Atlético de Madrid
França	Olympique Marselha	*
Holanda	PSV Eindhoven	Feyenoord
Inglaterra	Leeds United	Liverpool
Itália	Milan	Parma
Portugal	Porto	Boavista
Rússia	CSKA Moscou	Spartak Moscou

** A decisão da Copa da França foi cancelada devido à queda de uma parte das arquibancadas metálicas na semifinal entre Olympique Marselha e Bastiá.*

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573-900, Caixa Postal 14110 - Freguesia do Ó, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: Editabril/Abrilpress.
Administração: r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515-010, tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS

BRASIL

Belo Horizonte: r. Paraíba, 1122, 18.º andar, Bairro Funcionários, CEP 30130-141, tels.: (031) 261-6799/7070, Telex (031) 1085, FAX: (031) 261-7114

Blumenau: r. 7 de Setembro, 1574, 5.º andar, CEP 89010-202, tel.: (0473) 26-1415, Telex (0473) 47-1071, FAX: (0473) 26-0902

Brasília: SCN - Edifício Brasília Trade Center, 14.º e 15.º andares, CEP 70710-902, tel.: (061) 315-7575, Telex (061) 1464, FAX: (061) 226-7592, Telegramas: Abrilpress

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/133, Centro, CEP 13010-210, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 193311, FAX: (0192) 23281

Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79052-170, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685

Cuiabá: r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78058-330, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674

Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530-000, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5566

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88010-100, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 1004, FAX: (0482) 24-5873

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150-161, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607

Goiânia: r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74175-060, tel.: (062) 241-3756

Natal: r. Dr. Múcio Galvão, 435, Lagoa Seca, CEP 59020-550, TELEFAX: (084) 223-2303

Porto Alegre: r. Antenor Lemos, 57, 8.º andar, Sala 802, Bairro Menino Deus, CEP 90850-100, tel.: (051) 229-5899, Telex (051) 1092, FAX: (051) 229-4857, Telegramas: Abrilpress

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020-000, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896

Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010-170, TELEFAX: (016) 634-9376

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290-030, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 6.º andares, salas 303 e 604, Bairro Pituba, CEP 41820-021, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245-670, tel.: (0123) 21-1126, FAX: (0123) 21-5046

Vitória: av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º andar, conj. 1002/1004, Centro, CEP 29010-004, TELEFAX: (027) 223-4688

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, CEP 05583-000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** (011) 823-9222

ANER IVC

IMPRESSA NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.